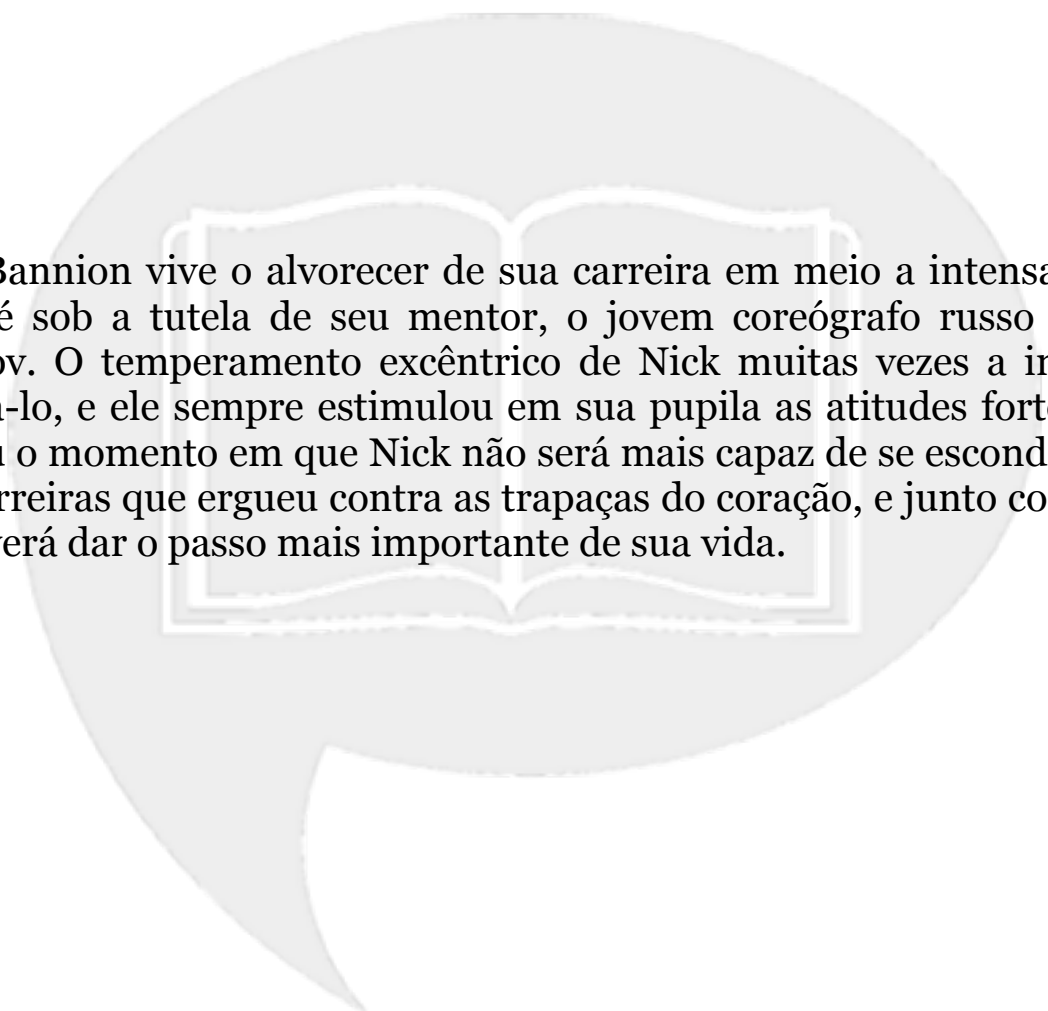




NORA ROBERTS

DANÇA
dos SONHOS



Ruth Bannion vive o alvorecer de sua carreira em meio a intensas aulas de balé sob a tutela de seu mentor, o jovem coreógrafo russo Nikolai Davidov. O temperamento excêntrico de Nick muitas vezes a impele a desafiá-lo, e ele sempre estimulou em sua pupila as atitudes fortes. Mas chegou o momento em que Nick não será mais capaz de se esconder atrás das barreiras que ergueu contra as trapaças do coração, e junto com Ruth ele deverá dar o passo mais importante de sua vida.

Capítulo 1

O gatinho estava deitado imóvel, de costas, com os olhos fechados e as patas da frente dobradas sobre o peito branco. Os últimos raios de sol atravessavam as compridas persianas verticais e iluminavam seu pelo alaranjado. Ele não se incomodou com o barulho da chave na fechadura, que quebrou o silêncio do apartamento. Mal abrindo os olhos, o gatinho ouviu a voz da sua dona; então, fechou os olhos novamente, preguiçoso, quando percebeu que ela não estava mais sozinha. Ela trouxera aquele homem de novo. Como o gatinho não gostava dele, voltou a dormir.

— Mas, Ruth, não são nem 20h. Ainda é dia lá fora. Ruth deixou as chaves caírem sobre a elegante mesa Queen Anne ao lado da porta e, então se virou para ele, com um sorriso:

— Donald, eu lhe disse que tinha de fazer isso no começo da noite. O jantar estava ótimo. Estou feliz por você ter me convidado para sair.

— Neste caso — ele disse, tomando-a em seus braços com um movimento ligeiro —, deixe-me convencê-la a esticar a noite.

Ruth aceitou o beijo, deliciando-se com o calor repentino sob a pele. Mas quando ele a puxou para mais perto, Ruth se afastou.

— Donald! — Seu sorriso tinha a mesma doçura de antes do beijo. — Você tem de ir embora.

— Uma bebida antes de dormir — sugeriu ele, baixinho, beijando-a novamente, de modo suave, persuasivo.

— Não esta noite. — Ruth se livrou dos braços dele. — Eu tenho aula amanhã de manhã, Donald, e, depois, um dia cheio de ensaios e exercícios.

Ele lhe deu um beijo rápido na testa.

— Seria mais fácil para mim se houvesse outro homem, mas essa paixão pela dança... — Ele deu de ombros antes de resolver, relutantemente, sair. Donald se perguntava se estava perdendo o charme.

Ruth Bannion foi a primeira mulher, em mais de dez anos, capaz de conquistá-lo e segurá-lo com tanta firmeza e sucesso. Ele se perguntava por que insistia em voltar. Ruth abriu a porta para ele, sorrindo longamente pela última vez enquanto o empurrava para fora. Um vislumbre da silhueta

dela na luz fraca do fim do dia antes de a porta se fechar respondia a questão. Ruth era mais do que bonita — ela era única.

Ruth ainda estava sorrindo quando passou a tranca na porta. Ela gostava de Donald Keyser. Ele era alto e sério, e elegantemente bonito, com um humor exacerbado e um gosto refinado. Ruth respeitava seu talento como estilista, ela mesma vestia várias das criações dele, e conseguia relaxar quando estava em sua companhia — quando tinha tempo. Claro que ela sabia que Donald preferia uma relação mais íntima.

Foi fácil para Ruth rejeitar essa ideia. Ela se sentia atraída por Donald e gostava do rapaz. Mas ele não mexia com suas emoções. Embora soubesse que Donald pudesse fazê-la rir, Ruth duvidava que ele fosse capaz de fazê-la chorar. Virando-se para o apartamento escuro, sentiu uma pontada de arrependimento. Ela se sentiu, de repente, sozinha.

A bailarina se virou para se observar no espelho retangular, de moldura dourada, pendurado no hall de entrada. Era uma das primeiras coisas que Ruth havia comprado quando se mudou para aquele apartamento. O espelho era antigo, e ela pagara um preço absurdo por ele, apesar das manchas negras perto do canto direito, em cima. Significara muito para Ruth ter sido capaz de pendurar aquele espelho na parede do seu próprio apartamento, sua própria casa. Agora, com a luz cada vez mais fraca, ela observava seu próprio reflexo.

Ruth deixara o cabelo solto para a noite, e ele caía sobre seus ombros até os cotovelos. Com um gesto impaciente, jogou o cabelo todo para trás. Ele se agitou e depois se aquietou em suas costas, negro e grosso. Ruth tinha um rosto pequeno e delicado, mas seus traços eram desiguais. Sua boca era generosa, seu nariz, pequeno e reto, e seu queixo uma sutil saliência. Embora os ossos de sua face fossem elegantes, os olhos castanho-escuros eram enormes e amendoados, como os de um gato. As sobrancelhas eram escuras e retas. Um rosto exótico, diziam-lhe, mas Ruth não via beleza naquilo. Ela sabia que com a maquiagem e a iluminação certas poderia ficar linda, mas isso era diferente. Era uma ilusão, um papel a ser interpretado, não era Ruth Bannion.

Com um suspiro, ela se afastou do espelho e andou até o sofá vitoriano de veludo. Sabendo que, agora, sua dona estava sozinha, Nijinsky rolou, se espreguiçou e bocejou exageradamente antes de massagear com as patas o colo de Ruth para nele se deitar. Ruth coçava as orelhinhas do gato

distraidamente. Ela se perguntava quem era Ruth Bannion.

Cinco anos antes, ela era uma aluna muito imatura e muito ansiosa, começando uma nova fase de estudos em Nova York. Graças a Lindsay, lembrou-se, com um sorriso. Lindsay Dunne, professora, amiga, ídolo — a bailarina clássica mais elegante entre todas as que Ruth vira. Ela convencera seu tio Seth a deixá-la mudar-se para a cidade. Foi um consolo pensar neles agora, casados e morando na Mansão Cliff, em Connecticut, com seus filhos. Todas as vezes que Ruth os visitava, sentia que o amor e a felicidade permaneciam com ela por semanas. Jamais vira duas pessoas mais certas uma para a outra e mais apaixonadas. Exceto, talvez, por seus pais.

Mesmo depois de seis anos, pensar em seus pais lhe provocava uma onda de tristeza — por si mesma e pela perda trágica de duas pessoas brilhantes e amáveis. Mas, de um jeito estranho, Ruth sabia que só estava naquela situação por causa da morte deles.

Seth Bannion se tornara seu tutor, e a mudança dos dois para a pequenina cidade litorânea em Connecticut pusera Lindsay em suas vidas. Foi graças a Lindsay que Seth pôde ver que Ruth precisava de mais treinamento. Ela sabia que não tinha sido fácil para seu tio permitir que ela se mudasse para Nova York, com apenas 17 anos. Ruth fora, claro, bem cuidada pelos Evanston, mas foi difícil para Seth deixá-la ir para uma vida que, ele sabia, seria difícil e exigente. Foi o amor que o fez hesitar, e o amor que, em determinado momento, levou-o àquela decisão. A vida de Ruth mudou para sempre.

Ou, talvez, pensou, sua vida tenha mudado desde a primeira vez que entrara na escola de dança de Lindsay. Foi lá que ela executou sua primeira coreografia para Davidov.

Como ela estava assustada! Ruth ficou na frente do homem que era considerado o melhor bailarino da década. Um mestre, uma lenda! Nikolai Davidov, que só fazia par com as mais talentosas bailarinas, incluindo Lindsay Dunne. Na verdade, Nick fora a Connecticut para convencer Lindsay a voltar para Nova York para estrear o balé que ele compusera. Ruth ficou encantada com a presença de Nick e quase emocionada demais para se mexer quando ele a mandou dançar. Mas Nikolai fora agradável. Um sorriso se insinuou na boca de Ruth quando ela se jogou para trás, nas almofadas. E quem poderia ser mais agradável do que Nick quando ele

queria? Ruth obedecera às suas ordens, esquecendo-se de si mesma no movimento e na música. Depois ele disse aquelas palavras simples e impressionantes: "Quando for a Nova York, procure por mim."

Ruth era nova demais e pensava em Nikolai Davidov como um nome a ser adorado com reverência. Ela teria dançado descalça em plena Broadway se Nick mandasse.

Ela trabalhava duro para agradá-lo, assustada com seu temperamento abusivo e incapaz de suportar a frieza de sua desaprovação. E Nick a pressionava. Ela se lembrava de como ele era sempre exigente, e sem piedade alguma. Havia noites em que Ruth se encolhia na cama, exausta demais até mesmo para chorar. Mas, então, Nick sorria ou a elogiava, e todos os momentos desagradáveis desapareciam.

Ruth dançara com ele, lutara com ele, rira com ele e observara a mudança gradual nele ao longo dos anos. Mesmo assim, ainda havia algo de misterioso na personalidade de Nick.

Talvez esse fosse o segredo que tanto atraía as mulheres, pensou Ruth: o ar sutil de mistério, o sotaque estrangeiro, a relutância em falar sobre o passado. Ruth deixara de idolatrar Nikolai há anos. Ela sorriu, lembrando-se da intensidade da atração que sentira por ele. Nick pareceu nem notar. Ruth tinha acabado de completar 18 anos. Ele estava com quase trinta e cercado por mulheres lindas. E ainda está, lembrou-se Ruth, sorrindo um sorriso triste, esticando-se toda para se espreguiçar. O gatinho, desalojado do colo da dona, fugiu, ressentido.

Meu coração está intacto e seguro, pensou Ruth. Talvez seguro demais. Ela pensou em Donald. Bem, quanto a isso não podia fazer nada. Ruth bocejou e se espreguiçou. E ela ainda tinha aulas na manhã seguinte.

O suor ensopava a camiseta de Ruth. A coreografia de Nick para A Rosa Escarlata era complicada e extenuante. Ruth fez uma pausa mais do que necessária na barra. O restante do elenco estava espalhado pela sala de ensaios, dançando sob as instruções incessantes de Nick ou esperando, como ela fazia, para a próxima convocação.

Eram 11h, mas Ruth já havia feito duas horas de aula pela manhã. A camiseta comprida e larga que ela vestia sobre a malha escurecera com a transpiração; uns poucos fios do seu cabelo escapavam do coque

firmemente preso. Ainda assim, ao assistir Nick demonstrando um movimento, qualquer ideia de cansaço desaparecia. Ele era fabuloso, e a opinião de Ruth sempre fora a mesma.

Como diretor artístico da companhia e um renomado criador de bales, ele não tinha mais de dançar para permanecer sob os holofotes. Nick dançava porque nascera para aquilo, Ruth sabia. Ele não tinha mais do que 1,80m, mas seu corpo esguio e rijo dava a ilusão de que Nikolai era maior. Seu cabelo era louro e, em mechas, caía desordenadamente sobre um rosto que jamais perdeu o encanto infantil. Sua boca era linda, cheia e finamente esculpida. E quando Nick sorria...

Quando ele sorria, não havia como resistir. Linhas finas saíam do canto dos olhos e as pupilas enormes ficavam incrivelmente azuis.

Observando-o demonstrar uma virada, Ruth ficou contente por Nick, aos 33 anos, e com todas as suas obrigações profissionais, ainda continuar a dançar.

Ele ordenou que o pianista parasse com um estalar de dedos.

— Tudo bem, crianças — disse, com sua voz musical, marcada pelo sotaque russo. — Podia ter sido pior.

Isso, vindo de Davidov, pensou Ruth, rindo por dentro, era quase um elogio.

— Ruth, o pas de deux do primeiro ato.

Ela andou até Nick rapidamente, tirando as mechas de cabelo que balançavam em seu rosto. Nick era um ser cheio de humores — incertos, mercuriais e inexplicáveis. Hoje ele parecia totalmente profissional. Ruth sabia como enfrentar o temperamento dele usando o próprio. Virando-se, eles tocaram as mãos, palma contra palma. Sem uma palavra, começaram.

Era uma cena de um amor que estava começando, mais um duelo de espirituosidade do que a expressão de um romance. Mas Nick não escrevera um balé de conto de fadas dessa vez. Ele escrevera um balé cheio de paixão. Os personagens eram um príncipe e uma cigana, ambos totalmente carnais. Para retratá-los, as coreografias eram exuberantes e atléticas. Eles se desafiavam. O príncipe exigia, a cigana provocava. Aqui e ali um jogo de cabeça ou um movimento com a cintura eram empregados para destacar o espírito da cena.

O sol do fim do verão entrava pelas janelas, iluminando o piso. Gotas de suor pingavam das costas de Ruth, quando ela se virava, e também dos braços de Nick. A personagem Carlotta enfureceria e conquistaria o príncipe com a dança. O espírito de luta entre seus corações ficaria claro nesse primeiro encontro.

Era por momentos como aquele, em que dançava com Nick, que Ruth percebia que sempre o idolatraria, como um bailarino, uma lenda. Fazer par com ele era a grande emoção de sua vida. Nick a levou a outro patamar, um patamar mais alto do que Ruth jamais imaginara chegar. Em sua jornada de aluna do corps de ballet, à primeira bailarina, ela dançara com muitos parceiros, mas nenhum capaz de rivalizar com Nikolai Davidov em brilho e precisão. E resistência, pensou Ruth, com um lamento, quando ele a mandou começar o pas de deux mais uma vez.

Ruth precisou de um momento para recuperar o fôlego enquanto o pianista virava as folhas da partitura. Nick se virou para ela, erguendo a mão para tocá-la.

— Onde está sua paixão hoje, pequenina? — perguntou.

Era um apelido que Ruth odiava, e ele sabia disso. Ela deu um sorriso meio torto, olhando-o atravessado. Sem dizer nada, Ruth pôs a palma da mão junto da dele.

— Agora, minha cigana, mande-me para o inferno com seu corpo e com seus olhos. Mais uma vez.

Eles começaram, mas dessa vez Ruth parou de pensar no prazer que era dançar com Nick. Agora ela competia, passo a passo, salto a salto. Irritada, Ruth deu a Nick exatamente o que ele queria. Ele a desafiava a ser melhor. Ruth girou nos braços de Nick, os olhos em brasa. Suspensa por um momento, ela girou para longe novamente e, com um grand jeté, o desafiou a segui-la.

Eles terminaram como começaram, palma contra palma, com a cabeça de Ruth jogada para trás. Rindo, Nick a puxou para perto e a beijou entusiasticamente no rosto.

— Viu, agora você foi ótima! Você me desprezou até mesmo quando me ofereceu sua mão.

Ruth respirava com dificuldade por causa do esforço. Seus olhos, ainda

num acesso de raiva, se fixaram nos de Nick. Um calafrio subiu-lhe pela espinha, distraíndo-a. Ruth percebeu que ele sentira a mesma coisa. Ela percebeu isso nos olhos dele, e sentiu que Nick pressionava os dedos contra suas costas. Então, aquilo desapareceu, e Nick se afastou.

— Almoço — disse, com um coro de aprovação. A sala de ensaios começou a se esvaziar imediatamente. — Ruth,

— Nick a pegou pelas mãos quando ela se virou para se juntar aos outros. — Eu quero falar com você.

— Tudo bem. Depois do almoço.

— Não. Agora. Ela franziu a testa.

— Nick, eu não tomei o café da manhã.

— Tem iogurte na geladeira lá de baixo e água Perrier.

Soltando a mão dela, Nick foi até o piano. Ele se sentou e começou a improvisar. — Traga um pouco para mim também.

Com as mãos na cintura, Ruth ficou observando enquanto ele tocava. Claro, ela pensou, furiosa, "ele nunca imagina que eu vá dizer não. Ele nunca pensa em me perguntar se eu tenho outros planos. Ele espera que eu saia como uma menina boazinha e faça o que ele manda sem reclamar."

— Insuportável — disse ela, em voz alta. Nick olhou por cima, mas continuou a tocar.

— Você disse alguma coisa? — perguntou, tranquilamente.

— Sim — respondeu Ruth, de maneira arrogante. — Eu disse que você é insuportável.

— Sim. — Nick sorriu para Ruth, bem-humorado.

— Eu sou.

Com raiva de si mesma, Ruth riu.

— Que sabor? — perguntou. Ela ficou feliz quando Nick a olhou com enfado. — Iogurte — ela o lembrou.

— Iogurte de que sabor, Davidov?

Em pouco tempo os braços de Ruth estavam cheios de potes de iogurte, colheres, copos e uma garrafa grande de água Perrier. O som da

conversa na cantina lá embaixo duelava com a música que Nick tocava no piano no andar de cima. Ruth subiu as escadas, trocando umas poucas palavras com duas bailarinas do corps e um bailarino solista. Nick tocava uma peça lenta e triste ao piano. Ao reconhecer o estilo, Ruth percebeu que se tratava de uma das composições dele. Não, não era uma composição, corrigiu-se, parando na porta para ouvi-lo. Uma composição É escrita e registrada. Aquela música vinha do coração.

Os raios do sol caíam-lhe sobre os cabelos e as mãos longas e compridas, com dedos leves, capazes de falar mais com um gesto do que uma pessoa normal dizia com palavras.

"Ele parece tão solitário!", disse Ruth para si mesma.

Aquele pensamento invadiu sua mente de forma tão inesperada que a desequilibrou. É a música, pensou Ruth. E só porque ele está tocando uma música muito triste. Ela caminhou na direção de Nick, sem que as sapatilhas fizessem barulho no piso de madeira.

— Você parece solitário, Nick.

Pelo modo como ele levantou a cabeça bruscamente, Ruth percebeu que interrompera alguma reflexão profunda e muito particular. Por um momento, Nick ficou olhando estranhamente para ela, com os dedos pousados sobre as teclas do piano.

— Eu era — disse. — Mas não é sobre isso que eu quero conversar com você.

Ruth franziu a testa.

— Vai ser um almoço de negócios — perguntou ela, colocando os potes de iogurte sobre o piano.

— Não. — Ele pegou a garrafa de Perrier e a abriu.

— Nós discutiríamos, e isso faz mal para a digestão, não é? Venha, sente-se aqui do meu lado.

Ela se sentou no banco, sentindo imediatamente uma corrente elétrica lhe endurecer o corpo. Estar naquele lugar significava estar no centro do poder. Mesmo agora, relaxado, num simples almoço entre bailarinos, Nick era como um interruptor prestes a ser ligado.

— Algum problema? — Ruth perguntou, pegando um pote de iogurte e

uma colher.

— É o que eu quero saber.

Intrigada, ela virou o rosto para encontrá-lo examinando seus traços. Nick tinha olhos de um azul infinito, transparentes como o vidro, e a habilidade típica de um bailarino para se manter completamente imóvel.

— O que você quer dizer?

— Eu recebi um telefonema de Lindsay. — Os olhos azuis estavam fixados nos dela. As sobrancelhas de Nick tinham a mesma cor das partes mais escuras do cabelo dele.

Ainda mais confusa, Ruth ficou zangada.

— E?

— Ela acha que você não está feliz.

Nikolai ainda a observava. Ruth começou a sentir suas costas ficarem duras de tensão. Ela se virou, e a pressão diminuiu. Nunca ninguém havia conseguido deixá-la nervosa com apenas um olhar.

— Lindsay se preocupa demais — disse ela, suavemente, mergulhando a colher no iogurte.

— Você está infeliz, Ruth? — Nick pôs a mão no braço dela, e Ruth se sentiu obrigada a olhar para ele. — Você está infeliz?

— Não — disse ela imediatamente, sincera. E sorriu seu meio sorriso, tão característico dela. — Não.

Nick continuava a procurar algo no rosto de Ruth, e sua mão desceu até a cintura dela.

— Você é feliz?

Ela abriu a boca, preparada para responder, então a fechou, com um barulhinho de frustração. Por que aqueles olhos estavam sobre ela, tão diretos, exigindo honestidade total? Eles não aceitariam desculpas ou respostas vagas.

— Eu não deveria ser? — respondeu Ruth.

Os dedos de Nick apertaram a cintura dela quando Ruth fez menção de se levantar.

— Ruth. — Ela não teve escolha senão olhar para ele. — Nós somos amigos?

Ela procurou por uma resposta. Um simples "sim" não bastaria para acobertar a complexidade de seus sentimentos por Nick ou a incerteza quanto à extensão da relação que mantinham.

— Às vezes — respondeu Ruth, com cautela. — Às vezes, nós somos amigos.

Nick aceitou essa resposta, embora seus olhos parecessem se divertir.

— Bem colocado — murmurou ele. Inesperadamente, Nick pegou as duas mãos dela e as levou à boca. Seus lábios eram macios como um sussurro sobre a pele de Ruth. Ela não se afastou, mas ficou tensa, surpresa e alerta. Placidamente, os olhos dele encontraram os dela sobre as mãos unidas, como se Nick soubesse que Ruth queria retirá-las. — Você vai me dizer por que não é feliz?

Ela tirou as mãos das dele de maneira fria e cautelosa. Era difícil demais para Ruth se comportar de uma maneira contida quando Nick a tocava. Ele era um homem que gostava do contato físico e exigia reações físicas. Levantando-se, Ruth atravessou a sala, até uma janela. Lá embaixo, Manhattan estava em plena atividade.

— Para ser honesta — começou Ruth, pensativamente —, eu nunca parei muito para pensar na minha felicidade. Ah, não — ela riu, balançando a cabeça. — Isso soa pomposo demais. — Com um giro rápido, Ruth virou-se para Nick, mas ele não estava sorrindo. — Nick, eu só percebi isso agora que você me perguntou. Nunca parei para pensar que era infeliz.

Com um meneio de ombros, Ruth se encostou na janela. Nick se serviu de um pouco de água com gás e, levantando-se, foi até ela.

— Lindsay está preocupada com você.

— Lindsay tem muito que se preocupar com tio Seth, as crianças e a escola de balé.

— Ela ama você — disse Nick, simplesmente.

Ele percebeu — o sorriso contido, o afeto nos olhos dela, o prazer mal disfarçado.

— Sim, eu sei que ela me ama.

— Isso a surpreende?

Distraidamente, Nick enrolou uma mecha do cabelo de Ruth no dedo. Era macio e estava ligeiramente úmido.

— A generosidade dela chega a me atordoar. E eu acho que vai ser sempre assim. — Ruth parou por um momento e então, continuou, antes de perder o controle: — Você alguma vez foi apaixonado por ela?

— Sim — respondeu ele, de repente, sem vergonha ou arrependimento. — Há muitos anos, e por pouco tempo. — Nick sorriu, ajeitando alguns dos grampos que estavam soltos no cabelo de Ruth. — Ela estava fora do meu alcance. Então, sem que eu percebesse, nos tornamos amigos.

— Estranho — disse Ruth, depois de um momento.

— Eu não consigo imaginar você pensando em ninguém como "fora do seu alcance".

Nick sorriu novamente.

— Eu era muito jovem, tinha a sua idade. E nós estamos falando de você, Ruth, não de Lindsay. Ela acha que talvez eu a esteja pressionando demais.

— Pressionando demais? — Ruth mirava o teto.

— Você, Nikolai?

Divertindo-se, ela o olhou com falsa arrogância.

— Eu também fiquei surpreso.

Ruth balançou a cabeça e, então, voltou para o piano. Ela trocou o iogurte pela água Perrier.

— Eu estou bem, Nick. E espero que você tenha dito isso a ela. — Como Nick não respondeu, Ruth se virou, ainda com a colher entre os lábios. — Nick?

— Eu achei que talvez você estivesse tendo um... relacionamento infeliz.

Ela arqueou as sobrancelhas.

— Você está querendo dizer que eu estou infeliz por causa de um

homem?

Estava claro que ele não se importava com a escolha das palavras dela.

— Você é muito direta, pequenina.

— Eu não sou criança — respondeu ela, visivelmente irritada, batendo com o pote de iogurte no piano. — E eu não...

— Você ainda está saindo com aquele estilista? — interrompeu Nick, sem se abalar.

— O estilista tem um nome — disse Ruth, com raiva. — Donald Keyser. Do jeito que você fala, até parece que ele é somente uma etiqueta em um vestido.

— Eu? — Nick sorriu para ela, sem malícia. — Mas você não respondeu à minha pergunta.

— Não, não respondi. — Ruth ergueu a garrafa de água Perrier e bebeu calmamente, embora seus olhos estivessem transbordando de raiva.

— Ruth, você ainda está saindo com ele?

— Isso não é da sua conta. — Ela disse isso com uma voz tranquila, mas tambémafiada.

— Você é um membro da companhia. — Embora os olhos de Nick perfurassem os dela, ele dizia cada palavra com cuidado. — Eu sou o diretor.

— E você também assumiu o papel de confessor? — retrucou Ruth. — Os bailarinos têm de prestar conta dos seus casos amorosos a você?

— Não me provoque — advertiu.

— Eu não tenho que justificar minha vida social para você, Nick — atacou Ruth, sem parar. — Eu participo das aulas e nunca me atraso para os ensaios. Eu trabalho duro.

— Eu lhe pedi para justificar qualquer coisa?

— Na verdade, não. Mas estou cansada de você bancar o tio cuidadoso comigo. — Ruth franziu a testa e se aproximou dele. — Eu já tenho um tio, e não preciso que você cuide de mim.

— Não?

Nick tirou um grampo solto do cabelo dela e ficou brincando com ele entre os dedos, com os olhos fixos nos de Ruth.

Seu tom de voz casual a levou a um acesso de fúria.

— Não! — Ela jogou a cabeça para a frente. — Pare de me tratar como uma criança.

Nick segurou-a pelos ombros, surpreendendo-a com a violência. Ruth foi puxada fortemente de encontro a ele, e seu corpo se moldou com perfeição àquele corpo que ela conhecia tão bem. Mas dessa vez era diferente. Não havia música, coreografia ou uma história. Ruth sentia a raiva de Nick — ou algo além disso, alguma coisa tão fluida quanto a raiva. Ela sabia que Nick era capaz de ataques repentinos de raiva, e sabia como lidar com eles, mas...

Seu corpo reagia, o que a deixou atordoada. O coração deles batia um contra o do outro. Ruth sentia os dedos de Nick tocando sua pele, mas não havia pressão. As mãos que ela levantara para empurrá-lo estavam agora quase fechadas e permaneciam imóveis, no alto.

Nick olhava para os lábios dela. Ruth sentiu uma dor aguda, repentina — mais aguda e mais doce que qualquer coisa que ela já experimentara. Uma dor que a deixou tonta, com o corpo latejando.

Lentamente, sabendo que o que mais queria era recuperar o fôlego, Ruth se inclinou para a frente, deixando que as pálpebras se fechassem, receptivas ao beijo dele. Nick respirou pertinho dos lábios dela, que se abriram ligeiramente. Ruth disse o nome dele uma vez, maravilhada.

Então, com um gesto brusco e um xingamento em russo, Nikolai a empurrou para longe.

— Você deveria saber — disse, mordaz — que não deve me deixar com raiva de propósito.

— Era isso o que você estava sentindo? — perguntou Ruth, paralisada diante da rejeição.

— Não force a barra — respondeu Nick, com uma gíria e um menear de ombros. Havia raiva em seus olhos. — Fique com seu estilista — disse, por fim, num tom de voz baixo e calmo, enquanto voltava para o piano. — Já que ele parece combinar tanto com você.

Ele se sentou e começou a tocar, dispensando-a em silêncio.

Capítulo 2

Ela deveria ter imaginado. Ruth revivia o ataque de desejo que experimentara nos braços de Nick. Não, eu estava errada, disse a si mesma. "Eu estive nos braços dele inúmeras vezes e nunca, nunca senti nada como aquilo", lembrou-se Ruth livrando-se do cansaço do dia, eu estive nos braços dele meia dúzia de vezes depois do que aconteceu, quando voltamos para o ensaio." Mas algo aconteceu, admitiu Ruth, com relutância, lembrando-se da tensão que havia no ar todas as vezes que eles repetiam uma passagem da coreografia. Era uma irritação, um aborrecimento.

Ruth deixou a água escorrer e banhar seu corpo, grudando seus cabelos negros às suas costas. Ela tentou, sozinha agora entender sua reação ao abraço repentino. Sua surpreendente reação fora desavergonhadamente física demente urgente. Ruth era capaz de se lembrar dos beijos afetuosos de Donald — a tentação suave e fácil de resistir. Donald usava palavras ternas e a persuadia com gentilezas. Usava as tradicionais armadilhas da sedução: flores e jantares íntimos, à luz de velas. Donald a fazia se sentir... Ruth não conseguiu encontrar a palavra. Satisfeita. Ela revirou os olhos, porque sabia que nenhum homem se sentiria elogiado ao ouvir essa descrição. Mesmo assim, ela jamais se sentira mais do que satisfeita com Donald ou qualquer outro homem que conheceria. E, então, por um breve momento, um homem com quem Ruth trabalhava há anos, um homem que era capaz de deixá-la furiosa com uma só palavra ou levá-la às lágrimas com a dança, esse homem causara uma erupção dentro dela. Não havia nada de satisfação naquilo.

"Nick jamais me beijou, pensou Ruth, se perdendo em mais lembranças. "Nem mesmo me abraçou — não como um amante me abraçaria, mas...", sua mente não parava.

Foi um acidente, disse a si mesma, desligando o chuveiro com um movimento ligeiro de pulso. Um acaso! Somente uma reação desencadeada pela paixão da dança e pela raiva de uma discussão.

Nua e molhada, Ruth pegou a toalha para se secar. Começou pelos cabelos. Seu corpo era pequeno e delicado, magro para todos os padrões — exceto para os de uma bailarina. Ruth conhecia seu corpo completamente, como só mesmo uma bailarina poderia conhecer. Seus membros eram compridos, finos e flexíveis. Foi graças ao seu corpo de bailarina — e aos

eventos do destino — que Ruth conheceu Lindsay, anos antes.

Lindsay! Ruth sorriu, lembrando-se vividamente da ardente dança em Dom Quixote, um balé que Lindsay estrelara antes das duas se conhecerem. O sorriso de Ruth se contorceu ao se lembrar do primeiro encontro pessoal que tivera com a experiente bailarina. Foi anos depois de Dom Quixote, na escolinha de balé de Lindsay. Ruth se sentia, ao mesmo tempo, intimidada e apavorada. Corajosamente, ela afirmara que um dia também dançaria o Dom Quixote.

E foi o que aconteceu, lembrou-se Ruth, colocando a toalha em volta do corpo esguio. E tio Seth e Lindsay tinham assistido, muito embora Lindsay estivesse com uma barriga de quase oito meses na ocasião. Lindsay chorara e Nick brincara e a provocara.

Com um suspiro, Ruth deixou cair a toalha e pegou o roupão. Somente Lindsay podia ter percebido que as coisas não estavam muito bem. Ruth amarrou o roupão rosa e pegou uma escova de cabelo. Ela contara sobre Donald, lembrou-se, revivendo o último diálogo que tivera com Lindsay ao telefone. Ruth lhe contara sobre a fabulosa caixinha de música que encontrara numa loja do Village. Elas conversaram sobre filhos, e tio Seth implorara para que Ruth fosse visitá-los no primeiro fim de semana que tivesse livre.

E entre todas essas conversas miúdas e fofocas familiares, Lindsay percebera algo que nem mesmo Ruth havia percebido. Ruth fez uma careta de desaprovação. Que ela não estava feliz! Não infeliz, pensou, passando suavemente a escova no cabelo comprido e molhado. Apenas descontente. Que besteira, pensou, irritada consigo mesma. Ruth tinha tudo o que queria. Era a primeira bailarina da companhia e um nome reconhecido no mundo do balé clássico. Ela encabeçaria o mais recente balé de Davidov. O trabalho era duro e exigente, mas Ruth precisava daquilo. Ela nascera para aquela vida.

Mesmo assim, às vezes, Ruth ansiava por quebrar as regras, por voltar à vida descompromissada que tinha quando criança. Havia tanta liberdade, tanta aventura! A cabeça dela se encheu de lembranças: esquiando na Suíça, onde o ar era tão gelado e fresco que doía ao respirar; os cheiros e as cores de Istambul. As crianças mirradas, de olhos grandes, nas ruas de Creta; um quartinho engraçado, com maçanetas de vidro, em Bonn. Todos aqueles anos, ela viajara com os pais, jornalistas. Será que eles

permaneceram por mais de três meses em algum lugar? Era impossível estabelecer vínculos mais fortes, exceto entre eles mesmos. E com a dança. O balé foi uma companhia constante em sua infância, viajando com ela para cenários em constante mutação. Os professores falavam com diferentes tons de voz, diferentes sotaques, diferentes línguas, mas a dança estava sempre ao lado de Ruth.

Os anos de viagem fizeram com que ela amadurecesse cedo. Não havia espaço para a timidez, apenas autoconfiança e alguma cautela. Depois, foi o tempo de viver com Seth, Lindsay e os anos com a família Evanston, que fizeram de Ruth uma pessoa mais aberta, encorajando-a a confiar nos outros e a demonstrar afeto. Mesmo assim o mundo de Ruth ainda era uma ilha, como só o mundo da dança sabia ser. Talvez por causa disso ela se transformara numa observadora arguta. Observar e analisar as pessoas era mais do que um hábito para Ruth; era parte da sua natureza.

E isso a deixara ainda mais irritada com Nick. Ela o observava naquela tarde e percebera uma inquietação, mas não fora capaz de dar um nome àquilo. O que Nick pensava e sentia permanecia um mistério. E Ruth não gostava de mistérios.

É por isso que Donald me atrai, pensou, com um meio sorriso. Ruth brincava com os estojos de maquiagem e com os vidros de perfume em sua penteadeira. "Ele é tão desprezioso, tão previsível! O que ele pensa e sente é facilmente perceptível. Sem dar voltas, sem intenções ocultas. Mas com um homem como Nick...", ponderou.

Ruth pôs um pouco de perfume na palma da mão e espalhou-o ao longo dos braços. Um homem como Nick era totalmente imprevisível, uma fonte constante de irritação e confusão. Volátil, irrazoável, cansativo. Só o fato de tentar entendê-lo a desgastava. E era tão difícil agradá-lo! Ruth testemunhara muitos bailarinos se esforçando para além de seus limites para dar a Nick o que ele queria. Ela mesma fizera isso. Mas o que havia nele de tão fascinante?

Uma batida na porta interrompeu as reflexões de Ruth. Ela encolheu os ombros e se virou da penteadeira. Era inútil tentar dissecar Nikolai Davidov. Apressando-se para atender a porta, acendeu a luz da sala de estar. Ao espiar pelo olho-mágico, Ruth se surpreendeu. E soltou a corrente da tranca.

— Donald, eu estava mesmo pensando em você. Antes de beijá-lo

amigavelmente, Ruth se jogou nos braços dele.

— Hummm, você está cheirosa.

A gargalhada de Ruth foi abafada pela boca de Donald. O beijo se prolongou, mais intenso que o simples cumprimento que Ruth previra. Mesmo assim, ela permitiu aquela intimidade e até a estimulou, com sua língua solícita. Ela queria sentir, experimentar mais do que a cálida satisfação a que estava acostumada. Ruth queria o excitação, o toque abrasivo do medo que sentira naquela mesma tarde, nos braços de outro homem. Mas, quando o beijo acabou, seu coração batia como sempre e seu sangue estava frio.

— Agora é assim que você me recebe? — murmurou Donald, acariciando-lhe o pescoço com o nariz.

Ruth ficou nos braços dele por um momento, aproveitando a companhia e a oferta silenciosa de proteção. Então, afastando-se, sorriu dentro dos olhos dele.

— E também um modo de dizer que é bom vê-lo. Mas o que você está fazendo aqui?

— Levando-a para sair — disse Donald, empurrando-a para dentro da sala. — Vá e vista seu vestido mais bonito — mandou, com uma expressão carinhosa no rosto. — Um dos meus, claro. Nós vamos a uma festa.

A bailarina tirou um pouco do cabelo ainda úmido que lhe caía no rosto.

— Uma festa?

— Hummm... sim! — Donald olhou torto para Nijinsky que, esparramado, dormia sobre o tampo de vidro da mesinha de centro. — Uma festa na casa de Germaine Jones — acrescentou, ignorando o gato, que também o ignorava. — Você deve se lembrar, a estilista criadora da moda das saias curtas e das meias compridas.

— Sim, eu me lembro. — Ruth tinha uma lembrança vaga de uma ruiva baixinha e com sardas, de olhos verdes penetrantes e cílios grossos. — Mas você deveria ter me ligado antes.

— Eu liguei, ou melhor, tentei ligar — argumentou Donald. — Foi uma coisa de última hora, mas liguei para a sala de ensaios. Só que você já tinha

saído e não havia chegado em casa ainda. — Sem dar importância à gafe, ele tirou do bolso uma fina cigarreira dourada. — Germaine convidou as pessoas para a festa no último minuto, mas vários nomes importantes estarão presentes. Ela está em alta nesta temporada. — Donald guardou a cigarreira no bolso interno do paletó caprichosamente cortado, cor de ardósia, e, então, acendeu o isqueiro.

— Não posso sair hoje à noite.

Arqueando as sobrancelhas, Donald deu um trago, soltando de uma só vez a fumaça.

— Por que não? — Ele percebeu seus cabelos molhados e o roupão. — Você não tem um compromisso, tem?

Ruth se sentiu tentada a mentir para ele. Donald estava começando a não dar muito valor a ela.

— Essa possibilidade é tão remota assim, Donald? — perguntou, camuflando a raiva com um sorriso.

— Claro que não — disse ele, rindo desconfortavelmente. — Mas, de algum modo, eu acho que você não tem qualquer compromisso. Agora seja uma menina boazinha e vista aquela peça vermelha, provocante, Germaine está louca para usar uma das suas próprias criações. E você vai fazê-la parecer uma líder de torcida deslocada na festa.

Ruth olhou para ele por um momento, com seus olhos negros pensativos.

— Nem sempre você é bonzinho, não é, Donald?

— Não é um ramo para gente boazinha, querida. — Ele meneou seus elegantes ombros.

Ela conteve um suspiro de enfado. Ruth sabia que Donald gostava dela e estava inegavelmente atraído, mas ela se perguntava se o estilista gostaria tanto ou se sentiria tão atraído assim se não a considerasse um manequim perfeito para usar as roupas que ele desenhava.

— Desculpe Donald, mas não estou a fim de festa hoje à noite.

— Ah, por favor, Ruth. — Ele bateu com o cigarro no cinzeiro, deixando transparecer sua impaciência. — Tudo o que você precisa fazer é parecer linda e conversar com umas poucas pessoas certas.

Ruth conteve um crescente lampejo de irritação. Ela sabia que Donald jamais entendera as exigências e o rigor da sua profissão.

— Donald — ela começou, pacientemente. — Eu estou trabalhando desde as 8h. Estou exausta. Se não descansar, não vou conseguir trabalhar no máximo da minha capacidade amanhã. Eu tenho uma responsabilidade para com o restante da companhia, com o Nick e comigo mesma.

Cuidadosamente, Donald soltou uma baforada do cigarro. A fumaça ficou suspensa no ar por um momento e depois saiu pela janela que estava aberta.

— Você não pode me dizer que simplesmente não vai participar de nenhum acontecimento social, Ruth. Isso é absurdo.

— Não tão absurdo como você pensa — respondeu ela, andando na direção de Donald. — Faltam menos de três semanas para a estreia do balé. As festas podem esperar.

— E quanto a mim, Ruth? — Ele a puxou para perto. Sob a superfície calma e civilizada, ela era capaz de sentir a raiva de Donald. — Por quanto tempo ainda terei de esperar?

— Eu nunca prometi nada a você, Donald. Você sabe, desde o começo, que meu trabalho é minha prioridade. Assim como o seu trabalho é a sua.

— Isso significa que você tem de continuar negando que é uma mulher?

Os olhos de Ruth permaneceram calmos, mas seu tom de voz se tornou mais frio.

— Eu não acho que tenha feito isso.

— Não?

Ele a segurou com mais força, do mesmo modo que Nick fizera horas antes. Ruth achou interessante que dois homens pudessem agarrá-la e provocar reações tão diferentes nela. Com Nick, Ruth sentira raiva e uma intensa atração. Agora, ela sentia apenas impaciência, com um toque de cansaço.

— Donald, não estou lhe negando minha feminilidade apenas por não ir para a cama com você.

— Você sabe quanto eu a desejo. — Ele a puxou ainda mais. — Todas

as vezes que eu a toco, sinto que você cede, até certo ponto. Depois, você para, como se estivesse erguendo uma barreira. — A voz dele ficou áspera por causa da frustração. — Por quanto tempo você vai me repelir?

Ruth sentiu uma ponta de culpa. Ela sabia que Donald estava dizendo a verdade, assim como sabia que não podia fazer nada para mudar a situação.

— Desculpe Donald.

Ele percebeu o arrependimento nos olhos dela e mudou a tática. Puxando-a para perto, Donald falou com suavidade, os olhos cheios de afeto.

— Você sabe como eu me sinto em relação a você, amorzinho. — Os lábios dele tocaram os dela levemente, na tentativa de convencê-la. — Nós poderíamos sair da festa mais cedo e trazer uma garrafa de champanhe ao voltarmos ao apartamento.

— Donald. Você não... — começou Ruth. Mas outra batida na porta a interrompeu. Distraída, ela nem espiou pelo olho-mágico antes de tirar a corrente da tranca.

— Nick! — Ela ficou olhando para ele com um olhar bobo, sem saber o que pensar.

— Você abre a porta assim para qualquer um? — perguntou ele, numa espécie de censura, enquanto entrava no apartamento sem ser convidado. — Seu cabelo está molhado — acrescentou, pegando um punhado na mão.

— E você está cheirosa como a primeira chuva da primavera.

Era como se as palavras de ódio jamais tivessem sido ditas, como se a paixão contida e iminente não existisse. Nick sorria para Ruth, com um olhar divertido e convencido. Abaixando-se, ele lhe beijou o nariz.

Ruth fez uma careta, ao mesmo tempo que tentava colocar seus pensamentos em ordem.

— Eu não estava esperando sua visita.

— Eu estava passando por aqui e vi as luzes acesas — disse.

Ao ouvir a voz de Nick, Nijinsky desceu da mesa para se esfregar carinhosamente nos tornozelos do bailarino. Curvando-se, ele acariciou o bichinho com um só movimento, do pescoço ao rabo, depois riu quando o

gatinho ficou em pé para pular no colo dele. Nick se levantou com Nijinsky ronronando alto em seus braços, e só então viu Donald do outro lado da sala.

— Olá. — Aparentemente, não houve nenhuma mudança na amabilidade.

— Você se lembra de Donald — disse Ruth, apressada, e um pouco culpada por ter se esquecido do estilista.

— Claro. — Nick continuou a acariciar preguiçosamente as orelhas de Nijinsky. Ronronando, o gatinho admirava o homem com seus olhinhos brilhantes cor de âmbar. — Eu vi um vestido de autoria dele sendo usado por uma amiga, Suzanne Boyer. — Nick sorriu, mostrando rapidamente os dentes. — Tanto ela quanto o vestido eram lindos.

Donald franziu a testa.

— Obrigado.

— Mas você não vai me oferecer uma bebida, Ruth? — perguntou Nick, ainda sorrindo, afável, para Donald.

— Desculpe — ela murmurou, caminhando automaticamente até o bar improvisado na aba de uma mesa no canto da sala. Ela procurou pela garrafa de vodca e serviu. — Donald?

— Uísque — disse ele, seco, tentando manter uma distância da cordialidade de Nick.

Ruth entregou a Donald seu uísque e foi até Nick.

— Obrigado. — Aceitando o copo, ele se sentou numa poltrona almofadada e deixou que o gato desse voltinhas no seu colo. Nijinsky se ajeitou para dormir enquanto Nick bebia. — Sua empresa está indo bem? — perguntou a Donald.

— Sim, muito bem — respondeu. Donald ainda bebia o uísque em pé.

— Você usa muitos tecidos enxadrezados nas suas criações. — Nick bebia a vodca pura, com aquele verdadeiro desprezo dos russos pelo poder da bebida.

— É verdade. — Um toque de curiosidade se infiltrou na voz cuidadosamente imparcial de Donald. — Eu não sabia que você acompanhava o mundo da moda feminina.

— Eu acompanho as mulheres — contra-atacou Nick, bebendo um bom gole de vodca. — Eu gosto delas.

Era uma afirmação simples que deveria ser entendida com a mesma simplicidade. Não havia nenhuma insinuação sexual. Ruth sabia que Nick gostava de muitas mulheres, de diferentes maneiras — desde a pura amizade afetuosa, como o relacionamento que mantinha com Lindsay, até namoros quentes, como o que vivera com aquela amiga, Suzanne Boyer. Seus casos eram assunto frequente nos jornais de fofoca.

— Eu acho — continuou Nick, interrompendo os pensamentos de Ruth — que você também gosta das mulheres... e também do que as torna mais bonitas e interessantes. Isso fica evidente nas suas criações.

— Fico lisonjeado — Donald relaxou bastante para se sentar no sofá.

— Eu nunca elogio as pessoas — respondeu Nick, com um sorriso arrogante. — E um desperdício de palavras. Ruth poderá lhe dizer como sou um homem frugal.

— Frugal? — Ruth arqueou as sobrancelhas, torcendo a boca como se estivesse saboreando a palavra. — Não, eu acho que a palavra certa é "egocêntrico".

— Houve um tempo em que as crianças tinham mais respeito — disse Nick para o copo vazio.

— Quando eu era criança, eu o respeitava mais — ela retrucou. — Mas agora eu o conheço melhor.

Algo brilhou nos olhos de Nick quando ele se virou para Ruth; talvez fosse raiva, desafio ou diversão — ou as três coisas ao mesmo tempo. Ela não sabia ao certo. Ruth manteve os olhos fixos nos dele.

— Conhece? — murmurou Nick, deixando o copo de lado. — Você poderia até pensar que ela teria mais respeito por homens da nossa idade — disse, calmamente, para Donald.

— Donald não exige respeito — respondeu Ruth, incapaz de perceber que estava se exaltando. — E ele não se importa tanto que eu pense nele como um homem experiente e sábio.

— Felizmente — concluiu Nick, como se o assunto da discussão, Donald, não estivesse ali. — Assim, ele não terá de ajustar suas

expectativas. — Ele acariciou suavemente as costas de Nijinsky. — Ela tem uma língua afiada também.

— Só para uns poucos — respondeu Ruth.

Nick inclinou a cabeça, atingindo-a e desarmando-a com seu sorriso encantador.

— Parece que é minha vez de se sentir lisonjeado. Vá para o inferno!, — pensou Ruth, furiosa. Ele nunca fica em silêncio diante de uma resposta.

Como se fosse uma rainha, Ruth se levantou. Seu corpo se movia com fluidez sob o roupão de seda. O olhar de Donald desceu um pouco, enquanto Nick continuou olhando-a nos olhos.

— Assim como você — disse Ruth, com um sorriso frio—, eu também acho que elogios são um desperdício de palavras. Com licença — acrescentou. — Donald e eu estamos de saída para uma festa. Tenho de me trocar.

Ruth ficou um pouco satisfeita de lhe dar as costas e sair. Ela fechou a porta do quarto com força. Impacientemente, Ruth pegou o vestido vermelho do armário, uma calcinha da gaveta e se sentou na beirada da cama. Tirando o roupão, começou a jogá-lo para o lado quando ouviu a maçaneta se abrindo. Por instinto, Ruth manteve o roupão sobre o corpo, prendendo-o com ambas as mãos sobre os seios. Ela arregalou os olhos, atordoada, quando Nick entrou no quarto. Ele fechou a porta depois de entrar.

— Você não pode entrar aqui — gritou, surpresa demais para se sentir ofendida ou envergonhada.

Ignorando-a, Nick deu mais alguns passos para dentro do quarto.

— Já entrei.

—Ora, você pode muito bem dar meia-volta e sair.

—Ruth puxou o roupão mais para cima, percebendo, impotente, que estava em desvantagem. — Eu estou nua — argumentou, desnecessariamente.

Os olhos de Nick brilharam, aparentemente desinteressados, ao se deterem sobre os ombros nus de Ruth

— Você parece adequadamente coberta. — Encarando-a, Nick

manteve os olhos fixos nos dela. — Uma jornada de 12 horas não lhe basta, Ruth? Você tem aula às 8h.

— Eu sei o horário da minha aula — respondeu. Cuidadosamente, tirou uma das mãos do roupão para ajeitar o cabelo. — Eu não preciso que você fique me lembrando da minha agenda, Nick. E também não preciso da sua aprovação para o que quer que eu faça no meu tempo livre.

— Precisa, sim, quando isso interfere no seu desempenho como minha bailarina.

Diante da referência a seus dons artísticos, Ruth fechou a cara.

— Você não tem nenhuma razão para reclamar do meu desempenho.

— Não ainda — concordou Nick. — Mas eu quero o seu melhor, e você dificilmente poderá fazer o seu melhor se estiver exausta por causa dessas festas estúpidas...

— Eu sempre lhe dei o meu melhor, Nick — retrucou. — Mas desde quando esforço máximo e suor são suficientes para você? — Ela começou a se desviar dele, lembrando-se de que o roupão não cobria a parte de trás do corpo, ficou imóvel, frustrada e com raiva. — Quer, por favor, sair?

— Eu tenho o que preciso — atacou Nick, ignorando o pedido exaltado de Ruth. — Há não muitos anos, milaya. você estava ansiosa para me dar o seu melhor.

— Isso não é justo! — O insulto a atingira. — Eu ainda estou ansiosa para lhe dar o meu melhor. Quando estou trabalhando, nada há coisa alguma que eu seja incapaz de lhe dar. Mas a minha vida particular é exatamente isso: particular. Pare de bancar o papai, Nick. Eu cresci.

— É isso que você quer? — O ataque de fúria de Nick a assustara, por isso Ruth recuou. — O importante para você é ser tratada como uma mulher?

— Estou cheia de você me tratar como se eu ainda tivesse 17 anos, pronta a me pôr de joelhos quando você entrasse na sala. — Sua raiva cresceu, rivalizando com a de Nick. — Eu sou uma adulta com responsabilidades, capaz de cuidar de mim mesma.

— Uma adulta responsável. — Ele estreitou os olhos, e Ruth reconheceu os sinais de perigo. — Devo lhe mostrar como trato adultos

responsáveis que, por acaso, também são mulheres?

— Não!

Mas Ruth já estava nos braços dele, colada ao seu corpo. Não foi o beijo duro e opressor pelo qual Ruth esperava e contra o qual lutara. Nick a beijou como se soubesse que Ruth reagiria com o mesmo fervor. Era a boca de um homem sobre a boca de uma mulher. Não havia necessidade de persuasão ou força.

Os lábios de Ruth se abriram quando os de Nick se abriram. Suas línguas se tocaram. Os pensamentos e o corpo de Ruth, todo o seu mundo estava completamente concentrado em Nick. O perfume do banho recente se misturava aos corpos. Levantando as mãos para puxá-lo para mais perto, Ruth acabou soltando o roupão. Nick acariciou suas costas nuas de cima a baixo, do mesmo modo que fizera com o gatinho, com um carinho longo e suave. Com um gemidinho de prazer, Ruth se apertou contra Nick.

E quando suas mãos subiram para afagar os lados do corpo dela, o beijo se intensificou, para além do que Ruth conhecia, para o inexplorado.

Sua cabeça caiu para trás, num sinal de submissão, quando afundou os dedos nos cabelos de Nick. Ruth o puxava para mais perto, exigindo que ele tomasse posse de tudo o que ela estava lhe dando. Era um mundo desconhecido e agradável que Ruth jamais experimentara, por mais que ansiasse por ele. Seu corpo tremia de desejo ardente à medida que Nick passava as mãos por ele. Ruth havia sentido aquelas mãos inúmeras vezes no passado, corrigindo sua postura, levantando-a e ensinando. Mas naquele momento não havia música alguma para uni-los, nem uma coreografia prévia, apenas instinto e desejo.

Quando sentiu que Nick a estava afastando dele, Ruth reclamou, mantendo-se próxima. Mas ele pôs as mãos firmemente em seus ombros, separando seus corpos.

Ruth ficou imóvel, nua, diante de Nick, sem tentar se cobrir. Ela sabia que ele já vira sua alma; não havia por que esconder seu corpo. Nick a olhou de cima a baixo, lentamente, como se estivesse memorizando cada centímetro. Então, seus olhos voltaram aos dela, escuros e penetrantes. Havia fúria naqueles olhos. Sem dizer nada, Nick se virou e saiu do quarto.

Ruth ouviu a porta da frente bater, e soube que ele havia ido embora.

Capítulo 3

E um, e dois, e três e quatro. Ruth fez os movimentos no ritmo que Nick exigia. Depois de horas de dança, seu corpo estava mais do que dolorido. Estava dormente. As poucas quatro horas de sono foram insuficientes para que ela se recompusesse. Foi sua raiva e a necessidade de desafiar Nick que a mantivera numa festa barulhenta e enfumaçada até de madrugada. Ruth sabia disso, assim como sabia que sua capacidade de dançar estava abaixo do esperado naquele dia. Não fez qualquer comentário mordaz nem teve acessos de raiva. Ele simplesmente ditou a coreografia vezes seguidas. Nick não gritou quando Ruth perdeu o ritmo nem xingou suas inseguras pirouettes. Quando fez par com ela, não a provocou nem a insultou baixinho, no ouvido.

Teria sido mais fácil, pensou Ruth, alongando-se para um arabesque, se Nick tivesse gritado e a repreendido por contrariar sua advertência. Mas ele a deixou em paz, sem dizer uma palavra.

Se Nick tivesse gritado, Ruth teria gritado em resposta, e, assim, teria se livrado de um pouco da sua angústia. Mas ele não lhe deu oportunidade de se descontrolar durante as aulas e nas horas de ensaio. Todas as vezes que se olhavam nos olhos, Nick parecia olhar através dela. Ruth era apenas um corpo, um objeto se movendo de acordo com a música.

Quando ele pediu um intervalo, Ruth foi para o fundo da sala e, sentando-se no chão, encolheu as pernas e descansou a cabeça sobre os joelhos. Ela sentia câimbras nos pés, mas estava sem energia para massageá-los. Quando alguém lhe jogou uma toalha sobre os ombros, Ruth levantou a cabeça.

— Francie — disse Ruth, com um sorriso de gratidão.

— Você parece arrasada.

— E estou — respondeu. Ela usou a toalha para secar o suor do rosto.

Francie Myers era uma solista, uma bailarina talentosa e dedicada, uma das primeiras amigas que Ruth fizera na companhia. Ela era pequena e magra, com um cabelo macio e colorido, e aguçados olhos negros. Francie conquistava e perdia amores com a mesma arrogância de sempre. Ruth admirava a honestidade e o otimismo inabaláveis da amiga.

— Você está doente? — perguntou Francie, colocando um chiclete na boca.

Ruth apoiou a cabeça contra a parede. Alguém dedilhava o piano. Havia na sala um burburinho de conversas e música.

— Eu fiquei numa festa entupida de gente até as 3h.

— Parece divertido. — Francie esticou a perna para o alto, até tocar na parede atrás dela, depois a abaixou. Ela deu uma olhada nas olheiras de Ruth. — Mas eu acho que você não se divertiu muito.

Ruth balançou a cabeça, com um suspiro.

— E nem queria ir.

— Então, o que você foi fazer na festa?

— Eu estava sendo perversa — murmurou Ruth, dando uma olhada rápida na direção de Nick.

— Isso tira toda a diversão da coisa. — O olhar de Francis percorreu toda a sala e se deteve numa elegante loura que usava um collant azul claro. — Leah fez alguns comentários sobre seu estilo hoje.

Ruth seguiu o olhar da amiga. O cabelo dourado de Leah pendia atrás de um rosto branco finamente esculpido. Ela estava conversando com Nick, fazendo gestos com suas mãos longas e graciosas.

— Eu não tinha dúvida de que ela faria.

— Você sabe que ela quer muito ser a estrela desse balé — acrescentou Francie. — Fazer o papel de Aurora não a acalmou. Nick não participará de A Bela Adormecida.

— A competição é o que mantém a companhia viva — disse Ruth, distraidamente, enquanto observava Nick sorrir e dar a mão para Leah.

— E o ciúme — acrescentou Francie.

Ruth virou a cabeça e encontrou os olhos negros afiados de Francie.

— Sim — concordou, por um momento. — E o ciúme, O piano tocava uma balada romântica, e alguém começara a cantar.

— Não há nada de errado com um pouco de ciúme. — Francie batia com o pé ao ritmo da música. — É saudável. Mas Leah... — Seu rostinho

malicioso ficou sério de repente. — Ela é veneno puro. Se não fosse uma bailarina tão boa, eu desejaria que estivesse em outra companhia. Veja só — acrescentou, levantando-se. — Ela fará qualquer coisa para conseguir o que quer. E ela quer ser a primeira bailarina desta companhia. E você está no caminho dela.

Ruth ficou pensativa enquanto Francie se afastava, Sua atraente amiga raramente falava mal de alguém. Talvez estivesse dando um valor excessivo a algo que Leah dissera. Ruth não sentia o ciúme, a inveja de Leah. Sempre houve ciúme dentro da companhia, assim como em qualquer família. Era um fato da vida. E Ruth também sabia que Leah estava louca para ter o papel de Carlotta no novo balé de Nick.

Elas competiram por vários papéis desde que entraram para o corps. Ganharam alguns e perderam outros. Ruth e Leah tinham estilos diferentes, por isso os papéis que cada uma criava eram únicos. Ruth era mais atlética, uma bailarina obcecada. Leah era mais elegante — clássica, refinada, fria. Ela era dona de uma graça que Ruth admirava, mas jamais tentara imitar. Ruth dançava com o coração; Leah, com a cabeça. Em matéria de habilidade técnica, elas eram tão semelhantes quanto duas bailarinas podem ser. Ruth dançara em Dom Quixote, enquanto Leah se apresentara em Giselle. Ruth foi o Pássaro de Fogo enquanto Leah foi a princesa Aurora. Nick tirava o melhor proveito das duas. E Ruth seria sua Carlotta.

Agora, vendo-a do outro lado da sala, Ruth se perguntava se o ciúme de Leah era mais profundo do que ela percebera. Embora nunca tivessem se tornado amigas, elas mantinham certo respeito profissional mútuo. Mas Ruth detectara uma crescente hostilidade nas últimas semanas. Pegando a toalha enrolada no pescoço, ela deu de ombros. Não havia nada que pudesse ser feito. Todos estavam ali para dançar.

— Ruth.

Ela deu um pulo e se virou rapidamente ao ouvir a voz de Nick. Seus olhos estavam frios, sem expressão. Ruth sentiu-se atingida por uma onda de ansiedade. Nick conseguia ser ainda mais cruel quando escondia o que estava sentindo. Ruth estava errada e preparada para admitir isso.

— Nick — começou, prestes a pedir desculpas.

— Vá para casa.

Ela piscou para ele, confusa.

— O quê?

— Vá para casa — repetiu ele, com o mesmo tom de voz frio.

Ruth arregalou seus eloquentes olhos. — Ah, não, Nick, eu...

— Eu mandei você ir para casa. — As palavras a atingiram como uma marreta. — Eu não a quero aqui.

Mesmo sem desviar o olhar, Ruth ficou pálida. Não havia nada, nada que Nick pudesse fazer capaz de ferir mais do que mandá-la embora. Ela sentiu sua garganta se fechar com um nó de palavras e de lágrimas. Recusando-se a dar vazão a ambas as coisas, ela se virou e atravessou a sala. Pegando sua mochila, Ruth saiu porta afora.

— Segundas bailarinas, por favor — ela ouviu Nick chamar antes de fechar a porta.

Ruth dormiu por três horas com Nijinsky todo encolhido encostado em suas costas. Ela fechara a janela do quarto e, renovada graças a um banho, deitou-se sobre a colcha. No quarto escuro, o único som audível era o suave ronco do gatinho. Quando acordou, foi de uma só vez, virando-se de bruços. Nijinsky, incomodado, correu para o pé da cama. Ressentido, ele começou a se lavar.

O que Nick lhe dissera fora a última coisa em que Ruth pensara antes de dormir e a primeira que ela evocou depois de acordar. Ruth se enganara. Ela fora punida. Ninguém que ela conhecia sabia ser mais cruel do que Nikolai Davidov. Ruth se levantou bruscamente para abrir as cortinas, determinada a se esquecer dos acontecimentos daquela tarde.

— Nós não podemos ficar deitados no escuro o dia todo — disse a Nijinsky, deixando-se cair pesadamente na cama para lhe acariciar o pelo. O gatinho fingiu desprezá-la, mas permitiu assim mesmo que Ruth o afagasse e coçasse. Por fim, decidido a perdoá-la, Nijinsky esfregou sua cabeça contra a de Ruth. O gesto trouxe de volta à mente dela a imagem da briga com Nick.

— Por que você gosta tanto dele? — perguntou Ruth a Nijinsky, pegando na cabeça do bichinho até que os olhos escancarados dele estivessem fixos aos dela. — O que ele tem que o atrai? — Ela franziu a testa, acariciando o pescoço do gatinho distraidamente, com o olhar

perdido. — É a voz, aquela voz musical, atraente, com sotaque? Ou é o modo como ele se move, com tanta fluidez e graça? Ou como ele sorri, entregando-se todo na risada? É como ele o toca, com mãos tão seguras e sábias?

Os pensamentos de Ruth se deslocaram para a noite anterior, quando Nick a teve em seus braços, nua. Pela primeira vez desde o excitante beijo ela se permitiu pensar no assunto. Na noite anterior, Ruth se vestira rapidamente e saíra correndo para a festa com Donald, sem ter a oportunidade de refletir. Quando voltara para casa, estava exausta, e lutara contra o cansaço o dia todo. Descansada agora, com a mente limpa, Ruth pensava no caso de Nikolai Davidov. Não havia dúvida: ela vira desejo nos olhos dele. Ruth se encolheu sobre a colcha, com o rosto apoiado na mão. Nick a queria.

Desejo. Ruth ficou pensando naquela palavra. Era isso o que ela vira nos olhos de Nick? O pensamento causara arrepios. Então, como um jato de água fria, Ruth se lembrou dos olhos dele naquela tarde. Sem desejo, sem raiva, sem desaprovação. Simplesmente sem nada.

Por um momento, Ruth enfiou a cabeça na colcha. A lembrança da dispensa ainda doía. Ela se sentia como se estivesse à deriva. Mas o bom senso lhe dizia que um ensaio ruim não era o fim do mundo e que um beijo, lembrou-se, não era o começo de nada.

O pôster na parede oposta chamou-lhe a atenção. Seu tio lhe dera, há uma década. Lindsay e Nick estavam no papel de Romeu e Julieta. Sem pensar duas vezes, Ruth se virou, pegou o telefone e discou.

— Alô. — A voz era macia e clara.

— Lindsay.

— Ruth! — Depois de se mostrar surpresa, a voz foi tomada por um rápido acesso de afeto. — Eu não esperava ter notícias suas antes do fim de semana. Você recebeu o desenho de Justin?

— Sim. — Ruth sorriu, pensando no desenho abstrato audaciosamente colorido que seu primo de quatro anos de idade lhe enviara. — É lindo.

— Claro. É um autorretrato. — Lindsay deu uma risada carinhosa, afetuosa. — Seth não está em casa. Ele acabou de sair para a cidade.

— Tudo bem. — Os olhos de Ruth vislumbraram mais uma vez o

pôster. — Na verdade eu liguei para conversar com você.

O silêncio foi rápido, mas Ruth percebeu que Lindsay compreendera o motivo da ligação.

— Algum problema no ensaio de hoje?

Ruth riu, sentando-se sobre as próprias pernas.

— Isso mesmo. Como você sabia?

— Nada deixa uma bailarina mais infeliz.

— Agora eu estou me achando uma boba. — Ruth juntou o cabelo com as mãos e o jogou para trás.

— Não pense assim. Todo mundo tem um mau dia. Nick gritou com você? — Havia um quê de humor na pergunta, em vez de solidariedade. Só isso já era um alívio.

— Não. — Ruth olhou para baixo, para a estamperia florida da colcha. Pensativa, passou o dedo sobre o contorno de um dos desenhos. — Teria sido muito mais fácil se ele tivesse gritado. Ele me mandou para casa.

— E você se sentiu como se alguém a tivesse espancado com um bate-estacas.

— E depois me atropelado com um caminhão. — Ruth sorriu para o telefone. — Eu sabia que você entenderia. O pior é que ele teve razão.

— Ele geralmente tem — disse Lindsay, séria. — Este é um dos seus traços mais valorizados.

— Lindsay... — Ruth hesitou, lançando-se depois contra o telefone antes que pudesse mudar de ideia. — Quando você estava na companhia, você se sentiu alguma vez... atraída por Nick?

Lindsay ficou em silêncio, um pouco mais do que da primeira vez.

— Sim, claro. É impossível não se sentir. Ele é aquele tipo de homem que atrai as pessoas.

— Sim, mas... — Ruth hesitou mais uma vez, procurando pelas palavras exatas. — O que eu quis dizer é que...

— Eu sei o que você quer dizer — disse Lindsay, poupando Ruth do esforço. — E, sim, certa vez eu fiquei muito atraída por ele.

Ruth olhou para o pôster novamente, examinando os desafortunados amantes. Ela abaixou o olhar.

— Você é íntima dele, acho, mais que qualquer pessoa.

— Talvez. — Lindsay pensou por um momento, avaliando o tom de Ruth e escolhendo bem as palavras. — Nick é uma pessoa muito reservada.

Ruth concordou. Aquela afirmação tinha sentido. Nick podia se doar totalmente para a companhia, em festas, para a imprensa e para sua plateia. Ele podia agraciar o indivíduo com uma atenção especial, mas era incrivelmente vago quanto a sua vida pessoal. Sim, Nick era cuidadoso a respeito de quem deixava entrar em sua vida. De repente, Ruth se sentiu sozinha.

— Lindsay, por favor, você e tio Seth virão para a estreia? Eu sei que é difícil, com as crianças, a escola e o trabalho do tio Seth, mas... Eu preciso de você.

— Claro — concordou Lindsay, sem hesitar e sem fazer perguntas. — Nós estaremos aí.

Depois de desfeita a ligação, Ruth se sentou em silêncio. Sentiu-se melhor só de conversar com Lindsay, de fazer contato. Lindsay era mais do que família, era uma bailarina também. E ela conhecia Nick!

Lindsay fora uma Julieta romanticamente adorável para o Romeu de Nick. Era um balé que Ruth jamais dançara com ele. Keil Lowell fora seu Romeu; um bailarino sombrio que adorava brincar. Ruth fizera par com Nick em Dom Quixote, no Pássaro de Fogo e no balé Ariel. Mas, em sua mente, Julieta era o papel de Lindsay. Ruth pensara em um papel que pudesse ser considerado dela. Ela acreditava que o encontrara em Carlotta, de A Rosa Escarlata.

O papel era dela, pensou Ruth de repente. E era melhor não se esquecer disso. Saindo correndo da cama, Ruth tirou uma malha de dança da gaveta do armário e começou a vesti-la.

Quando Ruth entrou no prédio velho, de seis andares, que abrigava a companhia, já passava das 19h, mas ainda havia alguns membros andando por ali. Alguns a cumprimentaram, e ela acenou em resposta, mas sem parar. Novatas do corps a observavam em seu passo apressado. Algum dia, pensaram. Ruth poderia ter sentido os sonhos daquelas bailarinas

passando por ela se não estivesse tão impaciente para começar.

No elevador, ela já tinha a mente focada nos movimentos que exigiria de seu corpo. Ruth queria trabalhar.

Ela ouviu a música antes mesmo de abrir a porta do estúdio, que sempre parecia maior sem bailarinas. Ruth ficou em silêncio na porta, apenas observando.

Os saltos de Nikolai Davidov não eram como os de qualquer outro bailarino. Ele pulava como um foguete e, então, parava e ficava suspenso no ar antes de descer. O corpo de Nick era fluido como uma cachoeira e, ao mesmo tempo, tenso como uma corda de violão. Tudo que ele precisava fazer era ordenar que seu corpo fosse assim. E Ruth maravilhada pela visão de Nick do mesmo modo que se maravilhara quando o vira pela primeira vez, sabia que havia mais. Havia o ritmo preciso, a força e a resistência. E Nick era capaz de interpretar — uma parte essencial para o balé. Seu rosto era tão expressivo quanto seu corpo.

Davidov estava completamente concentrado. Seus olhos estavam observando o espelho, à procura de falhas. Nick estava se aperfeiçoando, se aprimorando. O suor escorria pela sua face, apesar de ele estar usando uma bandana. Havia virilidade e também poesia em seus movimentos. Ruth podia ver os músculos de suas pernas e braços se relaxando e ficando tensos quando Nick se lançou no ar, torcendo e virando o corpo, e depois pousando com absoluto controle e precisão.

Ah, Deus!, pensou, esquecendo-se de tudo, exceto de sua admiração, ele é magnífico.

Nick parou e praguejou. Por um momento fez uma careta para si mesmo no espelho, com a mente em seu próprio mundo. Ao voltar para o aparelho de som a fim de tocar mais uma vez a sequência, Nick viu Ruth. Seus olhos se dirigiram a ela e se detiveram na mochila que a bailarina tinha pendurada ao ombro.

— Quer dizer, então, que você descansou. — Era uma afirmação simples, sem rancor.

— Sim. — Eles continuaram a se olhar, e Ruth respirou fundo. — Desculpe por não estar bem esta manhã. — Como Nick não disse nada, ela foi até um banco para tirar os sapatos.

— Então você voltou para consertar as coisas? — Havia um quê de diversão na voz dele.

— Não fique rindo de mim.

— É o que eu faço? — O sorriso se estendeu para o canto da boca de Nick.

Ruth tinha os olhos grandes, vulneráveis. Ela baixou o olhar para os laços de cetim que amarrava nos tornozelos.

— Às vezes — murmurou.

Ele se moveu lentamente. Ruth não percebeu que Nick estava perto dela até ele se abaixar, apoiando as mãos nos joelhos dela.

— Ruth. — Os olhos dele estavam bem abaixo dos dela agora. Seu tom de voz era gentil. — Eu não rio de você.

Ela suspirou.

— É tão difícil quando você está sempre com a razão. — Ruth fez uma cara feia para Nick. — Se você não tivesse me deixado furiosa, eu não teria ido àquela festa estúpida.

— Ah! — Nick gargalhou, balançando os joelhos de Ruth no ritmo da risada. — Quer dizer, então, que a culpa foi minha.

— Eu prefiro quando a culpa é sua. — Ela tirou uma toalha da mochila e a usou para enxugar o rosto molhado de Nick. — Você trabalha demais, Davidov — disse. As mãos dele subiram lentamente dos joelhos para a cintura de Ruth.

— Você se preocupa comigo, milaya?

Pensativo, ele tinha os olhos presos aos dela. Eram olhos tão azuis, pensou Ruth, como o mar visto de longe ou o céu no verão.

— Eu nunca me preocupei antes — pensou ela, em voz alta. — Não seria estranho se começasse a me preocupar agora? Acho que você não precisa que ninguém se preocupe com você.

Nick continuou olhando para Ruth. Então, o sorriso transbordou para os olhos dele.

— Se bem que é um sentimento reconfortante, não é?

— Nick! — Ele começou a se levantar, mas Ruth pôs as mãos sobre os ombros do bailarino. Ela se surpreendeu falando rápido, enquanto ainda tinha coragem. — Noite passada... Por que você me beijou?

Diante daquela pergunta, ele franziu a testa. E como Nick não tivesse parado de olhá-la, Ruth sentiu o restante do seu corpo se aquecer com aquele olhar.

— Porque eu quis — disse ele, finalmente. — É um bom motivo. — Nick, então, se levantou, e Ruth também.

— Mas você nunca me quis antes.

Um sorriso rápido atravessou o rosto dele.

— Não?

— Bem, você nunca me beijou antes. Não daquele jeito. — Ruth se virou, tirando a camiseta que vestia sobre um collant cor da pele.

Nick examinava a curva graciosa das costas dela.

— E você acha que eu deveria fazer tudo o que quero?

Ruth deu de ombros. Ela estava ali para dançar, não para discutir.

— Acho que sim — respondeu, se aproximando da barra. Enquanto fazia um plié profundo, Ruth olhou por cima dos ombros. — Você não acha?

Nick não sorriu.

— Você está querendo mesmo me provocar, Ruth, ou é por acaso?

Ela percebeu irritação no tom de voz de Nick, mas deu de ombros mais uma vez. Talvez Ruth quisesse mesmo provocá-lo.

— Eu não tentei provocá-lo muitas vezes no passado? — disse, despreocupadamente. — Pode ser divertido. — Veja bem onde você pisa — disse Nick, calmamente.

— É uma longa queda.

Ruth riu, satisfeita pela maneira como seus músculos reagiam suavemente aos seus comandos.

— Estar segura não é meu objetivo de vida, Nikolai. Você entenderia isso se tivesse conhecido meus pais. Eu nasci uma aventureira.

— Há vários tipos de perigo — argumentou Nick, voltando ao aparelho de som. — Você pode descobrir que nem todos são prazerosos.

— Você quer que eu tenha medo de você? — perguntou Ruth, virando-se.

Quando ele apertou o botão de avanço rápido, o aparelho fez um barulho irritante.

— É o que vai acontecer — disse Nick, simplesmente, — se eu quiser.

Seus olhos se encontraram no espelho. Aquele olhar tirou toda a concentração de Ruth para erguer sua perna "Sim", admitiu em silêncio, mantendo os olhos fixos nos dele, "é o que vai acontecer." Não havia sentimento que ele não conseguisse extrair de uma pessoa. Isso, além da sua incrível capacidade técnica, faziam de Nick um grande bailarino. Mas ele não a intimidaria. Ela se pôs no chão novamente, as costas retas.

— Eu não me amedronto com facilidade, Nick. — No espelho, os olhos dela o desafiavam.

Nick apertou o botão, parando o aparelho de som. A sala mergulhou no silêncio, enquanto os últimos raios de sol entravam pela janela.

— Venha. — Nick novamente apertou o botão do aparelho. A música invadiu o ambiente. Andando até o centro da sala, Nick lhe estendeu a mão. Ruth foi até ele e, sem dizer nada, eles assumiram suas posições para o grand pas de deux.

Nikolai Davidov não era apenas um excelente bailarino, era um professor exigente, que queria perfeição nos detalhes, gestos exatos a cada minuto. Incontáveis vezes eles recomeçaram o movimento, e incontáveis vezes Nick o interrompeu para corrigir ou ajustar algo.

— Não, o ângulo da cabeça está errado. Assim. — Ele moveu a cabeça de Ruth com as mãos até estar satisfeito. — Suas mãos assim, deste jeito. — E ele a posicionou como queria.

As mãos de Nick eram profissionais quando ajustavam a posição de seus ombros, deslizavam levemente em sua cintura enquanto Ruth rodopiava e a seguravam com firmeza para um salto. Ruth estava feliz por se moldar a ele. Mesmo assim, parecia que não era capaz de satisfazê-lo. Nick começou a ficar mais impaciente e frustrado.

— Você tem que olhar para mim! — exigiu, interrompendo-a novamente.

— Eu estava olhando — respondeu Ruth, com uma careta.

Com um xingamento curto em russo, ele atravessou a sala e parou a música.

— Sem sentimento nenhum! Você não está sentindo nada. E isso não é bom.

— Você continua me interrompendo — disse Ruth.

— Porque está errado. Ela o olhou atravessado.

— Tudo bem — resmungou, limpando o suor da testa com o braço. — O que você quer que eu sinta?

— Você está apaixonada por mim. — Ruth arregalou os olhos, mas Nick já estava outra vez lidando com o aparelho de som. — Você me quer, mas você é orgulhosa, arrogante. Você não vai se deixar seduzir, entende? Uma relação em termos iguais, ou nada. — Nick se virou, com os olhos fixos nos dela. — Mas o desejo está aí. Paixão, Ruth. Ela queima. Sinta. Você me disse que é uma mulher, não uma criança. Então me prove.

Ele se aproximou.

— Agora — disse, colocando a mão na cintura de Ruth. — De novo.

Dessa vez Ruth deixou que sua imaginação a guiasse. Ela era uma cigana apaixonada por um príncipe, orgulhosa e temperamental. A música era rápida e ajudava a criar o clima da cena. Era uma coreografia erótica, com uma sexualidade básica nos passos e nos gestos. Havia vários momentos de aproximação, os corpos se tocando, os olhos fixos. Ruth sentiu a verdadeira força do desejo. Seu sangue começou a ferver.

Ansiosamente, como se estivesse prestes a queimar o que estava sentindo, Ruth executou os soubresauts presa em algum lugar entre a realidade e a fantasia. Ela o queria, e não sabia mais se estava sentindo aquilo apenas como Carlotta. Nick a tocava, a puxava para perto, e Ruth sempre se afastava — não fugindo, apenas demarcando seu próprio território.

A música crescia. Eles giravam, se afastando cada vez mais um do outro, rejeitando-se mutuamente. Eles saltavam separados. Mas, então,

como se incapazes de resistir, voltavam a se unir. Nesse ritmo, passavam um pelo outro e, com um giro final, abraçavam-se. A música terminava com os dois juntos, olhando-se fixamente, com os corações grudados.

O silêncio a atingiu com um choque, deixando Ruth atordoada, dividida entre si mesma e o papel que estava interpretando. Tanto ela quanto Nick respiravam com sofreguidão por causa do esforço exigido pela coreografia. Ruth podia sentir o coração dele batendo forte contra seu peito. Na ponta dos pés, seus olhos ficavam no mesmo nível dos de Nick. Eles se examinavam — sondando, imaginando. Seus lábios se encontraram; o tempo das perguntas havia passado.

Dessa vez Ruth sentiu o desejo e a impaciência que antes tinham sido apenas uma impressão. Nick parecia incapaz de mantê-la longe, incapaz de saborear tudo o que queria. Sua boca estava em todos os lugares, percorrendo loucamente todo o rosto e o pescoço de Ruth. Ela sentiu sua pele inteira despertar com um fogo pálido. Ruth sentia o cheiro másculo do suor de Nick, e sentiu a umidade salgada no rosto e no pescoço dele, por onde seus lábios também passeavam. Então, Nick a beijou na boca novamente, e eles se juntaram, num desejo mútuo.

Nick murmurou alguma coisa, mas Ruth não entendeu. Até mesmo a língua que ele falava era um mistério. Seus corpos fundiam-se. Apenas o fino tecido do collant e da malha de dança estavam entre as mãos dele e a pele de Ruth. Ele apertava aqui, tocava lá, de modo intenso e excitante. Nick pôs os lábios na orelha de Ruth, seus dedos caçando e mordiscando seu lóbulo. Nick murmurou para ela em russo, mas Ruth não precisava mais entender as palavras.

Sua boca encontrou a dela, mais quente agora, mais insistente. Ruth doava-se e exigia com a mesma urgência, tremendo de prazer quando Nick deslizou a mão sobre seus seios para fazer um carinho bruto, enquanto a boca da bailarina, ainda à procura, ainda sondando, agarrou a dele.

Quando Nick fez menção de afastá-la, Ruth escondeu o rosto no ombro dele e pressionou seu corpo. Nada a preparara para a veloz alternância entre força e fraqueza.

Mesmo sabendo que estava perdendo parte de si mesma, Ruth não conseguiu se conter.

— Ruth! — Nick a afastou, agora com mãos suaves, Ele olhou fundo

nos olhos embaçados da bailarina. Ruth estava emocionada demais com o que estava acontecendo para entender a expressão de Nick. — Eu não pensei que isso aconteceria.

Ruth o encarou.

— Mas eu, sim.

Parecia tão simples. Ela sorriu. Mas quando ergueu a mão para tocá-lo no rosto, Nick a impediu, agarrando seu pulso.

— Isso não deveria ter acontecido.

Ruth ficou olhando para ele, o sorriso desaparecendo. Os olhos da jovem ficaram na defensiva.

— Por que não?

— Nós temos que apresentar um balé em menos de três semanas. — A voz de Nick era ríspida agora, profissional. — Não é hora para complicações.

— Ah, entendo. — Ruth se virou, para que Nick não visse a mágoa. Voltando ao banco, começou a desamarrar as sapatilhas. — Eu sou uma complicação.

— Você é — concordou Nick, caminhando para o aparelho de som mais uma vez. — Eu não tenho nem tempo nem predisposição para agradá-la amorosamente.

— Agradar-me amorosamente — repetiu ela, baixinho, com uma voz de incredulidade.

— Há mulheres que precisam ser conquistadas à luz de velas — acrescentou ele, ainda de costas para Ruth — E você é uma dessas mulheres. Neste momento, eu não tenho tempo.

— Ah, entendo. Você só tem tempo para relacionamentos mais banais — disse Ruth, brusca, amarrando os cadarços do tênis com dedos trêmulos. Nick era capaz de fazê-la de boba tão facilmente!

Ele se virou para ela dessa vez, cauteloso.

— Sim.

— E há outras mulheres capazes de lhe dar isso. Ele balançou ligeiramente os ombros.

— Sim. Desculpe por isso ter acontecido. É fácil se deixar envolver pela dança.

— Ah, por favor. — Ela jogou as sapatilhas dentro da mochila. — Não é preciso pedir desculpas. Eu não preciso que você me conquiste, Nick. Como você, eu também conheço outras pessoas.

— Como o seu estilista?

— Isso mesmo. Mas não se preocupe. Eu não vou estragar mais nenhum ensaio. Eu lhe darei seu balé, Nick.

— Sua voz se encrespara por causa das lágrimas, mas Ruth foi incapaz de contê-las. — Eles vão reverenciá-lo por isso, eu juro. Esse balé vai fazer de mim a mais importante primeira bailarina de todo o país. — As lágrimas caíam, e embora Ruth as menosprezasse, não as enxugava. Elas rolavam silenciosamente pelo seu rosto. — E quando a temporada terminar, nunca mais dançarei com você novamente. Nunca!

Ela se virou e correu para fora do estúdio sem dar a ele a oportunidade de reagir.

Capítulo 4

A confusão dos bastidores invadia o camarim trancado de Ruth. Ele estava trancado, estranhamente, por uma única razão: ela queria evitar Nick.

Ele estava em todos os lugares antes de uma apresentação — entrando de repente nos camarins, verificando figurinos e maquiagens, acalmando os nervos dos estreados. Nenhum detalhe era insignificante demais para não receber a atenção de Nick, nenhum problema era pequeno demais para que ele evitasse buscar uma solução. Nick sempre se envolvia e sempre se envolvia com tudo. No passado, Ruth apreciava essas visitas breves e explosivas. A energia de Nick a inspirava e acalmava sua própria ansiedade. Agora, contudo, queria o máximo de distância possível entre ela o astro da companhia e seu diretor artístico. Nas últimas semanas de ensaios foi impossível manter a distância física, mas, mesmo assim, ela tentou estabelecer uma distância emocional.

Ruth estava certa de que, embora Nick não fosse capaz de respeitar uma porta trancada, entenderia o argumento dela. Aquele pequeno gesto satisfazia Ruth.

Talvez por causa da sua confusão e necessidade, Ruth trabalhara ainda mais no papel de Carlotta do que em qualquer outro de sua carreira. Ela estava determinada não apenas a fazer do balé um sucesso, como também torná-lo um triunfo sem precedentes. Naqueles dias, a personalidade da tentadora cigana combinava perfeitamente com o humor de Ruth.

Nas três semanas que se seguiram ao ensaio informal com Nick, os dois bailarinos mantiveram suas relações num nível estritamente profissional. Nem sempre foi fácil, por causa dos papéis que estavam interpretando, mas mesmo assim eles não trocaram impressões pessoais nem trocaram os gracejos de costume. Quando Ruth sentia que Nick a seguia com os olhos, e isso aconteceu mais de uma vez, ela se obrigou a não ceder. Quando sentia que o desejo tomava conta dela, Ruth se lembrava das últimas palavras que Nick trocara com ela. Era o que bastava para despertar seu orgulho. Ruth tinha acabado com seu hábito de ficar especulando o que se passava na cabeça dele. Ela dizia a si mesma que não precisava saber, não queria saber. Tudo que Ruth devia fazer era dançar.

Agora, vestida com um roupão atalhado branco, ela se sentava em

sua penteadeira e fixava os laços de cetim em suas sapatilhas de balé. Esta simples obrigação de bailarina a ajudava a relaxar.

O calor das lâmpadas redondas e brilhantes que emolduravam seu espelho aquecia a pele de Ruth. Na maquiagem, ela optara por deixar o cabelo solto. Era para que ele esvoaçasse ao redor de Carlotta na primeira cena, audacioso e sedutor como a personagem. Os olhos dela foram escurecidos, o que acentuava o formato e o tamanho deles; na boca, batom vermelho. Pendurado atrás da porta estava o vestido longo, colorido e brilhante da primeira cena. As flores já haviam começado a chegar, e o ambiente estava carregado com o perfume delas. No canto, sobre uma mesa, uma dúzia de rosas vermelhas que Donald lhe enviara. Ruth sorriu um pouco, pensando que ele estaria na plateia e, depois, na recepção. Ela manteria as rosas em seu camarim até que morressem. As flores a ajudariam a se lembrar de que nem todos os homens estavam ocupados demais para conquistá-la.

Ruth espetou um dedo com a agulha e praguejou. No momento em que levou o machucado à boca, para aliviar a dor da picada, percebeu um brilho em seus próprios olhos no espelho. "Bem feito", disse a si mesma, em silêncio, por ousar pensar nele. Conquistá-lo mesmo! Ruth pegou a segunda sapatilha. "Ele me fez parecer uma menina de 16 anos que precisava de companhia para o baile de formatura!", praguejou em silêncio. Seus pensamentos foram interrompidos por uma batida na porta. Ruth deixou a sapatilha de lado.

Levantou-se e foi até a porta. Se fosse Nick, ela queria encará-lo descalça. Ruth empinou o queixo ao girar a maçaneta.

— Tio Seth! Lindsay! — Ela se jogou nos braços do tio, e, então, se atirou sobre a mulher atrás dele. — Ah, eu estou tão feliz por vocês estarem aqui!

Lindsay achou o cumprimento um pouco exagerado, mas não disse nada. Ela apenas a abraçou também e olhou para o marido sobre a cabeça de Ruth. A comunicação silenciosa entre eles podia ser entendida perfeitamente. Ruth se virou para dar mais um abraço em Seth.

— Você dois estão ótimos! — espantou-se, convidando-os para entrar no camarim.

Ruth fora muito próxima de Seth durante boa parte de sua

adolescência, mas só depois que passou a viver sozinha é que valorizou as mudanças que o tio fizera em sua vida e carreira para poder cuidar dela. Ele era um arquiteto de sucesso, um solteiro que vivia viajando pelo mundo. Seth levava a adolescente para sua casa e mudara seu modo de vida para fazer da menina sua prioridade. Ruth o adorava.

Ela juntou as mãos e ficou olhando para os dois, admirada.

— Você está tão linda, Lindsay — entusiasmou-se a bailarina, virando-se para deixá-la entrar. — Eu nunca me acostumo com isso.

Lindsay tinha um corpo pequeno e delicado, cabelos louros e sua pele branca ressaltavam seus olhos profundamente azuis. Lindsay era a pessoa mais afetuosa que Ruth conhecia; uma mulher capaz de intensas emoções e um amor ilimitado. Ela vestia um vestido cinza esvoaçante que parecia escorrer dos ombros até o pé. Lindsay riu, pegando as mãos de Ruth.

— Que elogio maravilhoso. Seth não me diz isso com tanta frequência.

— Só todos os dias — disse ele, sorrindo para Lindsay.

— Este é o mesmo camarim que você ocupou na apresentação de Ariel — comentou Seth, olhando em volta. - Não mudou nada.

— Você bem o conhece — disse Lindsay. — Eu o pedi em casamento aqui. Ele riu.

— E pediu mesmo.

— Eu não sabia disso.

Ambos se viraram para prestar atenção em Ruth. Lindsay riu novamente.

— Eu nunca soube lidar muito bem com as tradições - disse, pegando uma das sapatilhas de Ruth. — E seu tio estava demorando muito para me pedir em casamento.

As sapatilhas alinhadas sobre a penteadeira despertaram lembranças. Que vida, pensou Lindsay. Que mundo! Houve um tempo em que ela fizera parte desse mundo do mesmo modo que Ruth agora. Levantando a cabeça, olhou bem dentro dos olhos escuros refletidos pelo espelho.

— Nervosa?

Ruth pareceu suspirar com o corpo todo.

— Ah, sim — disse, com uma careta.

— E um bom balé — disse Lindsay, um pouco insegura. Ela confiava na qualidade do trabalho de Nick Até porque Lindsay o conhecia há tempo demais para pensar o contrário.

— E maravilhoso, mas... — Ruth balançou a cabeça e foi até sua cadeira. — No segundo ato há uma passagem que parece nunca terminar. Eu tenho apenas uns poucos segundos para recuperar o fôlego antes de me cansar novamente.

— Nick não compõe bales fáceis.

— Não. — Ruth pegou a linha e a agulha mais uma vez. — Como estão as crianças?

A mudança súbita de assunto foi percebida. Novamente, os olhos de Lindsay e Seth se encontraram sobre a cabeça de Ruth.

— Justin é um terror — disse Seth, com um orgulho paterno. — Ele deixa o Worth maluco.

Ruth gargalhou baixinho.

— E o Worth está mantendo sua dignidade profissional?

— Esplendidamente — respondeu Lindsay. — "Sr. Justin" — disse ela, imitando o sotaque inglês do mordomo.

— "Uma pessoa não deve trazer seu sapo de estimação para dentro da cozinha, mesmo que ele esteja com fome."

— Lindsay riu, observando Ruth dar os últimos pontos. — Claro que ele é louco pela Amanda, embora finja não ser.

— E ela é tão terrível quanto Justin! — acrescentou Seth.

— Que modo de descrever os filhos — disse Lindsay, virando-se para ele.

— E quem é que jogou uma caixa inteira de comida para peixes dentro do aquário? — perguntou Seth à esposa, e ela franziu a testa.

— Ela só estava tentando ser útil. — Um sorriso se insinuou na boca de Lindsay. — Quem é que os leva para o zoológico e os empanturra com cachorros-quentes e pipoca doce?

— Eu só estava tentando ser útil — respondeu ele, com olhos carinhosos.

Observando-os, Ruth sentiu uma lufada de afeto e uma pontada de inveja. Como era ser amada daquele jeito?, perguntava-se. Permanentemente. Aquela palavra combinava com seus tios, refletiu.

— Devemos sair? — perguntou Lindsay. — E deixá-la se aprontar?

— Não, por favor. Fiquem mais um pouco. Ainda há tempo. — Ruth lidava com os laços de cetim nervosamente.

Ansiedade, pensou Lindsay, observando a bailarina.

— Vocês vão à recepção depois, não vão? — Ruth levantou os olhos.

— Não a perderíamos por nada. — Lindsay se aproximou para tocar nos ombros de Ruth. — Vamos conhecer o Donald lá?

— Donald? — Ruth se recompôs. — Ah, sim, o Donald estará lá. Vamos pegar uma mesa juntos? Vocês vão gostar dele — acrescentou, sem esperar por uma resposta. Seus olhos buscaram os de Lindsay, depois os do tio. — Ele é muito... bonzinho.

— Lindsay!

Nick estava na porta, que ficara aberta. Seu rosto estava cheio de prazer. Ele só tinha olhos para Lindsay. Ela correu para os braços do bailarino.

— Ah, Nick, que bom vê-lo! Faz tanto tempo. Ele a beijou no rosto e depois na boca.

— Mais linda do que nunca — murmurou Nick, deixando que os olhos corressem ao acaso sobre o rosto dela. — Ptichka, passarinho. — Ele usou o apelido carinhoso que lhe dera e a beijou outra vez. — Esse arquiteto com quem você casou... — Nick deu uma olhada na direção de Seth —, ele ainda a faz feliz?

— Ele faz. — Lindsay abraçou Nick mais uma vez, com força. — Ah, mas eu senti sua falta. Por que você não vem nos visitar com mais frequência?

— E onde é que eu encontraria tempo? — Ele manteve o braço ao redor da cintura de Lindsay ao estender a mão para cumprimentar Seth. — O casamento combina com você. Como vai?

O aperto de mãos entre eles foi afetuoso. Seth sabia que dividia as duas mulheres que amava com o russo. Uma parte de Lindsay pertencera a Nick antes que ele a conhecesse. Agora era Ruth quem fazia parte daquele mundo.

— Você vai nos presentear com outro triunfo hoje à noite? — perguntou Seth.

— Mas é claro. — Nick riu e depois deu de ombros. — É isso o que sempre faço.

Lindsay beliscou o bailarino.

— Ele não muda nunca. — Ela apoiou a cabeça no ombro dele por um momento. — Graças a Deus!

Durante toda a conversa Ruth não disse nada. Ela viu que havia algo raro e especial entre Nick e Lindsay. Era algo que emanava deles com tanta vida que Ruth achou ser capaz até mesmo de tocar. Bastava vê-los lado a lado para se lembrar de quão perfeito eram os movimentos deles no palco. Unidade, precisão, entendimento. Ruth parou de ouvir o que eles diziam, enfeitiçada pela harmonia silenciosa dos amigos.

Quando Nick olhou para ela, tudo o que Ruth pôde fazer foi encará-lo. Ela se esqueceu do que estava tentando entender, absorver. Ruth sabia que tinha permitido que aquela dor indesejada voltasse. Os olhos de Nick eram tão azuis, tão poderosos que lhe pareceu não ser capaz de evitar que ele abrisse caminho pelas camadas até atingir sua alma. Recuperando sua força, Ruth saiu do transe.

Teria sido impossível ignorar a rápida conversa. Lindsay e Seth silenciosamente disseram um ao outro que estavam preocupados.

— Nadine vai à recepção, não vai? — perguntou Lindsay, tentando aliviar a tensão repentina.

— Hummm? — Nick dirigiu a atenção para ela. — Ah, sim, Nadine. — Ele reorganizou seus pensamentos e disse, com suavidade: — Claro, ela vai querer gozar a glória antes de criar mais uma campanha de arrecadação de fundos.

— Você sempre foi severo com ela. — Lindsay sorriu, lembrando que Nick e Nadine Rothchild, a fundadora da companhia, viviam brigando.

— Ela aguenta — respondeu ele, dando de ombros. — Vejo vocês na recepção?

— Sim. — Lindsay viu que Nick agora olhava para Ruth. Ele não disse uma só palavra para ela, nem Ruth disse nada para Nick. Eles se comunicavam apenas com os olhos. Nick continuou encarando-a por alguns longos segundos, até se virar para Lindsay.

— Vejo você depois da apresentação — disse, e Ruth soltou o ar suavemente. — Eu tenho de me trocar. Do svidanya.

Antes que pudessem se despedir, Nick saía. Do corredor, ainda puderam ouvir alguém chamá-lo pelo nome.

Seth foi até Ruth e, colocando a mão sobre seus ombros, se inclinou para beijá-la na testa.

— E melhor você se trocar. Ruth tentava se recompor.

— Sim, eu estou na primeira cena.

— Você vai dançar maravilhosamente. — Ele a massageou de leve os ombros.

— É o que eu quero. — Ruth ergueu os olhos para Seth e os deteve ali, antes de olhar para Lindsay. — Eu preciso dançar maravilhosamente.

— E dançará — Lindsay a tranquilizou, estendendo a mão para Seth, mas com os olhos ainda em Ruth. — Foi para isso que você nasceu. Além do mais, você sempre foi a minha pupila mais talentosa.

Ruth girou na cadeira e sorriu para Lindsay pela primeira vez desde o aparecimento de Nick. Ela levantou o rosto para que Lindsay a beijasse.

— Do svidanya! — disse Lindsay, sorrindo e dando o braço para Seth.

Lentamente, Ruth foi até a porta e a trancou. Por um momento, ficou imóvel, contemplando o figurino colorido que a transformaria em Carlotta. Ela era Ruth Bannion, um pouco insegura quanto a suas emoções e com um pouco de medo da noite que tinha pela frente. Vestir o costume seria vestir a personagem. Carlotta tem seus pontos fracos, lembrou Ruth, tocando no tecido da saia, mas ela os camuflava com o manto da coragem e da audácia. O pensamento fez com que Ruth sorrisse. Ah, sim, pensou, da é para mim. Ruth começou a se vestir.

Quando saiu do camarim, 15 minutos depois, ouviu a orquestra

afinando os instrumentos. Ruth estava pronta. A saia balançava vivamente em seus quadris e um lenço vermelho definia-lhe a cintura. Seus cabelos caíam livres sobre as costas. Ela passou correndo pelas outras bailarinas que se aqueciam para a primeira cena e pelas pessoas que estavam nas portas dos camarins. Ruth viu Francie sentada com as pernas cruzadas no chão em um canto, batendo nas sapatilhas com um martelo.

Ela foi até uma pilha de materiais de cena e a usou como barra de exercícios, começando a se aquecer. Ruth já podia sentir o cheiro do suor e ver as luzes.

Seus músculos reagiram, contraindo-se e relaxando, entregando-se às ordens dela. Ruth se concentrou neles, com as costas viradas para o palco, para melhor se ater ao seu próprio corpo. Todas as apresentações eram importantes para ela, mas aquela apresentação especial tinha um significado particular. Ruth tinha de provar algo — para Nick e para si mesma. Ela se vangloriaria do seu profissionalismo. Quaisquer que fossem seus sentimentos por Nick, Ruth os esqueceria e se concentraria apenas na interpretação do balé. Nada interferiria nisso.

Ruth passara um mau momento no camarim quando Nick cravara seus olhos nela. Algo dentro da bailarina quis derreter — e quase derreteu. O orgulho a mantivera indiferente, como acontecia há semanas. Nick não a quisera — não de maneira total, exclusiva —, do mesmo modo que ela o quisera. Ruth ficara ofendidíssima pelo modo como Nick concordara facilmente que qualquer mulher era capaz de lhe dar o que ele precisava.

Ficando enfezada, ela dobrou a perna para trás, puxando e alongando.

Já era hora de alguém ensinar àquele russo arrogante uma lição, sentenciara mentalmente, exercitando a outra perna. Mulheres demais haviam- caído aos pés dele. Nick esperava por isso, assim como que suas bailarinas fizessem as coisas ao seu modo.

Ruth empinou o queixo e percebeu, mais uma vez, que tinha os olhos fixos nos de Nick.

Ele saíra do camarim coberto com a túnica branca e dourada que vestiria no primeiro ato. Ao avistar Ruth, ele parara para observá-la. Nick se perguntava se a paixão que via era dela mesma ou se, como o figurino, pertencia à personagem, a Carlotta. Ele pensou que ali, no corredor escuro dos bastidores, com o figurino de cigana e olhos em chama, Ruth parecia

mais sedutora do que nunca. Foi naquele momento que Ruth ergueu o olhar para ele.

Eles sentiram a atração e a hostilidade instantâneas. Ruth levantou a cabeça, olhou rapidamente, de lado, e, dando as costas, saiu num arroubo de cores e saias. Sua imitação inconsciente da personagem que estava prestes a interpretar divertiu Nick.

Tudo bem, pequenina, pensou Nick, no esboço de um sorriso, veremos quem chegará ao topo esta noite. Nick refletiu que era até capaz de gostar do desafio.

Ele seguiu Ruth até as coxias, mandando embora, com um aceno de mão, uma ou duas pessoas que tentaram detê-lo. Quando a alcançou, Nick a virou com um puxão e a puxou para perto de si, ignorando a plateia nos bastidores. Ruth foi pega desprevenida. Ela não teve reflexos para reagir ou rejeitá-lo quando a boca de Nick, orgulhosa e segura, tomou posse dela, saqueou-a e depois se afastou.

Ele manteve as mãos nos braços de Ruth por um momento, sorrindo arrogantemente.

— Isso deve colocá-la no clima — disse, com garbo, antes de se virar para sair com passos apressados.

Furiosa, Ruth pôde apenas encarar, com fogo nos olhos, as costas dele, afastando-se. Houve risadas aqui ali, risadas que ela não tentou impedir. Então, Ruth se tirou e caminhou até o palco vazio e escuro.

Ela aguardou até que os auxiliares de palco abrissem as pesadas cortinas. Esperou até que a orquestra — só os instrumentos de corda — tocasse o tema de sua entrada. Ruth aguardou até que estivesse totalmente iluminada por um único holofote antes de começar a dançar.

Sua apresentação de abertura, sozinha, era curta, rápida e extravagante. Quando terminou, o palco se iluminou para mostrar o grupo do acampamento cigano. A plateia irrompeu em aplausos.

Enquanto o corps e as segundas bailarinas assumiam o espetáculo, Ruth conseguiu recuperar o fôlego. Ela esperou, mal escutando o elogio do coreógrafo assistente de Nick. Do outro lado do enorme palco ela via Nick esperando na coxia para a sua entrada.

"Supere isso, Davidov", Ruth o desafiou em silêncio. Ela sabia que

jamais dançara tão bem na vida. Como se Nick pudesse ouvir a afronta sem palavras, ele sorriu para Ruth antes de entrar no palco.

Ele era todo arrogância, todo orgulho; o príncipe entrando no acampamento cigano para comprar bugigangas. Ele punha de lado as tralhas que lhe ofereciam com um gesto rápido de mão. Nick dominava todo o palco com sua presença, com seu talento. Ruth não podia negar. Isso a fez ficar ainda mais determinada a superá-lo. Ruth esperou até que ele desprezasse oferta por oferta dos ciganos, esperou até que ele deixasse claro para os ciganos que não tinham o que lhe interessava. Então, Ruth deslizou até o palco, com a cabeça altiva. Havia agora uma rosa vermelha em sua orelha.

Desde a primeira vez que se viram, eles sentiram uma atração mútua. Aquele instante foi enfatizado pela mudança na iluminação e pelo crescendo da orquestra. Carlotta, ao ver todos os tesouros desprezados pelo príncipe, deu as costas para ele e foi se juntar a suas irmãs ciganas. O príncipe, intrigado, se aproximou dela para observá-la melhor.

Os olhos rebeldes de Ruth encontraram os de Nick mais uma vez, e ela não teve problemas para tirar sua cabeça com um movimento brusco quando o príncipe tentou pegá-la nas mãos. Algo nos olhos de Nick fez os olhos dela brilharem com mais dramaticidade quando ele se virou para o bailarino que interpretava o pai da cigana. O príncipe encontrara algo que desejava. Ele ofereceu seu ouro por Carlotta.

Ela o desprezou com orgulho e raiva. Ninguém podia comprá-la; ninguém podia possuí-la. Desprezando-o, atizando-o, ele concordava em vender-lhe uma dança em troca do saco de ouro. Enraivecido, mas incapaz de resistir, o príncipe jogou seu ouro sobre uma pilha de tralhas por ele rejeitadas. Eles começaram o primeiro pas de deux, palma contra palma, com o sangue fervendo e os olhos raivosos.

O alto nível de dificuldade era mantido durante todo o balé. A competição entre eles permanecera acirrada, cada um estimulando o outro a se superar. Eles não se falavam entre os atos. Só uma vez, enquanto dançavam próximos, Nick sussurrou irritantemente no ouvido de Ruth que seus ballottés precisavam ser melhorados.

Ele a ergueu, e ela mergulhou, a cabeça inclinada para baixo e os pés para cima, de modo que Nick a segurasse quase na vertical. Seis, sete, oito batidas lentas mantidas em suspenso, e, então, ela ficava em pé novamente,

brilhando em um arabesque. Seus olhos queimavam quando Ruth executou um giro duplo. Ao sair do palco para que Nick fizesse sua apresentação como solista ela pôs a mão na barriga, respirando sofregamente, exausta.

Por várias vezes o palco pegou fogo com a coreografia incandescente. Quando o balé terminou a cigana e o príncipe nos braços um do outro, Ruth disse, ofegante:

— Eu o odeio, Davidov.

— Odeie quanto você quiser — disse ele, calmamente, enquanto irrompiam gritos e aplausos. — Desde que você dance.

— Ah, eu dançarei, claro — ela assegurou, sem fôlego, mergulhando numa profunda e sorridente mesura para a plateia.

Ruth foi a única capaz de escutar a risada baixinha de Nick ao pegar uma rosa que fora jogada no palco e presenteá-la, inclinando-se respeitosamente.

— Meus ballottés foram perfeitos — sussurrou ela entre os dentes quando Nick beijou-lhe a mão.

— Vamos conversar sobre isso na aula de amanhã. Nick fez uma mesura e a apresentou à plateia novamente.

— Vá para o inferno, Davidov — disse Ruth, sorrindo docemente para gritos de "Bravo" que lhe eram dirigidos.

— Depois da temporada — concordou ele, virando-se para mais uma mesura.

Capítulo 5

Nick e Ruth voltaram cinco vezes ao palco para receber os aplausos. Uma hora depois a cortina se fechou, o camarim de Ruth foi finalmente esvaziado e, assim, ela pôde tirar a roupa. Agora Ruth vestia um longo vestido branco de mangas justas e gola alta. A única joia que usava eram brincos de ouro polido que Lindsay e Seth lhe deram em seu aniversário de 21 anos. O triunfo tornara seus olhos escuros e brilhantes e a enrubescera um pouco. Ruth deixara seus cabelos livres e soltos, como os de Carlotta.

— Muito bom — comentou Donald quando ela o entrou no corredor.

Ruth sorriu, sabendo que ele falava do vestido, uma criação sua, mas também da mulher que o vestia. Ela deu o braço para Donald.

— Gostou? — o olhar de Ruth o atingia em cheio. — Eu encontrei isso numa pequena loja de descontos na rua dos brechós.

Ele lhe beliscou a bochecha como castigo e, então, a beijou.

— Eu sei que já disse isso antes, querida, mas você estava maravilhosa.

— Ah, nunca é demais ouvir isso. — Com uma risada, Ruth começou a abrir caminho até a porta do palco. — Eu quero champanhe — ela disse. — Baldes de champanhe. Acho até que sou capaz de nadar em champanhe esta noite.

— Vamos ver se isso pode ser arrumado.

Eles saíram para a rua, onde o carro os aguardava.

— Ah, Donald — disse Ruth, no momento em que se sentaram no carro. — Eu nunca me senti tão certa. Tudo pareceu funcionar. A música... a música era perfeita.

— Você estava perfeita — afirmou ele, dirigindo o carro pelo trânsito de Manhattan. — Eles estavam prestes a derrubar as paredes por você.

Agitada demais para se recostar no banco, Ruth sentou-se na beirada e virou-se para Donald.

— Se eu pudesse escolher um momento, com todos os sentimentos e emoções, e congelá-lo no tempo, escolheria este balé. Esta noite. A noite da

estreia.

— Você o dançará novamente amanhã — disse-lhe Donald.

— Sim, e será maravilhoso, eu sei. Mas não desse jeito. — Ruth desejava que Donald pudesse entender. — Eu não tenho certeza se posso dançar com tanta perfeição de novo, ou mesmo se devo dançar assim.

— Acho que depois de algumas semanas você vai se cansar um pouco de dançar a mesma coreografia todas as noites.

Ele encostou o carro no meio-fio, e Ruth balançou a cabeça negativamente. Ela se perguntou por que desejava que Donald entendesse, enquanto o recepcionista abria a porta do carro. Apesar de todo o seu talento criativo como estilista, Donald tinha os pés firmes na terra. Mas esta noite Ruth estava preparada para voar.

— E difícil explicar. — Ela deixou que o estilista a conduzisse através das portas de vidro para dentro do saguão do hotel. — Alguma coisa simplesmente acontece quando a luz se acende e a música começa. É sempre especial. Sempre!

A sala onde seria o banquete estava intensamente iluminada e já tomada por uma multidão. Câmeras começaram a ser ligadas e flashes espocaram assim que Ruth pisou na porta. Ela foi recebida com aplausos.

— Ruth!

Nadine veio andando por entre a multidão com a segurança de uma mulher que sabia que as pessoas abririam caminho para ela. Nadine era pequena, com um corpo benfeito e uma graça que deixava à mostra seus estudos de balé. Seu cabelo era bem cortado, de um louro-claro, sua pele, macia e rosada. Seu rosto angelical não combinava com a mente mordaz. Mais do que fizera como bailarina, Nadine Rothchild, como fundadora da companhia de balé, devotara sua vida à dança.

Ruth se virou e foi abraçada.

— Você estava linda — disse Nadine. Ruth sabia que aquele era o maior elogio que ela era capaz de dar. Afastando-a, Nadine ficou olhando por alguns segundos bem dentro dos seus olhos. Era um gesto característico dela. — Você nunca dançou tão bem quanto nesta noite.

— Obrigada, Nadine.

— Eu sei que você quer se juntar a Lindsay e Seth. — Ela começou a guiá-la pelo salão, fazendo de Donald apenas um segurança. — Estamos todos sentados juntos.

Os olhos de Ruth viram os de Lindsay primeiro. O que ela leu naqueles olhos foi uma alegria imensa. Lindsay estendeu-lhe as mãos e Ruth fez o mesmo.

— Estou muito orgulhosa de você. — Ela tinha a voz carregada de emoção.

Seth pôs as mãos no ombro da esposa e olhou para a sobrinha.

— Todas as vezes que assisto a uma apresentação sua, acho que você nunca vai dançar melhor do que está dançando. Mas você sempre me surpreende.

Ruth riu, ainda flutuando, e ergueu seu rosto para receber um beijo.

— Este é o papel mais maravilhoso que eu já tive. Então, ela se virou e, pegando Donald pelo braço, apresentou-o rapidamente.

— Sou uma grande admiradora das suas criações — disse Lindsay, sorrindo para ele. — Ruth fica muito bem nas suas roupas.

— Ela é a minha cliente preferida. E eu acredito que você pode facilmente se tornar minha segunda cliente preferida — respondeu Donald ao elogio. — Você tem uma cor de pele fantástica.

— Obrigada. — Lindsay reconheceu o tom profissional do elogio e ficou mais alegre do que lisonjeada. — Você precisa de um pouco de champanhe — disse, virando-se para Ruth.

Antes que pudessem localizar o garçom, o som dos aplausos fez com que se virassem para a entrada do salão. Antes mesmo de vê-lo, Ruth soube que se tratava de Nick. Só ele podia gerar tanto entusiasmo. Nick estava sozinho, o que a surpreendeu. Onde Davidov estava, sempre havia mulheres. Ruth soube que os olhos dele encontrariam os dela.

Nick se desviou da multidão e, lentamente, com a graciosidade perfeita da sua profissão, caminhou até Ruth, segurando uma única rosa vermelha, que lhe entregou. Quando a bailarina aceitou seu presente, Nick pegou em sua mão e a levou até os lábios. Ele não disse nada, nem deixou de olhar para Ruth, até se virar e se afastar.

"Só um jogo de cena", disse Ruth para si mesma, sem conseguir deixar de sentir o perfume da rosa. Davidov sabia, melhor do que ninguém, montar uma cena com esperteza. Ela olhou para Lindsay. Nos olhos dela, Ruth viu entendimento e preocupação. Ruth mal pôde negar com a cabeça. Ela forçou um sorriso.

— E quanto ao champanhe? — perguntou.

Ruth ficou brincando com o jantar, sem comer direito, Porque estava entusiasmada demais para apreciar a comida. Tudo estava certo; ela se sentou à mesa com Nadine, e era uma piada dentro da companhia que Nadine julgava as bailarinas pelo peso.

Nadine fez uma careta para a porção de mousse de chocolate de Lindsay.

— Você precisa ter mais cuidado com essas sobremesas fartas, querida.

Com uma gargalha, Lindsay se inclinou para a frente e beijou Nadine no rosto.

— Você é tão coerente, Nadine. Há coisas imprevisíveis demais no mundo.

— Você não pode dançar com chantilly em suas coxas — argumentou Nadine, bebericando seu champanhe.

— Sabe — disse Lindsay para Ruth —, certa vez ela me pegou comendo um saco de batatas fritas. Foi uma das experiências mais assustadoras da minha vida. — Ela sorriu para Nadine e lambeu o chocolate da colher. — Acabou com o meu gosto por salgadinhos.

— Minhas bailarinas têm a aparência de bailarinas — disse Nadine, firmemente. — Um monte de ossos e sem gordurinhas. Uma dieta apropriada é tão essencial quanto aulas diárias...

— E aulas diárias são tão essenciais quanto respirar — completou Lindsay, rindo. — Faz mesmo oito anos desde que eu deixei a companhia?

— Você deixou uma lacuna aberta. Não foi fácil preenchê-la.

O elogio inesperado surpreendeu Lindsay. Nadine era uma mulher pragmática e trabalhadora, que não dava valor ao talento de suas bailarinas. Ela esperava delas o melhor, e raramente achava que elogios

eram necessários.

— Nossa, obrigada, Nadine.

— Não foi um elogio, foi uma reclamação — respondeu ela. — Você nos abandonou cedo demais. Podia ainda estar dançando.

Lindsay sorriu de novo.

— Você parece estar cheia de novos talentos, Nadine. Seu corps ainda é o melhor.

Nadine reconheceu isso com um aceno de cabeça.

— Claro. — Ela refletiu por um momento, olhando para Lindsay e bebendo seu vinho. — Você é capaz de imaginar a quantas Julietas eu assisti em minha vida, Lindsay?

— Esta é uma daquelas perguntas capciosas? — respondeu Lindsay, rindo, nervosa, na direção de Seth. — Se eu disser que ela viu Julietas demais, ela vai reclamar que eu a estou chamando de velha. Se eu disser de menos, eu a estarei insultando.

— Tente dizer "um número considerável" — sugeriu Seth, colocando mais champanhe na taça da esposa.

— Boa ideia. — Lindsay dirigiu sua atenção para Nadine. — Um número considerável.

— Exatamente. — Nadine pousou a taça na mesa e pôs as mãos em Lindsay. Seus olhos se intensificaram repentinamente. — Você foi a melhor. A melhor! Eu chorei quando você nos deixou.

Lindsay abriu a boca, mas fechou-a quando percebeu que estava sem palavras. Ela engoliu em seco, balançando a cabeça.

— Com licença, por favor — murmurou. Levantando, Lindsay saiu pelo salão.

Havia enormes portas de vidro que levavam a uma sacada curva. Lindsay as abriu e saiu. Inclinando-se no parapeito, respirou fundo. A noite estava clara, com estrelas, e a lua brilhando sobre o céu de Manhattan. Lindsay olhava para fora sem ver nada.

Depois de muitos anos, pensou, e esta distância toda. Eu teria cortado meu próprio braço para ouvi-la dizer isso há dez anos. Lindsay sentiu que

lágrimas escorriam pelo seu rosto e fechou os olhos. Ah, Deus, como precisara saber o que ela acabara de dizer. E agora...

Sentindo que alguém tocava em seu ombro, Lindsay se assustou. Então, se virou para cair nos braços de Nick. Por um momento, ela não disse nada, deixando-se apoiar nele e lembrando. Lindsay fora sua Julieta naquela outra vida, naquele mundo do qual certa vez fizera parte.

— Ah, Nick — murmurou. — Como somos frágeis. E como somos bobos.

— Bobos? — perguntou, beijando-lhe no alto da cabeça. — Fale por si mesma, ptichka. Davidov nunca faz papel de bobo.

Ela gargalhou, olhando para Nick.

— Esqueci.

— Você é mesmo uma boba. — Ele envolveu Lindsay com os braços e ela ficou na ponta dos pés para que seu pudesse tocar no dele.

— Nick, sabe, não importa há quanto tempo você esteja afastado, não importa o quão longe você esteja, tudo isso ainda fica com você. Não está só no seu sangue; está na sua pele, na carne. — Com um suspiro, Lindsay se soltou do abraço e se inclinou no parapeito. — Mesmo que eu nunca volte, parte de mim ainda tem esperança de que eu entre numa aula novamente ou corra para cumprir os compromissos da companhia. É algo que está enraizado em mim.

Nick apoiou um pé no parapeito e ficou estudando o perfil de Lindsay. A brisa da noite soprava seus cabelos para trás, e Nick tornou a pensar que ela era uma das mulheres mais bonitas que conhecera. E, ainda assim, Lindsay sempre lhe pareceu desconhecer a atração física que despertava nas pessoas.

— Você sente falta disso? — perguntou-lhe, e Lindsay se virou para olhá-los nos olhos.

— Não se trata de sentir falta ou não. — Ela franziu a testa ao tentar traduzir em palavras o que sentia. — É como se eu estivesse deixando de lado parte de mim mesma. Para ser honesta, eu não penso muito na companhia quando estou em casa. Eu estou sempre tão ocupada com meus filhos e com a escola! E Seth é... — Lindsay ficou quieta, e Nick viu que um sorriso lhe iluminava o rosto.. — Seth é tudo. — Ela se virou para o

horizonte. — Às vezes, quando volto aqui para assistir a uma apresentação de Ruth, as recordações são tão claras que é quase surreal.

— Você fica triste?

— Um pouco — admitiu. — Mas também é algo bom de sentir. Quando olho para trás, não penso que haja nada na minha vida que eu mudaria. Eu tenho muita sorte. E Ruth... — Ela sorriu, admirando Nova York. — Eu tenho orgulho dela, fico entusiasmada por ela. Ela é tão boa! Ela é incrivelmente boa. De algum modo, acho que faço parte de tudo isso de novo.

— Você sempre fará parte disso, Lindsay. — Nick passou a mão no cabelo dela. — Um talento como o seu jamais será esquecido.

— Ah, não, não, chega de elogios por esta noite. — Ela riu exageradamente, balançando a cabeça. — Foi isso que me fez começar a sentir isso tudo. — Respirando fundo, Lindsay o encarou. — Eu sei que era uma boa bailarina, Nick. Trabalhei duro para ser. Eu valorizo os anos que passei com a companhia, os bales que dancei com você. Minha mãe ainda tem seu álbum de recortes, e um dia meus filhos verão tudo isso. — Ela sorriu enigmaticamente. — Imagine!

— Sabe, eu sempre me surpreendo quando penso que você tem dois filhos crescidos.

— Por quê?

Nick sorriu e pegou as mãos dela.

— Porque é tão fácil me lembrar da primeira vez que a vi. Você ainda era uma solista quando eu entrei para a companhia. Eu a vi ensaiando A Bela Adormecida. Você fazia a fada das flores e estava insatisfeita com seus Fouettés.

— Como é que você se lembra de tudo isso? Nick franziu a testa.

— Porque pensei como a levaria para a cama. Eu não podia simplesmente lhe pedir; naquele tempo meu inglês não era tão bom.

Lindsay quase engasgou de tanto rir.

— Você aprendeu bem rápido, pelo que me lembro. Se bem que nunca, em nenhum idioma, me convidou para dormir com você.

— Você teria aceitado? — Ele abaixou a cabeça, para examiná-la

melhor. — Eu me pergunto isso há mais de dez anos.

Lindsay sondava em seu coração do mesmo modo que Nick estava sondando seu rosto. Ela podia escutar as risadas pelas janelas e o ruído do tráfego na rua abaixo. Lindsay tentou pensar na Lindsay Dunne de dez anos antes. Por fim, ela sorriu, balançando a cabeça.

— Não sei. Talvez tenha sido melhor assim.

Nick pôs um braço ao redor dela e Lindsay se apoiou no ombro do bailarino.

— Você tem razão. Não tenho certeza se seria bom saber o que teria acontecido.

Eles ficaram em silêncio, mudando o rumo de seus pensamentos.

— Donald Keyser parece ser um bom homem — murmurou Lindsay. Ela sentiu que o abraço de Nick ficou ligeiramente tenso.

— Sim.

— Ruth não está apaixonada por ele, claro, mas ele também não está apaixonado por ela. Acho que são uma boa companhia um para o outro. — Como Nick não disse nada, Lindsay virou a cabeça e olhou para ele. — Nick?

Ele olhou para baixo e leu os pensamentos de Lindsay claramente.

— Você vê coisas demais — disse, baixinho.

— Eu conheço você... Eu conheço Ruth.

Ele reagiu, com o olhar perdido no horizonte.

— Você tem medo que eu a magoe.

— Isso passou pela minha cabeça — admitiu Lindsay.

— Assim como passou pela minha cabeça que ela poderia magoá-lo. — Nick voltou a olhar para ela, e Lindsay acrescentou: — É difícil, porque eu amo vocês dois.

Dando de ombros, Nick enfiou as mãos nos bolsos e se virou, dando dois passos para trás.

— Nós dançamos juntos, só isso.

— Não é só isso — disse Lindsay. Mas, quando Nick lhe deu as costas,

irritado, ela insistiu. — Ah, não estou querendo dizer que vocês se amem, e isso nem é da minha conta. Mas, Nick... — Ela suspirou, percebendo a raiva nos olhos dele. — E impossível olhar para vocês e não perceber.

— O que você quer? — perguntou ele. — Que eu prometa que não a levarei para a cama?

— Não. — Tranquilamente, Lindsay foi até ele. — Não estou pedindo que você prometa nada, nem estou lhe dando conselhos. Espero apenas poder apoiá-lo se você quiser.

Ela viu a raiva desaparecer quando Nick se virou.

— Ela é uma criança — ele murmurou.

— Ela é uma mulher — corrigiu Lindsay. — Ruth mal teve tempo para ser uma criança. Ela já era bem madura, em vários sentidos, quando a conheci.

— Talvez seja mais seguro se eu pensar nela como uma criança.

— Você brigou com ela. Nick riu, encarando Lindsay.

— Ptichka, eu sempre brigo com minhas parceiras, não é?

— É. — Lindsay concordou, e achou melhor deixar por isso mesmo. Em vez de pressioná-lo, ela lhe estendeu a mão. — Nós tivemos algumas brigas feias, Davidov.

— As melhores. — Nick tomou a mão que ela lhe oferecia com suas duas mãos. — Venha, deixe-me levá-la para dentro. Nós deveríamos estar comemorando.

— Eu lhe disse que você estava divino esta noite e que seu balé é genial?

— Só uma vez. — Nick sorriu para ela, encantadoramente. — E não foi o suficiente. Eu tenho um ego gigantesco. — As covinhas em seu rosto ficaram mais fundas. — Eu estava mesmo maravilhoso?

— Ah, Nick. — Lindsay riu, abraçando-o. — Você estava maravilhoso, como só um Davidov sabe ser.

— Um elogio como este — disse Nick —, vindo de você, me faz ainda mais feliz.

Lindsay o beijou.

— Estou tão contente por você não ter mudado. Os dois se viraram quando a porta foi aberta. Seth apareceu na sacada.

— Ah, fomos pegos — disse Nick, com um sorriso forçado, mantendo Lindsay em seus braços. — Agora seu arquiteto vai quebrar minhas duas pernas.

— Talvez, se você implorar por misericórdia... — disse-lhe Lindsay, rindo para Seth.

— Davidov implorando por misericórdia? — Revirando os olhos, ele a soltou. — Esta mulher está maluca.

— Como sempre — concordou Seth. — Mas eu tento ignorar isso. — Lindsay deu a mão para ele. — As pessoas estão perguntando por você — disse para Nick.

Nick assentiu, dando uma rápida olhada para o salão.

— Por quanto tempo vocês vão ficar na cidade?

— Só esta noite — respondeu Seth.

— Então direi adeus agora. — Ele estendeu a mão para Seth. — Do svidanya, priyatel. — Ele usou a palavra em russo que significava "amigo". — Você é um homem para ser invejado. — Do svidanya, ptichka.

— Adeus, Nick. — Lindsay ficou observando-o entrar no salão. Ela suspirou.

— Sente-se melhor? — perguntou Seth.

— Você me conhece muito bem — murmurou ela.

— È porque a amo — sussurrou Seth, envolvendo-a num abraço.

— Seth. Foi uma noite adorável.

— Sem arrependimentos?

Lindsay sabia que ele estava se referindo à sua carreira, às escolhas que ela fizera.

— Sim. Sem arrependimentos. — Ela ergueu o rosto, beijando-o.

O beijo se tornou mais intenso e profundo, com um toque de desejo. Lindsay ouviu Seth expressar seu prazer quando a puxou para perto. Seus braços deslizaram pelas costas dele até ela poder agarrar-lhe os ombros. É

sempre como se fosse a primeira vez, pensou, todas as vezes que Seth me beija, é como se fosse a primeira vez.

— Seth — murmurou de encontro à sua boca, ao mudarem o ângulo do beijo. — Eu estou cansada, cansada demais para ficar nesta festa.

— Hummm. — Seth começou a beijar-lhe a orelha.

— Foi um longo dia. Nós deveríamos apenas voltar para nosso quarto e descansar.

Lindsay riu baixinho.

— Boa ideia. — Provocativamente, ela levou a boca de encontro à dele mais uma vez. — Talvez pudéssemos pedir uma garrafa de champanhe... para celebrar o balé.

— Uma garrafa gigante de champanhe — disse Seth, afastando-a o suficiente para que ela visse seu sorriso.

— Afinal, o balé foi excelente.

— Ah, sim. — Lindsay deu uma olhada para a porta que os separava da multidão. Ela sorriu de volta para o marido. — Acho que não devemos estragar a festa. O que você acha?

— Que festa? — perguntou Seth. Pegando-a pelo braço, ele passou pelas portas. — Há uma outra saída na ala leste.

Lindsay riu.

— Arquitetos sempre sabem o que realmente importa — murmurou.

Capítulo 6

Ao fim da primeira semana, A Rosa Escarlata já havia se tornado um sucesso. A companhia se apresentava para o teatro lotado todas as noites. Ruth leu as críticas e soube que era um marco em sua carreira. Ela deu entrevistas e se preocupou em promover o balé, a companhia e a si mesma. Era uma questão simples de se envolver com seu trabalho e com seu sucesso. O que não era simples era ter de lidar com seus sentimentos todas as noites, quando dançava com Nick. Ruth dizia a si mesma que eram os sentimentos de Carlotta: aquilo era apenas empatia com o papel que interpretava. Apaixonar-se por Davidov era impossível. Ele estava absorvido pelo balé. Do mesmo modo que Ruth. Nick estava interessado apenas em relacionamentos carnavais e superficiais. Quando se decidisse se envolver com um homem, ela iria querer emoções — emoções profundas e duradouras. O exemplo de seus próprios pais e de Lindsay e Seth não a deixava querer menos do que isso. Nick era exigente, egoísta e irrazoável — não eram as qualidades que ela buscava em um amor. Ele a considerava uma tola romântica.

Ruth precisava se lembrar disso depois de cada apresentação, quando seu sangue estava fervendo e o desejo que sentia por Nick se avolumava dentro dela. Ruth precisava lembrar a si mesma disso quando deitava insone à noite, com a mente totalmente desperta.

Eles se encontravam quase que exclusivamente no palco, por isso, quando estavam juntos, a tentação era forte para dominar os papéis dos personagens que eles interpretavam. Sempre que Ruth percebia que estava próxima de perder a identidade de Carlotta ou a distância que mantinha de Nick, se lembrava dos defeitos dele. Ela tinha seus próprios planos para a vida, tanto a pessoal quanto a profissional. Ruth sabia que Nick era o único homem que poderia interferir nesses planos.

Ela se considerava autossuficiente e independente. Ruth tinha de ser assim, por ter sido criada sem um lar propriamente dito e sem o cotidiano normal de uma criança. Não havia amiguinhos de brincadeiras em sua infância, e Ruth precisou aprender sozinha a não estabelecer laços sentimentais com as casas que seus pais alugavam, porque eles jamais ficavam em um lugar por muito tempo. O apartamento de Ruth em Nova York era o primeiro espaço com o qual ela se permitiu estabelecer uma relação afetiva. Era dela — pago com o dinheiro que Ruth ganhava,

decorado com as coisas que eram importantes para ela. No ano em que Ruth morara nele, aprendera que podia dar seu jeito àquele lugar. Ela tinha confiança em si mesma, como mulher e como bailarina. Ela ficava furiosa por saber que Nick era a única pessoa na Terra que a deixava insegura.

Profissionalmente, Nick podia desafiá-la ou intimidá-la escolhendo determinadas palavras ou fazendo uma careta. E Ruth estava a par da confusão que Nick despertava nela como mulher.

A paixão adolescente acabara, muito tempo atrás. Por anos, Ruth fora apaixonada apenas pela dança. Os homens com quem saía eram amigos, companheiros. Nick fora seu premier danseur, um mentor, um parceiro profissional. Era estranho para ela pensar em como seus sentimentos por Nick se transformaram e se intensificaram com tanta rapidez.

Talvez fosse mais fácil se apaixonar por um estranho do que estar na situação vergonhosa de se sentir repentinamente atraída por um homem que ela conhecia e com o qual trabalhava há anos. Não havia como fugir ao contato diário.

Se fosse só um caso de atração física, Ruth achava que podia lidar com o problema. Mas o que a preocupava era o envolvimento emocional. Seus sentimentos por Nick eram profundos e complexos. Ela o admirava, estava fascinada por ele, com raiva dele, confiava nele sem reservas — no plano profissional. No plano pessoal, Ruth sabia que Nick podia, dada a força da sua personalidade, dominar e destruir. Ela não queria ser a vítima. Ruth temia que o amor significasse dependência, o que, por sua vez, significava perder o controle.

— Em que planeta você está?

Ruth se virou de repente para ver Francie parada na porta do seu camarim.

— Ah, estou a anos-luz — admitiu. — Entre e sente.

— Você parecia estar fazendo reflexões profundas — comentou Francie.

Ruth começou a pentear o cabelo num rabo-de-cavalo.

— Hummm — fez, sem se comprometer. — As quartas-feiras são os dias mais longos. Só de pensar em ter de me apresentar duas vezes fico com câimbras nos pés.

— Sete chamadas ao palco para aplausos durante uma matinê não é algo que se despreze. — Francie se afundou numa poltrona. — O pobre do Nick está, neste momento, dando outra entrevista para um repórter do New Trenas.

Amarrando o cabelo com uma fita de couro, ela deu uma risadinha.

— Ele será encantador e seu sotaque ficará cada vez mais incompreensível.

— Spasibo. — Obrigado, foi o que Francie disse. — Uma das poucas palavras que eu sei de russo.

— Onde você aprendeu isso? — Ruth virou-se para olhá-la.

— Ah, estudei um pouco de russo há alguns anos, pensando que poderia conquistar o Nick. — Rindo, Francie procurou em seus bolsos por um chiclete. — Não deu certo. Ele ria e dava um tapinha na minha cabeça de vez em quando. Eu sonhava com violinos ciganos e paixões avassaladoras. — Ela levantou os ombros, e suspirou.

— Nick sempre parece estar ocupado, se é que você me entende.

— Sim. — Ruth olhou para ela, curiosa. — Eu nunca soube que você esteve... interessada em Nick desse modo.

— Querida. — Francie sorriu para ela, com pena. — Qual mulher não estaria? E nós sabemos muito bem do meu placar. — Ela riu, espreguiçando os braços para cima. — Eu gosto de homens, e não luto contra isso.

Francis abaixou os braços, pousando-os sobre o colo.

— Eu acabei de terminar meu namoro sério com o dermatologista.

— Ah, desculpe.

— Não precisa se desculpar. Nós nos divertimos. E eu estou pensando em namorar sério um ator que conheci na semana passada. Ele interpreta Prince Reynolds em Uma Nova Sociedade. — Diante do olhar interrogativo de Ruth, ela explicou: — A novela.

Ruth balançou a cabeça quando um sorriso surgiu em seu rosto.

— Nunca assisti.

— Ele é alto, com ombros largos e olhos escuros, aguçados. Talvez seja o homem da minha vida.

Diante da ideia, Ruth mordeu o lábio.

— E quando você vai saber se é ele? — Ela olhou nos olhos de Francie.
— O que a faz pensar que ele seja o homem da sua vida?

— Minha mão fica molhada. — Ela riu diante da cara de incredulidade de Ruth. — Não, é verdade, elas transpiram. Todas as vezes. Mas isso não funcionaria no seu caso. — Francie deixou de sorrir e se inclinou para a frente, como sempre fazia quando queria falar sério.

— Para você não bastaria pensar que um homem pode ser o homem de sua vida. Você teria de ter certeza de que ele é. Eu já me apaixonei duas vezes este ano. E me apaixonei pelo menos quatro ou cinco vezes no ano passado. Quantas vezes você se apaixonou?

Ruth olhou para ela sem expressar nada.

— Bem, eu... — Nunca, percebeu. Por ninguém.

— Não faça essa cara de desespero. — Francie se levantou da poltrona com toda a exuberância que demonstrava no palco. — Você nunca se apaixonou porque a palavra amor significa outra coisa para você. E você vai saber quando isso acontecer. — Ela pôs uma mão amiga sobre os ombros de Ruth. — É assim mesmo. Você não é insegura como eu. Você sabe o que quer, do que precisa. Você não aceitará menos do que isso.

— Insegura? — Ruth sorriu, intrigada, para a amiga. — Eu nunca pensei em você como uma mulher insegura.

— Eu preciso que alguém me diga que sou bonita, inteligente, que me ama. Você não. — Ela respirou fundo. — Quando fazíamos parte do corps, você já sabia que não ficaria ali por muito tempo. Você nunca teve dúvida disso. — Francie sorriu. — E ninguém também duvidou. Se encontrar um homem que importe tanto para você quanto a dança, você o conquistará. Ruth abaixou os olhos.

— Mas ele vai ter que sentir o mesmo por mim.

— Isso faz parte da aposta. E como um estiramento muscular. — Francie riu. — Dói à beça, mas você não para de dançar. Mas você ainda não teve um estiramento muscular.

— Você é ótima em fazer analogias.

— Eu só filósofo quando estou de estômago vazio — disse-lhe Francie.

— Quer almoçar?

— Não posso. Vou me encontrar com Donald. — Ruth pegou o relógio que estava sobre a penteadeira. — E já estou atrasada.

— Divirta-se. — Francie se dirigiu à porta. — George vem me buscar depois da apresentação de hoje à noite. Você pode dar uma olhada nele.

— George?

— George Middemeyer. — Virando-se para trás, Francie deu uma risadinha. — O doutor Prince Reynolds. Ele é um neurocirurgião com um casamento falido e uma amante conivente que pode estar grávida. Assista amanhã.

Dizendo isso, ela se foi. Ruth riu e pegou a bolsa.

O restaurante onde Ruth deveria se encontrar com Donald ficava a dois quarteirões dali. Ela se apressou, porque sabia que estava dez minutos atrasada e que

Donald era sempre pontual. Ruth tinha pouco tempo antes de ter de voltar para os compromissos da companhia.

O cheiro forte e agradável de carne enlatada e de pickles kosher chegaram até ela no momento em que Ruth abriu a porta. O restaurante não estava cheio, pois passava da hora do almoço, mas algumas pessoas permaneciam no local. Dois velhos disputavam um jogo de tabuleiro numa mesa ao longe, cheia de restos do almoço.

Ruth olhou por sobre os homens e encontrou Donald sentado em sua cadeira, fumando. Ela caminhou suavemente, com evidente segurança, por entre as filas de mesinhas.

— Desculpe, Donald. Sei que estou atrasada. — Ela se abaixou para dar um beijo rápido nele antes de se sentar.

— Você já pediu?

— Não. — Ele bateu a cinza do cigarro. — Esperei por você.

Ruth franziu a testa. Havia algo de diferente naquelas palavras. Conhecendo Donald, ela disse a si mesma que deveria aguardar. O que quer que ele tivesse para dizer, Donald diria no momento que achasse melhor.

Ela deu uma olhada ao redor enquanto um homem gordo, vestindo um

avental branco, saiu de trás do balcão em direção à mesa que ocupavam.

— Salada de frutas e chá, por favor — disse-lhe Ruth, com um sorriso.

— Peixe e café. — Donald não olhou para o garçom. O homem bufou rapidamente na direção dele antes de se afastar. Ruth riu, nervosa, quando Donald se afundou na cadeira.

— Você já esteve aqui na hora do almoço? — perguntou a Donald. — É uma loucura. Ele tem um menino que o ajuda na hora de maior movimento, mas os dois trabalham na mesma velocidade. Adagio.

— Eu raramente como neste tipo de lugar — comentou Donald, dando um último trago antes de esmagar o cigarro no cinzeiro.

Novamente, Ruth percebeu que ele estava escondendo algo, mas esperou.

— Este é todo o tempo de folga que eu tenho hoje, Donald. E o dia deve ser frenético para você também, com o desfile e a recepção da noite. — Ela pôs a bolsa no encosto da cadeira e, então, apoiou os cotovelos sobre a mesa. — Está tudo bem?

— Parece que sim. Alguma confusão de última hora, é claro. Um conflito de temperamentos entre o meu alfaiate e a minha costureira. — Ele deu de ombros. — O de sempre.

— Mas esse desfile é bem importante, não é? — Diante do tom de voz de desprezo de Donald, ela levantou o queixo.

— Sim, é importante. — Ele lhe lançou um olhar direto. — E por isso que eu a quero lá comigo.

Ruth recebeu o olhar, mas ficou em silêncio enquanto a comida era colocada displicentemente sobre a mesa. Distraída, ela pegou a colher, mas deixou a salada intocada.

— Você sabe por que não posso ir, Donald. Nós já conversamos sobre isso.

Ele jogou uma generosa colherada de açúcar em sua xícara de café preto.

— E eu também sei que nós chegamos a um impasse. Deixar de se apresentar por uma noite não vai fazer tanta diferença.

— Um impasse é um problema sério. Eu não posso tirar uma noite de folga porque quero sair para um encontro.

— Não vamos pegar um cineminha e comer uma pizza — ele disse, de mau humor.

— Eu sei, Donald. — Ruth bebeu seu chá. Uma luz começou a piscar em seus olhos. — Eu iria, se pudesse.

— Eu não a abandonei na sua noite de estreia.

— Não é justo. — Ruth abaixou a xícara. Ela podia ver, pela frieza do olhar dele, que Donald não se resignara. — Se você tivesse um desfile marcado para o mesmo dia da minha apresentação, não o teria perdido, e eu não esperaria que você o fizesse.

— Você não tem intenção alguma de fazer um esforço por mim e pelo meu trabalho.

Ruth pensou nas festas e reuniões a que fora por insistência dele.

— Eu lhe dou o que posso, Donald. Você sabia das minhas prioridades quando começamos a nos relacionar.

Donald parou de mexer o café e pôs a colher sobre a mesa.

— Não basta — disse ele, com frieza. Ruth sentiu seu estômago se contrair. — Eu quero que você vá comigo esta noite.

Ela reagiu contrariada.

— Um ultimato?

— Sim.

— Desculpe, Donald. — Ruth abaixou a voz, mas sem se desculpar realmente. — Não posso.

— Você não quer — respondeu ele.

— Não tem importância como você vê as coisas — disse Ruth, cansada.

— Eu vou levar Germaine comigo no desfile de hoje à noite.

Ruth olhou para ele. Sua escolha pareceu bastante astuta. A maior concorrente de Donald provavelmente seria uma companhia melhor do que uma bailarina.

— Eu tenho saído com ela algumas vezes — explicou. — Você anda ocupada.

— Entendo — disse ela, sem expressar nada, mas ficando magoada com as palavras de Donald.

— Você tem andado muito ensimesmada ultimamente. Não há espaço para mais nada na sua vida que não seja o balé. Você se recusa a criar um espaço para mim, para qualquer homem. Você é egoísta, Ruth. Aula após aula, acumuladas com ensaios e apresentações. A dança é tudo o que você tem e tudo o que você quer.

No começo as palavras a surpreenderam, depois a feriram. Ruth procurou atrás de si pela bolsa, mas Donald a agarrou pelo braço.

— Eu não terminei. — Ele a segurou firmemente na cadeira. — Você fica em frente àqueles espelhos durante horas, e o que você vê? Um corpo que espera que um coreógrafo lhe diga o que deve ser feito. Você costuma se mover de acordo com sua vontade, Ruth? Você costuma fazer algo diferente do que lhe mandam fazer? O que você vai ter quando parar de dançar?

— Por favor. — Ela mordeu com força o lábio, tentando, sem sucesso, impedir que as lágrimas caíssem. — Chega.

Donald parecia ter olhos apenas para o rosto dela. Bufando, ele soltou o braço de Ruth.

— Droga, Ruth, desculpe.

— Não. — Balançando a cabeça desesperadamente, ela empurrou a cadeira e se levantou. — Não diga mais nada. — Como um raio, Ruth correu para fora.

O ar úmido do verão a atingiu como uma rajada. Por um momento, Ruth ficou olhando de um lado para o outro na rua, confusa, antes de ir para o estúdio.

Ela andava apressada, em meio a um mar de gente. As farpas que Donald lhe atirara a atingiram — atingiram em cheio. Seria ela apenas um robô? Um corpo vazio pronto para ser preenchido de acordo com a vontade dos coreógrafos e compositores? Era isso o que as pessoas pensavam dela — elas a viam como uma bailarina numa caixinha de música, girando incansavelmente até que a música cessasse?

Ruth se perguntava quanto de verdade havia nas palavras iradas de Donald. Entrando correndo pela porta da frente do prédio, foi direto para o camarim.

Entrou, fechou a porta e se apoiou de costas nela. Ruth tremia, dos pés à cabeça. Um poucas observações de Donald bastaram para humilhá-la. Ruth caminhou lentamente para o espelho e acendeu todas as luzes. Com olhos duros e curiosos, estudou seu próprio rosto.

Teria seu amor e devoção pela dança feito dela uma mulher egoísta, com só um interesse? Seria mesmo incapaz de se apaixonar profundamente por um homem, de se comprometer?

Ruth apertou o rosto com as mãos. A pele era macia, suave, e o cheiro de suas mãos era feminino. Mas, e quanto a ela? Ruth percebeu que havia pânico em seus olhos. Onde acabava a bailarina e começava o ser humano? Ela balançou a cabeça e se afastou de sua própria imagem.

Espelhos demais, pensou, subitamente. Havia espelhos demais em sua vida, e Ruth não sabia mais ao certo o que eles refletiam. O que seria dela em uma década, quando a bailarina sumisse no ocaso de sua carreira? Tudo o que ela teria seriam lembranças e alguns recortes de jornal?

Fechando os olhos, Ruth se obrigou a respirar fundo várias vezes. Faltavam apenas três horas até que a cortina se abrisse. Não havia tempo para desperdiçar com problemas. Ruth procuraria pelas respostas depois da apresentação.

Ruth concluiu que o que precisava era do almoço que acabara de recusar, por isso desceu até a cantina para beber uma xícara de chá e comer uma maçã. Bastou a familiaridade do lugar para ajudá-la a se controlar. Havia reclamações sobre músculos cansados e combinações de passos impossíveis, a marcação cerrada de Nadine e o estado do encanamento do quarto andar. Quando chegou a hora de Ruth voltar para o camarim, já estava mais calma.

— Ruth!

Ela olhou para trás assim que tocou a maçaneta.

— Olá, Leah. — Ruth tentou mostrar algum entusiasmo ao ver a elegante bailarina loura.

— As críticas a seu respeito são ótimas.

Leah entrou no camarim de Ruth assim que a porta foi aberta. Ruth sabia, bem demais, da dedicação da loura em causar problemas. Ruth achava que já havia recebido sua porção de preocupações para aquele dia.

— Elogios para o balé como um todo — concordou, andando para se sentar numa cadeira em frente à penteadeira, pois Leah ocupara a poltrona. — Mas acho que você não vai encontrar nenhuma crítica de balé nisso. — Seus olhos apontavam para o jornal que Leah tinha em mãos.

— Você nunca sabe de quem eles vão falar aqui. — Ela sorriu para Ruth, e então começou a folhear o tabloide.

— Eu acabei de ver uma referência a um amigo seu. Vamos ver, onde mesmo...? — Ela deslizou o dedo sobre o papel, à procura. — "Donald Keyser" — leu —, "famoso estilista, foi visto recentemente na companhia de sua mais feroz concorrente, Germaine Jones. Aparentemente, o interesse dele por balé acabou." — Leah ergueu os olhos, exibindo um sorriso de solidariedade. — Os homens são uns porcos, não são? Ruth engoliu em seco.

— Se são!

— E é tão humilhante ser dispensada pelos jornais também.

Ruth se endireitou. Seu rosto ficou vermelho.

— Eu também fui dispensada ao vivo — disse, com a tranquilidade da determinação. — Por isso não tem importância.

— Ele era lindíssimo — acrescentou Leah, dobrando meticulosamente o papel. — Claro que logo deve surgir alguém.

— Eu não lhe contei sobre o texano?

Ruth ficou surpresa consigo mesma. Mas a expressão pálida de curiosidade no rosto de Leah bastou para que ela continuasse com o fingimento.

— Texano? Que texano?

— Ah, temos sido discretos — informou Ruth, alegremente. — Ele não pode deixar que seu nome seja divulgado num jornal até que a separação esteja consumada. Uma fortuna, sabe, e a segunda mulher dele não está cooperando muito. — Ela conseguiu esboçar um sorrisinho. — Você não acreditaria se visse o acordo. Ele ofereceu a ela uma villa no sul da Itália,

mas ela quer mesmo é a coleção de arte. Impressionistas franceses.

— Entendo. — Leah estreitou os olhos, que pareciam os de um gato. — Bem, você não sossega mesmo.

— Sou como uma fénix.

— Você só precisa tomar cuidado quando Nick descobrir — advertiu Leah, passando a ponta da língua sobre os lábios. — Ele detesta publicidade negativa. E vai querer um cuidado redobrado agora que está terminando o projeto de um grande especial na televisão a cabo.

— Um especial? — perguntou Ruth.

— Você não sabia? — Leah pareceu feliz novamente — Com a companhia, claro, e estrelando seus principais bailarinos. Eu farei a Aurora, claro, provavelmente a cena do casamento. Acho que Nick tem planos para fazer um pas de deux de O Corsário e, claro, um do A Rosa Escarlate. Ele ainda não escolheu suas parceiras. — Ela fez uma pausa intencional, e sorriu. — Nós teremos duas horas inteiras no ar. Nick está muito excitado com a oportunidade. — Ela olhou atravessado para Ruth. — Estranho ele não ter mencionado isso para você, mas talvez tenha achado que você não aceitaria, depois do cansaço das últimas semanas.

Leah se levantou para sair.

— Não se preocupe, querida, ele vai anunciar o projeto em poucos dias. Tenho certeza de que vai incluí-la em algum lugar. — Ela jogou o jornal sobre a poltrona. — Dance bem — disse, e saiu, fechando suavemente a porta.

Capítulo 7

Ruth ficou sentada, olhando para a porta fechada, por um longo tempo. Como era possível que Leah soubesse de um projeto daquela importância enquanto ela ficava no escuro? A não ser que Nick pretendesse excluí-la.

Ruth sabia que tinha problemas pessoais com Nick, mas profissionalmente... Profissionalmente, lembrou, Ruth lhe dissera que, depois daquela temporada, jamais dançaria com Nick outra vez. Ela se lembrou de suas próprias palavras e soube que estava falando sério, pelo menos naquele momento. Mas isso também significava que ninguém mais faria par com ela? Será que Nick era tão vingativo assim?

Ruth sabia que era uma boa bailarina. Nick a desprezaria por motivos pessoais? Afinal, ela o ameaçara. Ruth fechou os olhos e tentou controlar a queimação que lhe subia pelo estômago.

Ele mal conversara com ela depois daquela noite. Seria esse o jeito que Nick encontrara de castigá-la por Ruth ter dito que não queria nem precisava mais da sua parceria? Ele deixaria outra pessoa interpretar Carlotta? Ruth não suportou pensar nisso. Incontáveis vezes ela disse a si mesma que era uma estúpida por permitir tanta dependência de um parceiro de dança. Muitas outras mulheres interpretariam Carlotta; ela fora apenas a primeira. Se bem que Ruth sabia que ajudara a criar a personagem, tanto quanto Nick. Ela pusera sua alma no papel.

Abrindo os olhos, Ruth olhou diretamente para o exemplar do tabloide Keyhole que fora deixado sobre a poltrona. Leah executara muito bem seu trabalho, percebeu Ruth, com um longo suspiro. Ela quis desestabilizar Ruth antes da apresentação, e foi bem-sucedida. Tudo o que Donald dissera — toda a sensação de dúvida e inadequação — fora reforçado. Agora Ruth estava com medo de que Nick a dispensasse da companhia quando a temporada de *Rosa Escarlata* chegasse ao fim.

Ela levou as mãos ao rosto por um momento, na tentativa de se esquecer de tudo aquilo. Ruth tinha que se apresentar e nada podia interferir. Ela era uma bailarina. Ninguém poderia tirar isso dela.

Menos de uma hora depois Ruth saiu do camarim para se aquecer nos

bastidores. Ainda trêmula, tentou focar todo o seu poder de concentração no papel que interpretaria. Em uma outra noite ela teria deixado Ruth Bannion para trás, no camarim. Mas não dessa vez. Esta noite seria difícil capturar o espírito livre, a confiança e a verve de Carlotta.

Ruth relaxou automaticamente os músculos, na tentativa de bloquear as palavras de Donald e de Leah, mas elas continuavam ecoando em sua mente.

O som da orquestra afinando os instrumentos a trouxe de volta à realidade. Tudo parecia errado — a fantasia, as luzes, o lamento dos instrumentos de corda. Ruth estava fria, entorpecida. Ela esqueceu quais eram seus primeiros passos no balé.

Nick saiu do camarim. Seus olhos procuraram por Ruth. Era um costume dele, que o incomodava. Um sinal de fraqueza que, embora pequeno, irritava-o. Ruth Bannion estava começando a se transformar em seu ponto fraco. Ela era tranquila como um céu de outono e quente como um dia de verão. A oscilação o estava deixando louco. Nick não se importava nem um pouco com isso.

Era difícil lidar com o desejo, que não diminuía mesmo quando Ruth parecia estar indiferente a ele e depois o desafiava a conquistá-la assim que pisavam no palco. Nenhuma mulher jamais o fizera se sentir assim, tão miserável e feliz ao mesmo tempo.

Nick percebia o nervosismo nas costas dela, embora não pudesse ver o rosto da bailarina. Ruth falava por meio do seu corpo.

— Ruth.

Seus ombros já tensos ficaram ainda mais rígidos ao ouvir a voz de Nick. Lentamente, lutando para se recompor, ela se virou. Seu rosto brilhou antes de se fechar inexpressivo.

— O que houve?

— Nada.

Ruth esperava que sua voz soasse normal. Ela não recuou quando Nick a pegou pelo queixo e examinou seu rosto. Sob a maquiagem sua pele estava pálida, os olhos escuros e infelizes.

— Você está doente? — Se a voz dele tivesse sido mesmo de

preocupação, Ruth poderia ter desmaiado.

— Não.

Nick a olhou longamente, curioso, antes de abaixar a mão.

— Então se apronte. Você tem que dançar agora. Se você teve uma briga com seu namorado, suas lágrimas vão ter de esperar.

Ele a ouviu respirar fundo e viu seus olhos se embaçarem, magoados.

— Eu vou dançar, não se preocupe. Ninguém que você tenha escalado para me substituir será capaz de dançar melhor este papel.

Nick estreitou os olhos, fechando os dedos ao redor dos braços de Ruth.

— Do que você está falando?

— Nada. — Ruth livrou o braço com um puxão. — Muita gente já abriu mão de mim por uma noite. Não preciso de mais.

Sua voz falhou e, amaldiçoando-se, Ruth foi para as coxias para se preparar para sua entrada. Ela respirou fundo várias vezes, obrigando-se a ignorar ao máximo o que a transtornava.

Ela não foi bem na dança de abertura. Ruth se consolou, ao voltar para as coxias, dizendo a si mesma que apenas os olhos mais atentos teriam percebido suas falhas. Tecnicamente, seus movimentos foram perfeitos, mas Ruth sabia que uma bailarina tinha de doar muito mais do que seu corpo para a dança. Seus pensamentos e seu coração não a acompanharam. Sua incapacidade de dar seu melhor a abalou ainda mais.

Ruth fez sua segunda entrada e, pouco depois, estava dançando com Nick.

— Coloque um pouco de vida nisso — pediu ele, baixinho, enquanto Ruth rodava numa pirueta dupla. Ele a ergueu em um arabesque. — Você está dançando como um robô.

— Não é isso o que você quer? — sussurrou ela, em resposta. Jeté, jeté, arabesque, e Ruth voltou para os braços dele.

— Fique com raiva — murmurou Nick, levantando-a novamente. — Odeie-me, mas pense em mim. Em mim.

Era difícil pensar em outra coisa. Os olhos de Nick exigiam que se

pensasse só neles durante toda a apresentação. Os nervos de Ruth foram levados ao limite no último ato. As emoções estavam em ebulição dentro dela, tanto que Ruth pensou que ficaria doente. Ela jamais rezara antes para que uma apresentação terminasse. Sua cabeça latejava desesperadamente, mas Ruth lutou para concluir seu trabalho. Ela se apoiou em Nick quando as cortinas se fecharam.

— Você disse que não estava doente. — Ele a segurou pelos ombros. Ruth balançou a cabeça, negando. — Você pode receber os aplausos?

— Sim. Sim, claro.

Ruth tentou se soltar dos braços dele. Nick resistiu aos esforços dela. Então, quando Ruth levantou os olhos inquisidores para ele, Nick a soltou e pegou sua mão.

Os aplausos estavam abafados pela pesada cortina. Mas, com um aceno de Nick, o pano foi levantado. O barulho foi ensurdecedor. Ruth estremeceu diante do volume dos aplausos. Vezes seguidas ela fez suas medidas, aguentando por saber que aquele longo dia estava quase no fim.

— Chega — disse Nick, rudemente, ao ouvir mais uma vez os aplausos contra a cortina fechada. Ele começou a guiar Ruth para fora do palco.

— Nick — disse ela, confusa, porque seu camarim ficava na direção oposta.

— A srta. Bannion está doente — disse ele quando passaram pelo diretor de palco. — Ela vai para casa. Não receberá ninguém.

— Nick, não posso — protestou Ruth. — Eu tenho de me trocar.

— Depois. — Ele simplesmente a empurrou para dentro do elevador. — Vamos subir até o meu escritório. — Nick apertou um botão, e as portas se fecharam. — Vamos conversar.

— Não posso — começou Ruth, entrando em pânico. — Não quero.

— Você vai. E agora fique quieta. Você está tremendo. Sabendo que Nick não hesitaria em usar a força para conseguir o que desejava, Ruth se resignou quando as portas se abriram e ele a empurrou pelo corredor. Todo o andar estava escuro e deserto. Sem a menor hesitação, Nick localizou a porta do seu escritório. Puxando-a para dentro, Nick acendeu as luzes e, então, fechou e trancou a porta.

— Sente-se — ordenou bruscamente, indo para trás do bar.

Ruth já estivera naquele lugar. Ele revelava um outro lado de Nikolai Davidov, o bailarino, o coreógrafo. Aquele era o território de um executivo. O lugar onde ele negociava com os ricos, arrecadando dinheiro para manter a companhia ativa. Ruth podia facilmente imaginá-lo sentado atrás da velha mesa de carvalho, irradiando charme e angariando fundos dos patronos. Ruth achava ter ouvido Nadine dizendo que Nick era tão valioso para a companhia atrás da mesa quanto no palco.

Charme. Carisma. Aquele sorriso generoso e íntimo para o qual era impossível dizer não. Sim, era um talento, assim como um duplo tours en l'air exigia talento. E estilo. O que era o talento sem estilo? Davidov tinha muito das duas coisas.

Ruth deu uma olhada em todo o arrumado escritório, com seus móveis antigos e de bom gosto, e as gordas poltronas em couro. Quantos investimentos começaram sua jornada nesta sala, desde os bolsos forrados em seda até os cenários, figurinos e holofotes? Que elegante amante do balé pagara pelo figurino que ela usava naquele momento? — Eu disse sente-se.

A ordem de Nick interrompeu os devaneios de Ruth. Ela se virou, mas, antes que pudesse dizer algo, percebeu que estava sendo virada para um sofá. Uma indiscutível pressão em seu ombro a convencera a se sentar. Um copo de conhaque, quase cheio, foi empurrado na direção dela.

— Beba. — Assim dizendo, Nick foi para trás do bar para também se servir de conhaque. Quando ele se sentou ao lado de Ruth, inclinou-se para trás, apoiando-se no braço do sofá, e ficou olhando para ela. O franzir das sobrancelhas dele repetia-lhe a ordem, e Ruth bebeu seu conhaque.

Em silêncio, ele continuou estudando-a enquanto bebia. O silêncio era absoluto. Ruth bebeu novamente, voltando toda a sua atenção para uma mancha na madeira da mesa.

— Então? — A palavra fez com que seus olhos se voltassem para o rosto de Nick. Ele mantinha o olhar nela, enquanto levantava o copo. — Conte-me — mandou.

— Não há nada para contar.

— Ruth! — Ele deu uma olhada para o líquido em seu copo, como se estivesse analisando a qualidade da bebida. — Você sabe que às vezes eu

sou um homem paciente. Mas esta disse, mirando-a — não é uma dessas vezes.

— Estou feliz por você ter deixado isso bem claro. — Ruth terminou de beber o conhaque indiferentemente, e então deixou o copo de lado. — Bem, obrigada pela bebida. — Ela ainda não havia se levantado completamente quando sentiu a mão de Nick segurá-la pela cintura.

— Não abuse da sorte — advertiu Nick, calmamente. Ele a aprisionou enquanto bebia, tranquilamente, o conhaque. — Respostas — disse-lhe. — Agora.

— Posso ouvir primeiro a pergunta, por favor? — Ruth manteve a voz baixa, mas sua pulsação a traía, batendo com toda a força, de modo que Nick pudesse senti-la com os dedos que estavam ainda em seu corpo.

— O que havia de errado com você hoje?

— Eu estava um pouco distraída. — Ela fez um gesto de impaciência com os ombros.

— Por quê?

— Foi uma coisa passageira. Acontece, às vezes. — Ruth tentou, sem sucesso, libertar seu braço. A facilidade com que Nick a impediu era odiosa. — Eu não tenho direito a nenhuma privacidade? — perguntou. — A nenhum sentimento pessoal?

— Não, se isso interfere no seu trabalho.

— Eu não posso dançar de forma automática. — A raiva que ela estava tentando controlar vazou em sua voz. Seus olhos queimavam. — Não importa o que as pessoas pensam. Eu não sou apenas um corpo que dança quando alguém toca uma música. Ah, deixe-me ir! — Ela puxou a mão mais uma vez. — Eu não quero conversar com você.

Ignorando o pedido de Ruth, Nick abaixou o copo.

— Quem pôs esses pensamentos em sua cabeça? — Ele a pegou pelos ombros, obrigando-a a olhar para ele mesmo que Ruth quisesse desviar o olhar. — Seu estilista? — A expressão de Ruth a entregava, mesmo que ela negasse com a cabeça.

Nick xingou em russo. Ele a apertou com mais força.

— Olhe para mim — exigiu. — Você não é capaz de perceber quando

lhe dizem uma besteira?

— Ele disse que eu não tenho sentimentos — contou Ruth, hesitante, tentando controlar as lágrimas que tornavam sua voz áspera e nublavam sua visão. — Que minha vida e minhas emoções estavam todas ligadas ao balé e que sem isso... — Ela se interrompeu, balançando a cabeça.

— E o que ele sabe sobre isso? — Nick a chacoalhava, nervoso. — Ele não é um bailarino. Como é que ele sabe como nós nos sentimos? Por acaso ele sabe a diferença entre um pulo e um salto? — Ele xingou novamente, um xingamento curto e conciso. — Ele está com ciúmes. Ele quer enjaular você.

— Ele quer mais do que eu lhe dou — respondeu Ruth.

— Ele tem direito a mais. Eu me importo com ele, mas...

— Ela tirou o cabelo do rosto com as duas mãos.

— Você não está apaixonada por ele — concluiu Nick.

— Não. Não. Não estou. Talvez só não seja capaz de sentir isso. Talvez ele tenha razão, e eu...

— Pare! — Ele a sacudiu de novo, mais forte do que antes. Levantando-se de repente, Nick perambulou pelo escritório. Ruth o ouviu resmungar em russo enquanto caminhava. — Você é uma estúpida por deixar que qualquer pessoa a faça acreditar nessas coisas. Só porque você não estava apaixonada por um homem, você o deixa convencê-la de que é menos do que uma mulher? — Ele fez um barulho que exprimia nojo e se virou para Ruth. — O que há de errado com você? Onde está seu espírito? Sua paixão? Se eu lhe dissesse esse tipo de coisa, você não teria permitido!

Ruth apertou as têmporas com os dedos, tentando recompor seus pensamentos.

— Mas você jamais teria dito essas coisas para mim.

— Não. — A resposta era simples. Nick voltou para Ruth. — Não, porque a conheço, e entendo o que está dentro de você. Nós temos a mesma coisa, percebe? — Ele lhe pegou a mão e seus dedos se entrelaçaram. Ruth olhava, imóvel, para as mãos dadas. — Você tem o seu mundo e o estilista o dele. Se houvesse amor, você poderia viver os dois mundos.

Ruth ficou pensando naquelas palavras.

— Eu, eu quis — disse baixinho. — Eu tentei, mas...

— Não. Sem "mas". Estou cansado de "mas". — Nick se jogou ao lado dela, conseguindo, ainda assim, tornar aquele movimento deselegante algo gracioso. — Então quer dizer que você brigou com o estilista e ele disse coisas estúpidas. E isso basta para que você fique pálida e doente?

— Não ajudou em nada ter que engolir minha substituta — retrucou Ruth. — Eu não gostei de ser insultada com um exemplar do Keyhole falando sobre a nova namorada dele uma hora antes de a cortina se abrir.

— Keyhole? — Nick franziu a testa, confuso. — O que é Keyhole? Ah! — disse, lembrando-se antes mesmo que Ruth pudesse explicar. — Aquele jornaleco estúpido, com fotografias ruins?

— O jornaleco estúpido que insinuou que Donald Keyser perdeu seu interesse no balé.

— Ah! — Nick batia as pontas dos dedos umas contra as outras. — Ele levou o jornal até o seu camarim?

— Não, não o Donald... — Ruth ficou em silêncio, assustada pelos olhos estreitos de Nick. Rapidamente ela molhou os lábios e se levantou. — Não importa. Foi estúpido deixar que isso me incomodasse.

— Pare. — A ordem curta a imobilizou. — Quem? — Ruth sentiu o perigo subir por sua espinha. — Quem levou o jornal para você antes da apresentação?

— Nick, eu...

— Eu lhe fiz uma pergunta. — Nick também se levantou. — Não há perdão para um membro da companhia que de propósito tenta atrapalhar outro bailarino antes de uma apresentação. Eu não permitirei isso.

— Não vou lhe contar. Não, não vou — acrescentou Ruth, decidida, ao ver a raiva nos olhos dele. — Eu deveria ter lidado com isso melhor. É o que farei da próxima vez. De qualquer maneira, houve mais uma coisa além de Donald que me incomodou esta noite.

Ruth manteve sua decisão, nem tanto por querer proteger Leah, e sim por não querer fazer de mais ninguém vítima da raiva de Davidov. Ela sabia que aquela raiva podia ser brutal.

— Eu quero um nome.

— Eu não lhe darei um nome. Não posso. — Ruth tocou-lhe o braço e descobriu que os músculos dele estavam rígidos. — Eu simplesmente não posso — murmurou, usando o poder que sabia que seu olhar possuía. — Há algo mais importante que precisamos resolver.

Nick ficou muito sério. Ruth sondava o rosto dele, mas ele mascarava suas emoções. Quaisquer que fossem seus pensamentos, Nick os mantinha para si. Sentindo o recuo, Ruth afastou a mão do braço dele.

— O quê?

Ruth voltou a si antes de molhar os lábios. Seu coração estava começando a bater furiosamente em seu peito.

— Eu acho que vou querer mais um conhaque antes. Ela esperou por uma impaciente e irada recusa, mas depois de uma breve hesitação Nick pegou os copos e foi para o bar. O único som que se ouvia era do líquido caindo no copo. Ruth aceitou quando Nick lhe entregou o conhaque, e o bebeu. Ela respirou fundo.

— Você pretende me demitir da companhia?

O copo de Nick parou a meio caminho da boca.

— O que você disse?

Dessa vez Ruth disse, com mais determinação:

— Perguntei se você está planejando me demitir da companhia.

— Eu pareço estúpido? — perguntou.

Apesar do nervosismo, o ar de incredulidade na voz de Nick a fez sorrir.

— Não, Davidov.

— Khorosho. Que bom. Finalmente, nós concordamos em algo. — Ele se ajeitou na cadeira, confuso. — E já que não sou estúpido, por que eu demitiria da companhia minha melhor bailarina?

Ruth o encarou. A surpresa se espalhou pelo seu corpo e ficou evidente em seu rosto.

— Você nunca disse isso antes — sussurrou.

— Disse o quê?

Balançando a cabeça, ela apertou a testa com um dedo, e se virou.

— Desde que me lembro, sempre quis ser uma bailarina. — Ruth riu contida, as lágrimas começando a cair. — Todos esses anos eu me esforcei, por mim, claro, pela dança e por você. E você nunca disse uma coisa destas antes. — Ela respirou rapidamente, trêmula. — Depois de um dia como este, depois da apresentação desta noite, você fica parado aí e, com toda a calma do mundo, me diz que eu sou a melhor bailarina que você tem. — Ruth limpou as lágrimas com os nós dos dedos. — Só você, Nikolai, poderia escolher uma hora como esta.

Embora não o tivesse ouvido se mexer, Ruth não se surpreendeu quando sentiu as mãos de Nick sobre seus ombros.

— Se eu não lhe disse antes, eu deveria. Ainda que eu nunca considere as palavras como algo muito importante.

Nick acariciou-lhe o cabelo, observando a luz que brilhava sobre ele.

— Você é muito importante para mim. Eu não vou perdê-la.

Ruth sentiu seu coração parar de bater. Então, como um trovão, ele começou a ribombar em seus ouvidos. Estamos apenas falando sobre a companhia, disse a si mesma. Sobre a dança. Ruth se virou.

— Você vai me substituir como a Carlotta para a televisão?

— Para a televisão? — perguntou Nick. Ele se esforçou, como tinha de fazer de vez em quando, para pensar em inglês. — Você está falando da televisão a cabo? — Lendo a resposta nos olhos de Ruth, ele continuou. — Mas isso ainda não está concluído. Como você... — Nick ficou em silêncio. — Então era isso o que você tinha em mente antes da apresentação desta noite. E essa informação, imagino, lhe foi dada pela mesma pessoa que lhe presenteou com o Doorknob.

— Keyhole — corrigiu Ruth, mas Nick já estava xingando em russo, numa explosão de raiva que, ela sabia, era tipicamente russa.

— Isso não é permitido. Eu não deixarei que minhas bailarinas se ataquem umas às outras antes de uma apresentação. Saiba de uma coisa: o que eu planejo e as escolhas que eu faço, eu faço. — Nick olhou atravessado para Ruth, tomado de fúria. — Minhas decisões. Minhas. Se eu a escolher para dançar Carlotta, você dançará Carlotta.

— Eu disse que jamais dançaria com você novamente — disse Ruth. — Mas...

— Eu não dou a mínima para o que você diz — falou Nick, com um estralar de dedos. — Se eu lhe disser para dançar comigo, você dançará. Você não tem o direito de opinar sobre isso.

A raiva dele estava no máximo, mas Ruth ousou desafiá-lo.

— Eu tenho o direito de opinar sobre minha própria vida.

— Para ir ou ficar, sim — concordou Nick. — Mas se você ficar, fará o que lhe for mandado.

— Você não me mandou fazer nada — ela lembrou. — Eu fiquei sabendo dos seus grandes planos a menos de uma hora de as cortinas se abrirem. Você mal falou comigo nas últimas semanas.

— Eu não tinha nada para lhe dizer. Eu não perco meu tempo.

— Seu arrogante, seu porco detestável! Eu investi tudo o que tenho neste balé. Eu sangrei por ele. Se você acha que vou permitir que o entregue facilmente para outra pessoa sem lutar, você é um idiota. E eu não dou a mínima se é um pas de deux de dois minutos ou um balé completo. É meu!

— É o que você acha, pequenina? — Sua voz era enganosamente gentil.

— É o que eu sei — retrucou Ruth. — E não me chame de pequenina. Eu sou uma mulher, e Carlotta é minha até eu não poder mais dançar. — Ela tomou fôlego rapidamente antes de continuar: — Eu vou dançar aqui por muitos anos depois que você tiver acabado com o príncipe Stefan.

— Mesmo? — Nick envolveu o pescoço dela com a mão e apertou um pouquinho. A intenção interrompeu-lhe a fúria. — Você se esqueceu, milaya, de quem compôs o balé? Quem o coreografou e a escolheu para interpretar Carlotta?

— Não. E não me esqueci de quem o dança!

— Você tem um pescoço lindo e fino — murmurou Nick. Seus dedos a acariciavam. — Não me tente a ponto de quebrá-lo.

— Eu estou com muita raiva para sentir medo de você, Davidov. Quero uma resposta simples. Vou dançar como Carlotta nesse especial ou não?

Os olhos de Nick percorriam o rosto cheio de fúria de Ruth.

— Eu informarei quando for a hora. Falta só uma semana para terminar sua temporada. Nós discutiremos os planos para o futuro quando ela tiver terminado. — Ele arqueou a sobrancelha quando Ruth deixou escapar um suspiro de raiva. — Incentivador. Agora você vai dançar com todo o seu coração para mim.

— Você sempre sabe o que dizer, não é, Nick? — Ela começou a se virar, mas Davidov a deteve.

Lentamente, Nick aproximou sua boca até que ela estivesse a um centímetro da boca de Ruth. Depois de um longo momento, de perder o fôlego, seus lábios se juntaram aos dela. Nick a ouviu prender a respiração ao contato. Ele podia sentir a pulsação de Ruth contra a palma de sua mão, mas mesmo assim Nick não a apertou com força.

Carinhosamente, a ponta da língua dele contornou-lhe os lábios, até que, com um suspiro, Ruth abriu a boca, convidando-o para nela entrar. Nick jamais a havia beijado com tanto carinho antes, com tanta ternura. Era possível se defender contra todo aquele carinho? Das outras vezes, sempre houvera calor e paixão, com toques de medo. Agora Ruth sentia apenas prazer.

Ele lhe mordiscou o lábio, parando um pouco antes de aquilo se transformar em dor, e, então, substituiu os dentes pela língua. O forte cheiro da maquiagem se misturou ao suor e ao sabor do conhaque. Fraca e flutuando, Ruth deixou a cabeça cair para trás, convidando-o a controlá-la.

Seus lábios se grudaram um pouco mais, até que Nick começou a afastá-la. Ele sentiu que Ruth se soltava, enquanto ela abria os olhos pesados para observá-lo. Nos olhos dela, Nick viu que a possuía. Ele tinha somente que deitá-la no sofá ou no chão. Eles estavam sozinhos, e ela ansiava. Nick ainda podia sentir o sabor dela, um sabor denso e selvagem de mel, que o seduzia.

— Pequenina — murmurou ele, tirando a mão do pescoço de Ruth e acariciando-lhe o rosto. — O que você comeu hoje?

Os pensamentos de Ruth ficaram imediatamente confusos.

— Comer? — perguntou ela, débilmente.

— Sim, comida. — Havia um quê de impaciência na voz dele, que bebia

seu conhaque novamente. — Do que é que você se alimentou hoje?

— Eu... — A mente de Ruth estava vazia. — Eu não sei — disse, por fim, sem ação. Seu corpo ainda estava latejante.

— Qual foi a última vez que você comeu picanha?

— Uma picanha? — Ruth passou a mão pelos cabelos. — Anos — disse, com uma risada irritada.

— Venha, você precisa de uma boa refeição. — Nick estendeu-lhe a mão. — Vou levá-la para jantar.

— Nick, eu não o entendo. — Enfeitiçada, Ruth ignorou a mão estendida de Nick, mas ele a agarrou firmemente e logo a estava puxando em direção à porta. — Você tem cinco minutos para se trocar.

— Nick. — Ruth parou na porta, observando-o. —Alguns dias eu conseguirei entendê-lo?

Suas sobrancelhas se levantaram e baixaram diante da pergunta.

— Eu sou Davidov — disse, rindo. — Não é o suficiente?

Ela gargalhou, tremendo toda.

— É, até demais — respondeu. — Demais...

Capítulo 8

O jantar com Nick foi agradável, mas não esclarecedor. Relembrando, Ruth percebeu que eles não tinham falado sobre balé. Depois de irem para casa em uma louca corrida de táxi, que Nick aparentemente apreciara, ele a deixou na porta com um rápido beijo sem paixão.

Ruth dormiu até que o despertador soasse na manhã seguinte. O cansaço emocional e a comida farta provaram ser excelente calmante.

No dia seguinte, a rotina foi retomada. Embora sua mente ainda estivesse ansiando por respostas, Ruth conhecia Nick bem o suficiente para saber que ele a faria esperar por elas. Quanto mais Ruth pressionasse, mais Nick seria reticente.

Enquanto a temporada de duas semanas de A Rosa Escarlate chegava ao fim, Ruth teve de lidar com o desânimo que surgia com o fim de um compromisso. Ela ficaria aguardando, esperando que Nick a escolhesse para outro papel. Seria mais uma pergunta sem resposta.

Ruth pendurou o figurino de Carlotta na noite de encerramento e se sentiu como se estivesse perdendo parte de si mesma. Ela não queria ir a uma festa do elenco, embora soubesse que deveria ao menos aparecer.

"Eu serei uma péssima companhia", disse a si mesma, com um sorriso cansado. Sem champanhe esta noite, decidiu rapidamente, enquanto tirava a maquiagem. Só um copo bem grande de leite e um pacote de biscoitos, tudo para mim. Ninguém para dividi-los, a não ser Nijinsky. Ruth vestiu a calça jeans. Sem preocupações, só prazer.

— Entre! — gritou ela, ao ouvir uma batida na porta. Ruth terminava de vestir uma camiseta quando Francie colocou a cabeça para dentro do camarim.

— Onde você está se escondendo? — perguntou. — Eles já estão bebendo champanhe.

— Eu já estou de saída — disse Ruth, pegando sua bolsa.

— Mas, mas você não pode... — Francie ainda estava vestida com as roupas do balé e usava maquiagem. Seus lábios escuros sobressaíam. — Eu quero que você conheça meu neurocirurgião.

— Esta noite eu não posso. — Ruth sorriu e lhe deu uma piscada. — Tenho planos mais ambiciosos.

— É? — Francie ouviu aquilo com interesse redobrado. — Por que você não o traz para cá?

— Eu não vou dividi-lo com ninguém — disse-lhe Ruth, deixando escapar um longo suspiro de ansiedade. — Será todo meu.

— Uau! — Francie franziu a testa. — Como ele é?

— Delicioso. — Ruth não conseguiu evitar de dizer, saindo apressada pela porta. — Delicioso demais.

— Eu já o vi? — perguntou a outra, mas Ruth apenas riu, caminhando para a saída do teatro.

Duas horas depois Ruth se sentou na poltrona da sala de estar. Nijinsky estava esparramado a seus pés, a barriga para cima, as patas dianteiras posicionadas como as de um lutador, prestes a dar um soco com a esquerda.

Ruth bocejou. O filme antigo na televisão não estava prendendo sua atenção. Mesmo assim, ela estava feliz, por ter fugido da festa. Não estava de bom humor. A multidão, as risadas e as piadas sobre a companhia a teriam deixado deprimida. Já o tempo que estava passando sozinha levantara seu astral. Ruth pensou em gastar as horas de folga que teria no dia seguinte comprando alguma coisa inútil. Nick estaria trabalhando com ela novamente em breve. Poderia ser divertido andar sem rumo por antiquários em busca de um candelabro ou uma caixa de remédios.

Fechando os olhos, ela se espreguiçou com prazer. Talvez fosse uma boa hora para aproveitar uns dias e visitar Lindsay e Seth. Ruth reagiu quando a imagem de Nick se intrometeu em seus pensamentos.

Seu beijo tranquilo e gentil rompera suas defesas. Durante duas horas, Ruth não se permitira pensar nele de outro modo que não profissionalmente. Nick fora a principal razão, admitiu forçosamente, por ela não estar a fim de participar da festa do elenco.

Ruth o queria. Não importava quantas vezes, ao longo dos últimos dias e semanas, ela se recusara a aceitar essa ideia; o desejo de Ruth não mudara. Ou melhor, ela o desejava ainda mais. A espera já era difícil, mas quando a lembrança de outra pessoa, de algo mais complicado, intrometeu-

se, Ruth fechou a porta para isso.

— Estou cansada demais para pensar nesse assunto agora — disse ela a um Nijinsky desinteressado. — Vou para a cama.

Como o gato não demonstrou ter entendido, Ruth se levantou e passou por cima dele para desligar a televisão. Deixando o prato com farelos de biscoitos para a manhã seguinte, ela desligou todas as luzes e foi para a cama.

Nick olhava para as janelas escuras do apartamento de Ruth. Era 1h e ela estava dormindo. "Se eu fosse inteligente, iria para casa dormir também", disse Nick a si mesmo.

Ele enfiou as mãos nos bolsos e começou a andar. Você não tem nada a fazer aqui, Davidov, pensou consigo mesmo, você sabe muito bem disso. A noite estava fresca, ao primeiro sinal claro do outono. Nick encolheu os ombros por causa do frio. Ele fora um idiota de ir à comemoração.

Nick disse a si mesmo, mais de uma vez, ao caminhar firmemente até o prédio onde Ruth morava.

Se ela tivesse ido à festa, se Nick pudesse apenas vê-la... Ah, Deus!, pensou Nick, desesperado. Ele já havia passado da idade em que bastava uma olhada. As noites o estavam deixando maluco, e nenhuma outra mulher serviria. Ele precisava de Ruth.

Há quanto tempo aquilo estava acontecendo? Nick perguntava a si mesmo, sem olhar para o carro da polícia que passava por ele, a sirene ligada. Um mês, um ano? Cinco anos? Desde aquele momento na escola de Lindsay, quando viu Ruth pela primeira vez na barra? Nick deveria ter percebido, naquele primeiro e impossível arroubo de desejo. Deus do Céu, ela tinha 17 anos!

O que ele teria feito se soubesse que Ruth era tão gostosa de ser beijada? O que ele faria se ela dissesse que estava apenas dormindo — esperando por ele? O que ele teria feito se soubesse que aquele corpinho magro o atormentaria dia após dia, noite após noite? Mesmo quando dançava com ela, a ideia de possuí-la, de ter seu corpo fundido ao dele latejava dentro de Nick até deixá-lo completamente doido. Ele começou a caminhar de volta para casa.

Nick parou e deu meia-volta. Bom Deus, ele a desejava. Agora. Esta noite.

A batida na porta fez Ruth se sentar na cama. Com o que ela estava sonhando? Nick? Ela balançou a cabeça para se esquecer daquilo. Enquanto procurava pelo relógio, ouviu as batidas novamente. Saindo da cama, Ruth procurou um roupão.

— Já estou indo! — gritou, estimulada pela insistência das batidas. Vestindo o roupão enquanto andava, Ruth saiu correndo pelo apartamento escuro. — Deus do céu, você vai acordar todos os vizinhos! — Ruth espiou pelo olho-mágico, piscou e espiou mais uma vez. Ela procurou às cegas pela corrente da tranca; ele tornou a bater.

Eles ficaram se olhando quando a porta foi aberta. Ruth ficou imóvel, enfeitiçada pelos sinais de raiva que via nos olhos de Nick. Seu cabelo estava despenteado, e caía sobre o roupão vestido às pressas. Seu rosto ainda estava vermelho de sono, os olhos pesados. Nick deu um passo à frente, sabendo que passara do limite. — Eu preciso de você.

Seu coração deu um salto ao ouvir aquelas quatro palavras ditas de maneira tranquila e brusca, como se tivessem lutado para sair. Antes que se desse conta do que estava fazendo, Ruth estendeu-lhe os braços.

Então, eles se abraçaram, as bocas unidas. O desejo era selvagem e inacreditavelmente forte. Foi um beijo devorador — longo, desesperado, profundo. Ruth se agarrou à selvageria dele. Ela sentiu a mão de Nick agarrar-lhe o cabelo com mais força e puxar sua cabeça para trás, com raiva. A boca de Nick abandonou a dela apenas para mudar o ângulo do beijo e explorá-la melhor. Havia um quê de brutalidade, como se ele pudesse amenizar todo o seu desejo com um único beijo.

— Eu quero você. — Foi um gemido que veio do fundo de Nick, que a empurrou. Ele tinha os olhos escuros e flamejantes. — Deus, eu a quero demais.

Ruth agarrou-o pelo colarinho da camisa até que seus dedos doessem.

— Nunca é demais — sussurrou. Ela o puxou para dentro do apartamento.

Sua garganta estava seca e o coração batia forte quando Ruth fechou a porta e se virou para Nick. Eles eram apenas silhuetas imóveis, separadas

por centímetros, no escuro.

Ela engoliu em seco, sentido que Nick se esforçava para se controlar. Não era o que Ruth queria dele. Não naquela noite. Ela queria um Nick impulsivo. O desejo arrebatador de sentir o toque dele era insuportável. Lentamente, mal se dando conta do que fazia, Ruth tirou o roupão dos ombros, deixando que ele caísse suavemente no chão, expondo sua nudez. — Faça amor comigo — murmurou. Ruth ouviu um pequeno gemido de entrega quando Nick a puxou para si. Sua boca era quente, as mãos rudes e possessivas. Ruth sentia a urgência do desejo dele.

Ela agarrou a camisa de Nick a caminho do quarto. Em algum lugar do corredor, ela tirou a roupa por sobre a cabeça dele e a jogou no chão. Os músculos de Nick encheram as mãos dela.

Eles estavam na porta do quarto quando Ruth tentou abrir o fecho da calça jeans de Nick. Ela sentiu a barriga de Nick se contrair quando seus dedos deslizaram pelo corpo dele, e ouviu algo em russo, numa voz rouca e abafada, quando ele cravou os dentes em seu ombro. Nick tinha quadris estreitos e a pele quente. Ele afundou os dedos nas costas dela quando Ruth o tocou.

— Milenkaya — disse, com um riso rouco. — Deixe-me tirar meus sapatos.

— Não posso. — O desejo a oprimia. Ruth esperara demais. — Deite comigo. — Ela o puxou para a cama. — Possua-me agora, Nick. Vou enlouquecer se você não o fizer.

Eles ficaram nus, e Nick deitou sobre ela. Ruth podia ouvir o coração dele batendo apressadamente, sua respiração sôfrega contra o ouvido dela. Nick tremia, percebeu Ruth, ao entrar no corpo dela. Seu corpo a controlava, pois tinha suas próprias necessidades, enquanto sua mente estremecia, atacada por emoções. Num momento Ruth era forte, noutra, fraca e exausta. Nick estava deitado sobre ela, com o rosto mergulhado em seu cabelo.

— Meu Deus, Ruth. — Ele deixou escapar as palavras, respirando com dificuldade. — Intocada. Intocada e eu a possuo como um monstro! — Nick saiu de cima de Ruth e acariciou-lhe o cabelo. Quando ele se sentou, ela só pôde ver o contorno de seu peito e ombros e o brilho em seus olhos. — Eu devia ter percebido. Não dá para pedir desculpa. Eu devo tê-la machucado.

— Não. — Ela estava atordoada, tonta, mas sem dor. — Não.

— Isso não deveria ter acontecido assim.

— Você está dizendo que se arrepende de ter feito isso?

— Sim, por Deus!

A resposta a magoou, mas Ruth se sentou e falou calmamente:

— Por quê?

— É óbvio, não é? — Nick se levantou. — Eu venho à sua casa no meio da noite e a levo para a cama sem demonstrar o menor... — Ele procurou por uma palavra, lutando por encontrar a palavra em inglês que significasse o que queria dizer.

— Você me levou para a cama? — perguntou Ruth. — E, claro, eu não tive nada a ver com isso. — Ela se ajoelhou na cama, jogando seu cabelo para trás. Nick viu um brilho nos olhos irritados de Ruth. — Seu babaca convencido! Quem levou quem para a cama? Vamos esclarecer os fatos, Davidov. Eu abri a porta, eu lhe disse o que queria, eu tirei sua roupa. Por isso, não aja como se tudo tivesse sido ideia sua. Se você quer se arrepender por ter feito amor comigo, vá em frente. — Tempestuosa, Ruth continuou a falar antes que Nick pudesse abrir a boca. — Mas não use a culpa como desculpa só porque eu era virgem. Eu era virgem porque queria ser. Eu escolhi a hora de mudar isso. Eu seduzi você — concluiu ela, furiosa.

— Bem — falou Nick novamente, depois de um longo tempo em silêncio. — Parece que você me pôs no meu lugar.

Ruth deu uma risadinha. Ela estava com raiva, magoada e ainda tremendo.

— Um dia isso tinha de acontecer.

Nick voltou para a cama e tocou-lhe o cabelo com a mão. Havia momentos em que ele achava que seria mais fácil falar em russo. Seus sentimentos eram mais bem articulados em sua língua materna.

— Ruth, às vezes, quando estou irritado, é difícil me fazer entender. — Ele parou por um momento, preparando o caminho para ser claro. — Eu não me arrependo de ter feito amor com você. Isso era algo que eu queria há muito tempo. Eu me arrependo porque sua primeira experiência amorosa teve tão pouco romantismo. Entende? — Ele envolveu o rosto de

Ruth com as mãos e a ergueu. — Não é assim que se mostra a uma mulher ingênua os prazeres que um homem e uma mulher podem sentir.

Ruth olhou para ele. Ela percebia melhor agora que seus olhos se acostumavam à escuridão. O rosto dela era uma sombra, mas seus olhos eram vivos e intensos. Ela sentiu o afeto voltando. Ruth sorriu.

— Existe outro modo? — perguntou, mantendo uma voz sorridente.

Nick acariciou-lhe o rosto com os dedos.

— Muitos outros.

— Então eu acho que você me deve uma demonstração. — Ela passou o braço ao redor do pescoço dele. — Agora.

— Ruth...

— Agora — repetiu ela antes de beijá-lo. Com um gemido, Nick deixou que o sabor de Ruth o absorvesse. Ele se prolongou no beijo, excitando-a com os lábios, com os dentes e com a língua. Ruth sentiu seu sangue começando a correr.

Suavemente, de modo que seus dedos apenas roçassem os mamilos dela, ele pegou seus seios com as mãos. Eles eram pequenos, firmes e macios. Os mamilos estavam duros, e ele os acariciou levemente até ouvir a respiração dela se acelerar. Levando a boca até a orelha de Ruth, Nick sussurrou palavras que não significavam nada para ela. Mas o som e o ar do seu hálito quente fizeram com que ela derretesse. Nick deslizou as mãos pelas costas dela, ajudando-a a se ajoelhar na cama. Ruth já estava trêmula, mas Nick usou apenas os lábios para instigar — esperando, esperando.

Com o máximo de carinho, ele começou a afagá-la até que sua pele fervesse contra a dele. Nick parecia achar a pele da parte de dentro das coxas de Ruth irresistível. Vezes sem fim ele voltou àquele ponto, com carícias provocantes. Uma vez ele tocou entre as pernas dela, e Ruth tremeu toda quando Nick a apertou com mais força. Mas, então, ele recuou, para tomar-lhe os lábios e possuí-la totalmente com um beijo.

O som da sua própria respiração gritava nos ouvidos de Ruth. Quando Nick a deitou novamente na cama, ela sussurrou o nome dele.

— Tem mais, milaya — murmurou ele, saboreando-lhe o pescoço. — Muito mais.

Ela quase parou de respirar, engasgando com um gemido, quando Nick mordeu-lhe o bico do seio com os dentes. Sua língua se umedeceu enquanto ele os sugava. Ruth o apertou contra seu corpo, sem perceber que ele adquirira um ritmo de sedução sob o corpo de Nick. Ele levou a boca ao outro seio, e Ruth sentiu um calafrio. Ela ansiava por ele, sem pensar em nada, envolvida com a sensação.

Nick a acariciava com a boca mais e mais embaixo, enquanto sua mão acariciava-lhe os seios, ainda quentes e molhados dos beijos. Ele a guiava, do mesmo modo que a guiara outras vezes com a música, ditando a velocidade daquele íntimo pas de deux. Nick era, de novo um compositor e ela, uma bailarina, se movendo de acordo com a imaginação dele. Ruth não pensava em nada. Ela era totalmente dele!

Ruth se abriu para Nick e, ao adentrar seu corpo, ele a beijou insaciavelmente. Nick se mexia dentro dela lentamente, ignorando a insuportável pressão em seu corpo para se entregar ao prazer. Ele a possuiu como se tivesse toda uma vida para saborear aquela última delícia.

Segundos, minutos, horas, eles se uniram até que ambos estivessem loucos de desejo. Com a boca ainda a beijando, Nick conduziu a ambos até o clímax.

Exausta e sôfrega, Ruth deitou ao lado de Nick, com a cabeça apoiada em seu peito. Ele lhe acariciava o cabelo aqui e ali, enrolando as pontas em seus dedos. Sob a pele dele, Ruth podia escutar o ritmo profundo e sereno do seu coração. Não havia luz entrando pelas janelas, quarto estava escuro, quente e silencioso.

Era por uma coisa assim, pensou Ruth, languidamente, que eu estava esperando. Era o fim da minha privacidade. Agora ele conhecia todos os seus segredos. Esta noite ela lhe dera tudo o que tinha dentro de si. Ela suspirou.

— Você não vai embora...- murmurou, fechando os olhos. — Você não vai embora esta noite, não é? Fez-se um silêncio por um instante; era o silêncio deles. — Não — disse ele, calmamente. — Eu não vou embora.

Feliz, Ruth se encolheu de encontro ao corpo de Nick e dormiu.

Capítulo 9

Nijinsky pulou na cama, exigindo seu café da manhã. Ele ficou olhando para Nick por um momento, os olhos arregalados, e, então, calmamente, afagou-lhe com as patinhas as pernas e a barriga, estabelecendo-se sobre seu peito. Sentindo o peso do gatinho, Nick se mexeu e abriu os olhos que contemplaram diretamente os olhos do bichinho. Eles se reconheceram em silêncio. Nick levantou a mão e, amavelmente, afagou-lhe as orelhas.

— Bem, priyatel, parece que você não se importa de me encontrar aqui.

Nijinsky ergueu as costas espreguiçando-se, depois se deitou sobre o peito de Nick. Ainda acariciando distraidamente as orelhas do gatinho, ele virou a cabeça para olhar para Ruth.

Ela estava encolhida, ao seu lado. Na verdade, o braço dele a segurava firmemente ali. Seu cabelo parecia mais grosso, e se espalhava por toda a franha. Ela respirava com tranquilidade, a boca um pouco aberta. Ruth parecia incrivelmente jovem — jovem demais para sentir aquele desejo selvagem que demonstrara. Ruth parecia uma princesa adormecida, mas Nick sabia que ela estava mais para Carlotta do que para Aurora. Ruth era mais delicada que uma flor. Nick se inclinou para beijá-la.

Ruth acordou desejosa, seu corpo formigando de excitação. Ela suspirou e procurou por Nick enquanto as mãos dele começavam a explorá-la. Nijinsky, surpreendido no meio deles, miou, contrariado.

Ruth riu engasgada quando Nick xingou.

— Ele quer o café da manhã — explicou. Seus olhos ainda estavam sonolentos quando Ruth sorriu para Nick. Curiosa, ela ergueu a mão para acariciar-lhe o queixo.

— Eu sempre quis fazer isso — disse-lhe. — Sentir a barba de um homem logo pela manhã.

Nick deslizou a mão por baixo para tocar-lhe o seio.

— Eu prefiro coisas mais macias. Sua boca — esclareceu, abaixando a cabeça para mordiscá-la. — Muito macia, muito quente.

Nijinsky se mexeu até colocar a cabeça entre as cabeças deles. Nick

estreitou os olhos para o gato.

— Meu amor por esta criatura — disse, suavemente, — está diminuindo rapidamente.

— Ele gosta da rotina — explicou Ruth. — Ele sempre me acorda antes de o alarme tocar. — Diante desta deixa, o despertador começou a tocar baixinho e de modo monótono. — Viu? — Ela riu quando Nick se esticou por sobre seu corpo para travar o botão. — O que faremos primeiro? — perguntou. — Banho ou café? Nick se virou para ela e deu um pequeno sorriso.

— Eu tinha outra coisa em mente.

— Aula — ela o lembrou, saindo correndo da cama. Nick ficou vendo Ruth caminhar nua para o armário e de lá tirar um roupão. Ela era magra como uma varinha de condão, com longas pernas e sem bumbum — uma imagem masculina, não fosse pela absoluta feminilidade no seu modo de andar. Enquanto Ruth procurava por algo dentro do armário, Nick observava a pequena protuberância do seio sob o braço esticado. Ela vestiu o roupão e o amarrou na frente. Ruth se virou e sorriu.

— Bem — disse, tirando o cabelo comprido para fora da gola do roupão. — Quer café?

— Você é linda — murmurou Nick.

As mãos de Ruth se detiveram no laço do roupão. Ela se perguntava se um dia se acostumaria àquele tom de voz e àquele olhar. Ruth sabia o que aconteceria se voltasse para a cama. Seu corpo começou a se arrepiar, como se Nick já a estivesse acariciando com as mãos. Nijinsky rosnou.

— Já que me levantei primeiro — disse, olhando, triste, para o gatinho —, vou tomar banho antes. — Ela franziu a testa para Nick. — Você pode fazer o café. — Enquanto ia para o banheiro, Ruth olhou para trás rapidamente, sobre os ombros. — E não se esqueça de dar comida ao gato.

Ruth abriu o chuveiro e ficou nua. Amarrando o cabelo no alto da cabeça, ela se perguntava se deveria sentir que tudo estava tão certo. Quando acordara ao lado dele, era certo pensar que Nick simplesmente pertencia àquele lugar? Ela não sentiu nenhuma vergonha ou desconforto que imaginou que sentiria na manhã seguinte à sua primeira vez. Ruth entrou no chuveiro e deixou que a água a atingisse, quente e forte.

Mas eu sabia que seria com ele! De algum modo, eu sempre soube. Balançando a cabeça, Ruth pegou o sabonete. Ela devia estar louca. Como poderia saber que seria assim? Ela se ensaboou e deixou a mente divagar. Eles comeram juntos várias vezes entre as aulas e ensaios. Foram às mesmas festas. Mas jamais houve encontros planejados, tradicionais, entre eles.

Ruth se perguntava se deveria ter havido encontros desse tipo. A noite passada foi, com certeza, a realização normal de um relacionamento. Nick a vira suar e praguejar, e se enraivecer, ele a vira chorar. As mãos dele tiraram a dor de suas pernas e de seus pés. Mas Ruth só o conhecia até o ponto em que Nick permitia que o conhecessem.

Ela desligou a água. Era cedo demais, concluiu, para explorar tão fundo assim o coração de Nick. Ela entendia a dor, pois convivia com ela, mas não iria provocá-la de propósito. Nick podia fazê-la sofrer. Se bem que Ruth também sempre soubera disso.

Depois de se enxugar rapidamente, vestiu o roupão mais uma vez e foi até o quarto. Ruth podia ouvir Nick conversando com Nijinsky na cozinha. Ela sorriu e começou a tirar collants e malhas de dança do armário. Havia algo de essencialmente certo em ouvir a voz de Nick ecoando pelo pequeno apartamento. Ruth sabia que o gato estava ocupado demais atacando seu café da manhã para aproveitar a conversa, mas isso a deixou feliz. Outro sinal. Quantas manhãs Ruth passara conversando desinteressadamente com o gato?

Nick entrou no quarto com duas xícaras fumegantes nas mãos. Ele estava nu. Seu corpo era esplêndido; esguio e musculoso graças às exigências da profissão. Ele entrou no quarto sem o menor sinal de constrangimento. Outro homem, pensou Ruth, teria vestido uma calça jeans. Não Davidov.

— Está quente — afirmou, colocando as duas xícaras sobre uma penteadeira antes de puxar Ruth para seus braços. — Você é tão cheirosa — murmurou contra o pescoço dela. — Seu cheiro me segue aonde quer que eu vá.

O rosto de Nick arranhava a pele dela, que riu, divertindo-se com aquilo.

— Eu tenho de me barbear, sabia?

— Sim — concordou Ruth antes de se virar para beijá-lo. — Não ficaria bem para Davidov chegar a uma aula sem ter se barbeado. — Eles se beijaram novamente. Ele baixou as mãos até a cintura dela e a puxou para mais perto.

—Você tem uma lâmina? — Nick correu sua boca até a orelha dela.

—Hummmm. Sim, no armário de remédios. — Ruth acariciou-lhe a coluna com a ponta dos dedos. Ela deu um gritinho quando Nick mordeu-lhe a orelha.

— A barba terá de esperar — decidiu Nick, afastando-se dela para pegar o café. Ele bebeu e se levantou.

— Você vai ter de ir ao seu apartamento para se vestir?

— Ruth observava o movimento dos músculos dele antes que Nick desaparecesse dentro do banheiro.

— Eu tenho algumas peças no meu escritório. — Ela ouviu o chuveiro voltar à vida. — E uma lâmina de barbear nova.

Nick cantava em russo no banho. A música fazia parte dele. Ruth percebeu que também cantarolava ao entrar no banheiro para escovar os dentes.

— O que isso significa? — perguntou, com a boca cheia de pasta de dentes.

— É antigo — contou-lhe Nick. — Uma tragédia. As melhores músicas russas são velhas e trágicas.

— Certa vez eu fui a Moscou com meus pais. — Ruth enxaguou a boca. — Era lindo... Os prédios, a neve. Você deve sentir falta disso, às vezes.

Ruth não teve tempo de gritar quando Nick a agarrou e a puxou para o chuveiro, com ele.

— Nick! — Sem conseguir ver por causa do vapor, ela forçou os olhos. Suas roupas estavam grudadas no corpo.

— Você está louco?

— Eu preciso que você esfregue minhas costas — explicou, puxando-a para perto. — Mas agora eu acho que tenho uma ideia melhor.

— Esfregar suas costas! — Ruth lutou com ele. — Você deveria ter

visto que estou completamente vestida.

— Ah, é? — Nick riu afetuosamente. — Está certo, vou dar um jeito nisso. — Ele tirou o collant ensopado por sobre os ombros de Ruth, imobilizando-os completamente.

— Eu já tomei meu banho — disse ela, ainda tentando se livrar.

— Agora você pode tomar o meu. Eu sou um homem generoso.

Ele aproximou sua boca da de Ruth, enquanto a água caía sobre seus corpos.

— Nick! — Suas mãos passeavam, alargando as roupas em seu caminho. — Nós temos aula. — Mas Ruth parara de lutar.

— Temos tempo — murmurou Nick, suspirando profundamente ao encontrar o seio dela. — Damos um jeito.

E despiu sua malha de dança.

Arabesque, pirouette, arabesque, pirouette. Ruth virava, se erguia e inclinava como era exigido. A prática era rigorosa, como sempre. Seu corpo, como o corpo das outras alunas, estava empapado de suor. Todos os dias, sete dias por semana, eles repassavam incontáveis vezes os passos básicos. Profissionais. Aulas faziam parte da vida de uma bailarina profissional tanto quanto sapatilhas e malhas de dança.

Os pequenos e conhecidos detalhes eram martelados em suas mentes desde muito novas. Quem percebia os dois passinhos antes de um jetèl Só uma bailarina.

Os músculos têm de ser constantemente afinados. O corpo tem de ser sempre obrigado a aceitar os contornos artificiais da dança. Quinta posição. Plié. Mesmo o repouso de um dia podia fazer com que o corpo se revoltasse. Port de bras. Os braços e as mãos têm de saber o que fazer. Um gesto errado pode destruir uma coreografia e abalar o humor. Attitude. Segura — um, dois, três, quatro...

— Obrigado.

A aula da companhia acabara. Ruth pegou sua toalha para enxugar o rosto. Um banho, pensou, enxugando o suor do pescoço.

— Ruth!

Ela olhou para Nick. Ele também estava molhado. Seu cabelo encaracolado caía por sobre a bandana.

— Encontre-me lá embaixo. Cinco minutos.

— Cinco minutos? — Alerta, ela pendurou a toalha nos ombros. — Alguma coisa errada?

— Errado? — Nick sorriu. Depois, inclinando-se, beijou-a, esquecendo-se dos outros membros da companhia.

— O que poderia haver de errado?

— Bem, nada. — Um pouco confusa, ela franziu a testa. — Por que, então?

— Você não tem nada marcado para hoje. — Era uma afirmação, não uma pergunta, mas Ruth assim mesmo negou com a cabeça. — Percebi que eu também não. Ele se aproximou. — Vamos brincar.

Um sorriso começou a se insinuar nos lábios de Ruth.

— Brincar?

— Nova York é uma cidade bem divertida, sabia?

— Ouvi dizer.

— Cinco minutos — repetiu, dando meia-volta. Ruth estreitou os olhos para as costas dele.

— Quinze.

— Dez — respondeu Nick, sem parar.

Ela se abaixou para pegar a mochila e saiu correndo para o vestiário.

Em menos de dez minutos Ruth desceu as escadas, banho tomado, usando uma calça jeans e uma blusa larga lilás. Seu cabelo estava tão livre quanto seu humor. Nick já estava esperando, impaciente, evitando as perguntas de dois solistas.

— Vou conversar com ele amanhã — disse, afastando-se deles ao avistar Ruth. — Você está atrasada — acusou, empurrando-a na direção da

porta.

— Nada disso. Pontual.

Eles empurraram a porta ao mesmo tempo.

O barulho era ensurdecador. Em algum lugar à esquerda, trabalhadores quebravam a calçada, e a britadeira soava como uma metralhadora. Cantando os pneus, dois táxis pararam de repente na frente deles, lado a lado. Os motoristas abaixaram as janelas e se xingaram entusiasmadamente. Pedestres passavam por ali sem notar ou demonstrar interesse. De uma janela do outro lado da rua ouvia-se o barulho intenso e duro de punk rock.

— Uma cidade divertida, não é? — Nick passou a mão sob o braço de Ruth para agarrá-la. Olhando para baixo, ele sorriu. — Hoje, a cidade é nossa.

Ruth estava sem fôlego. Os anos de convivência e o amor selvagem e suado que tinham feito jamais tiveram o mesmo impacto daquele único olhar, íntimo e jovial.

— Aonde... aonde estamos indo? — conseguiu perguntar, lutando para entender o que estava acontecendo.

— A qualquer lugar — disse-lhe Nick, puxando-a para perto dele para um beijo. — Você escolhe. — Ele a segurou fortemente por algum tempo, e Ruth percebeu que estava rindo.

— Por este lado! — decidiu, estendendo a mão para a direita.

Durante a noite, o verão sumira. O ar fresco tornava a caminhada fácil, por isso eles caminharam, Ruth tinha certeza, por quilômetros. Eles entraram em galerias de arte e livrarias, mexendo em uma coisa e em outra, mas sem comprar nada. Eles se sentaram à beira de uma fonte e observaram a multidão que passava enquanto bebiam chá quente com mel.

No Central Park, ficam olhando os corredores suados e jogaram migalhas para os pombos. Havia todo um mundo para olhar.

Na Saks, famosa loja de departamentos, Ruth experimentou uma imensa variedade de casacos de pele enquanto Nick ficou sentado, os dedos entrelaçados, observando.

— Não — disse, balançando a cabeça quando Ruth vestiu um casaco

de pele de raposa que ia até a cintura. — Não está bom.

— Não está bom? — Ela passou o rosto na manga do luxuoso casaco com uma expressão inconsciente de prazer sensual. — Eu gosto.

— Não o casaco de pele — corrigiu Nick. — Você. — Ele riu quando Ruth arqueou arrogantemente as sobrancelhas.— Que modelo anda com os pés virados para fora desse jeito?

Ruth olhou para os pés, lá embaixo, e deixou escapar um pequeno sorriso.

— Eu acho que fico mais à vontade com collants do que com casacos de pele.— Ela fez uma rápida pirouette que deixou os vendedores a olhando com cuidado. — E isso me aqueceria durante uma aula. — Ruth tirou o casaco, deixando apenas o forro de cetim tocar-lhe a pele.

— Devo comprá-lo para você?

Ela começou a rir, mas então percebeu que Nick estava falando muito sério.

— Não seja bobo.

— Bobo? — Nick se levantou quando Ruth entregou ao vendedor o casaco. — Por que seria bobo? Você não gosta de presentes, pequenina?

Ruth sabia que ele usava aquele apelido para irritá-la, mas deu-lhe apenas uma olhada seca.

— Eu adoro — disse, com uma voz rouca, para a figura do vendedor. — Mas como posso aceitá-lo se nós acabamos de nos conhecer? — Com um sorriso malicioso, ela acariciou o próprio rosto. — O que você diria à sua esposa?

— Tem coisas que uma esposa não precisa saber. — Sua voz de repente ficou exageradamente russa. — No meu país, as mulheres sabem seu lugar.

— Hummm. — Ruth deslizou o braço por baixo do dele. — Então, talvez você me mostre meu lugar.

— Será um prazer. — Nick deu uma risadinha devoradora para o vendedor, que assistia à cena com olhos arregalados. — Bom dia, senhora. — Ele saiu abraçado com Ruth como se fosse um perfeito cossaco.

— Que maldade — murmurou ele quando saíram da loja.

— Eu adoro quando você faz o papel de russo, Nikolai. Ele franziu a testa.

— Eu sou sempre russo.

— Algumas vezes, mais do que as outras. Você pode ser mais norte-americano do que um fazendeiro do Nebraska quando quer.

— Mesmo? — Por um momento, Nick pareceu muito interessado. — Eu nunca pensei nisso.

— É por isso que você é tão fascinante — disse-lhe Ruth. — Você não pensa no assunto; simplesmente é.

— Eles se deram as mãos enquanto caminhavam. — Eu estive pensando... Você pensa em russo e depois traduz seus pensamentos?

— Eu penso em russo quando sou... — Ele buscou a palavra — sentimental.

— Isso inclui várias situações. — Ruth deu uma risadinha para ele. — Você é sempre sentimental.

— Eu sou um artista — respondeu, dando de ombros.

— É assim que devemos ser. Quando estou com raiva, é mais fácil usar o russo, porque os xingamentos em russo são mais fortes do que os norte-americanos.

— Eu sempre me perguntei o que você dizia quando estava brigando. — Ruth olhou para ele com olhos esperançosos, e Nick riu, balançando a cabeça. — Você falou comigo em russo na noite passada.

— Falei? — O modo como Nick a olhou fez com que o coração de Ruth quase estourasse. — Talvez você possa dizer que eu estava sentimental.

— Não me parece que era um momento para xingamentos — murmurou.

De repente, ele pôs a mão na nuca de Ruth, puxando-a para perto.

— Devo traduzir para você?

— Agora não. — Ela calculou a distância entre a Quinta Avenida e seu apartamento. Longe demais, pensou. — Vamos pegar um ônibus. — Ruth

gargalhou, os olhos fixos nos dele.

Nick deu uma risadinha.

— Um táxi — retrucou, acenando para um.

A luz da tarde inundava o quarto. Eles não tiveram tempo para fechar as cortinas. Estavam deitados juntos, entrelaçados, nus e em silêncio depois de uma tempestade de amor. Feliz, Ruth dormia um pouco e despertava. Sob sua mão, o peito de Nick subia e descia ritmadamente. Ela sabia que ele estava dormindo.

Para sempre, pensou Ruth, sonhadora. Ela podia viver assim para sempre. Ela se aconchegou ainda mais, batendo, sem querer, na panturrilha dele com seu pé.

— Pé de bailarina — murmurou Nick, e ela percebeu que aquele pequeno movimento o acordara. — Forte e feio.

— Muito obrigada. — Ruth mordiscou-lhe o ombro.

— Foi um elogio — respondeu Nick, virando-se para olhar para ela. Seus olhos estavam sonolentos, semifechados. — Grandes bailarinas têm pés feios.

Diante daquele raciocínio, Ruth sorriu.

— Foi por isso que você se sentiu atraído por mim?

— Não, foi a parte de trás dos seus joelhos. Ruth gargalhou, enfiando o rosto no pescoço dele.

— Mesmo? O que tem neles?

— Quando eu danço com você, seus braços são leves e eu me pergunto como seria sentir a parte de trás dos seus joelhos. — Nick se levantou, apoiado nos cotovelos, para olhar para Ruth. — Quantas vezes segurei suas pernas, para erguê-la, para amenizar as câimbras? Mas você sempre estava usando malha. E como, eu dizia para mim mesmo, seria tocá-la?

Sentando-se, Nick pegou a perna de Ruth com as mãos.

— Aqui. — Seus dedos escorregaram perna acima, até a parte de trás dos joelhos. — E aqui. — Ele viu que os olhos de Ruth escureciam e sentiu que sua pulsação acelerava quando a apertava. — Então, estou quase

ficando maluco de me perguntar se a maciez é em todos os lugares: voz macia, olhos macios, cabelos macios.

Ele falava baixinho, tranquilamente.

— E eu a seguro pela cintura para equilibrá-la, mas há collants e figurinos. Como será a pele ali? — Ele subiu as mãos pelas coxas de Ruth, passou pela barriga e se deteve na cintura. Seus dedos contornaram-lhe as costelas, até alcançarem os seios.

— Seios pequenos — murmurou, olhando em seu rosto. — Eu os senti apertados contra mim, eu os vi subindo e descendo quando você estava ofegante. Como seria tê-los em minhas mãos? Que sabor eles teriam? — Nick abaixou a boca para deixar que sua língua deslizesse suavemente sobre eles.

Ruth não estava sentindo seus membros, como se tivesse tomado um poderoso tranquilizante. Ela estava deitada, imóvel, enquanto as mãos e a boca de Nick a exploravam, enquanto sua voz se desmanchava sobre ela. Nick se mexia com dolorosa lentidão, tocando, excitando, murmurando.

— Mesmo no palco, com as luzes e a música por todos os lados, eu pensei em tocá-la. Aqui. — Seus dedos deslizaram para dentro de suas coxas. — E saborear. Aqui. — Sua boca fez o mesmo caminho. — Você olharia para mim. Olhos tão grandes como os de uma coruja. Eu podia quase ver seus pensamentos e me perguntava se você podia ver os meus. — Nick apertou os lábios contra os músculos tensos da barriga de Ruth, e sentiu que ela tremeu ao toque. — E o que você faria, milaya, se soubesse o quanto eu a desejava?

Ele passou a língua em seu umbigo. Ruth gemeu e se ajeitou para ficar sob o corpo de Nick. Ela nunca experimentara um prazer daqueles — um prazer robusto, pesado, que fazia seu corpo tremer, que pesava em sua mente até que todos os pensamentos se tornassem sensações.

— Por tanto tempo — murmurou Nick. — Por tempo demais, a espera continuou. A imaginação.

Suas mãos, embora ainda suaves, ficaram mais insistentes. Elas atravessaram o torpor que a protegia. Seu corpo despertou repentinamente. Ruth tinha noção de tudo o que a cercava: a textura do lençol contra suas costas, as partículas de poeira que brilhavam no ar com a luz do sol, o ruído distante do tráfego. Tudo ao redor dela era insuportavelmente claro. Então,

tudo desapareceu, exceto as mãos e a boca que lhe acariciavam a pele.

Ruth podia estar em qualquer lugar — em meio a uma apresentação, no deserto; ela só sentia a presença de Nick. Ela ouvia a respiração dele, mais sôfrega agora do que estaria depois de uma exaustiva dança. A própria respiração de Ruth se fundiu à dele. Com uma urgência descontrolada, Nick esmagou sua boca contra a dela. Seus dentes arranhavam-lhe os lábios, que se abriram para ele.

O beijo ficou mais intenso, enquanto suas mãos a levavam ao limite. Ruth se apertou contra ele, perdida no prazer. Então Nick estava dentro dela, e Ruth foi lançada para além de qualquer razão, para o êxtase.

— Lyubovnitsa. — Ruth ouviu Nick dizer, a voz rouca vindo de algum lugar profundo dentro dele. — Olhe para mim. Ela abriu os olhos pesados, tremendo vezes sem fim, em contrações de desejo e prazer. — Você é minha — disse Nick, mal conseguindo falar.

— E ainda quero você. Ela escalou uma gigantesca montanha. E afundou o rosto em seus cabelos.

Capítulo 10

Francie pegou no braço de Ruth assim que as duas chegaram à aula da manhã.

— Você desapareceu ontem. Onde estava? — perguntou, levando Ruth para a barra.

— Ontem? — Ela não conseguiu conter o sorriso — Ah, fui dar uma olhada nas vitrines.

Pela expressão, Francie fez que entendia.

— Claro. Apresente-me a ele uma hora dessas. — Ela ficou pensativa diante do sorriso de Ruth, mas continuou.

— Já soube das novidades?

Ruth executava seus pliéés enquanto a sala começava a ficar cheia com os outros integrantes da companhia. Seus olhos se dirigiram a Nick, que estava no canto oposto, com vários bailarinos do corps.

— Que novidades?

Veja como o sol bate no cabelo dele, pensou, como se mergulhasse nele. O negócio da televisão. — Francie seguiu o mesmo ritmo dos movimentos de Ruth, de modo que suas cabeças ficassem no mesmo nível. — Ouviu alguma coisa?

— Leah mencionou algo. — Ruth procurou pela loura ao se lembrar da visita no dia da apresentação. — Mas me disseram que nada é definitivo ainda.

— Agora é, querida. — Francie ficou feliz ao notar que Ruth estava prestando atenção somente nela.

— É?

— Nadine conseguiu um ótimo acordo. — Francie se abaixou para arrumar as tornozelas. — Claro que ela esfregou seu principal homem bem em frente aos narizes deles.

Ruth percebeu que Francie se referia a Nick. Novamente, seus olhos o buscaram. Ele estava com Leah. A bailarina usava as mãos para enfatizar suas palavras.

— Que tipo de acordo?

— Duas horas — disse Francie, com gosto. — Horário nobre. E Nick tem quase liberdade artística. Afinal, ele tem um nome, e não só no mundo do balé. Pessoas que não sabem diferenciar um plié de uma pirouette conhecem Davidov. É uma espécie de acordo conjunto, no qual ele concorda em executar mais dois projetos. É Nikolai quem eles querem. Pense só no que isso pode significar para a companhia!

Francie ficou na ponta dos pés.

— Quantas pessoas nos assistirão por duas horas na televisão, comparadas com as que nos veem durante toda uma temporada no palco? Ah, Deus, só espero que eu possa dançar. — Ela se abaixou num plié. — Eu estou quase querendo voltar para o corps por causa da oportunidade. Você fará A Rosa Escarlata. — Francie lançou-lhe um olhar de inveja.

Ruth ficou feliz quando a aula começou.

Era difícil se concentrar. O corpo de Ruth reagia aos comandos enquanto sua mente corria em dezenas de direções. Por que Nick não lhe contara?

Sua mão estava pousada na barra enquanto madame Maximova acertava o ritmo deles. Ruth sabia que Nick estava bem atrás dela.

Eles haviam ficado juntos o dia inteiro ontem — e pela manhã. Ele nunca disse uma palavra sobre o assunto. Ruth dançaria? A perna que ela exercitava subiu e desceu em atitude. O que aconteceu entre eles teria alguma interferência?

Enquanto caminhava com a turma para a prática no centro do estúdio, Ruth tentou pensar racionalmente. Fazia menos de uma semana desde que Nick lhe contara que o especial com a televisão ainda não estava acertado. Ela se esforçou para se lembrar o que mais Nick lhe dissera, como estava o humor dele. Nick estava irado porque Ruth dançara abaixo do esperado — e preocupado que ela estivesse preocupada com alguma coisa. Nick ficou furioso porque Ruth não lhe disse o nome da pessoa que vazara a informação.

O que ele fez? Estalou os dedos e disse que não se importava nada com o que Ruth dizia. Nick tocava a música e ela dançava. Era simples assim. Ruth fez uma careta, executando a coreografia. Mas por que todos pareciam

saber das coisas antes dela? Uma hora Nick lhe dizia que ela era a melhor bailarina da companhia e em outra ele sequer se dava ao trabalho de informá-la sobre o projeto mais importante da companhia para aquele ano.

Como é possível entender um homem assim? "Não é", lembrou-se Ruth. Virando a cabeça, olhou bem dentro dos olhos de Nick. Ele é Davidov.

Nick aceitou o olhar dela de um modo quase zombeteiro, mas então o ritmo mudou bruscamente de um adágio para allegro, o que exigiu sua atenção.

— Obrigada — disse madame Maximova para a trupe de corpos cansados trinta minutos depois. Ela falava, pensou Ruth, rapidamente, com um sotaque russo muito mais carregado que o de Nick, embora estivesse há quarenta anos nos Estados Unidos.

— Eu quero ver todo o elenco no palco dentro de 15 minutos.

Ruth ergueu os olhos e encontrou os de Nick no espelho, enquanto ele falava. O murmúrio de especulações começou. As bailarinas começaram a se juntar em entusiasmados grupos. Davidov falara. Ruth pendurou a mochila no ombro e se preparou para se juntar ao restante do elenco.

— Um momento, Ruth.

Ela parou obedientemente ao ouvir as palavras dele. O condicionamento ainda era forte demais para que Ruth conseguisse agir de outro modo. Nick disse alguma coisa para a professora de balé em russo, o que a fez gargalhar — um acontecimento e tanto! Com um assentimento ríspido, a professora saiu da sala como se seus ossos fossem 25 anos mais novos do que Ruth sabia que eram.

Nick foi até Ruth, colocando distraidamente a toalha sobre os ombros.

— Seus pensamentos não estavam na aula.

— Não?

Ele percebeu o olhar curioso. Como sempre, aquilo o desconcertava.

— Seu corpo se movia, mas seus olhos estavam longe. Onde?

Ruth o examinou por algum tempo enquanto pensava no melhor modo de abordar o assunto. Ela optou por ser direta.

— Por que você não me contou sobre o projeto da televisão?

Nick franziu a testa. Era um gesto de orgulho.

— E por que eu deveria?

— Eu sou a principal bailarina da companhia.

— Sim. — Ele esperou por um ataque. — Mas isso não responde à minha pergunta.

— Parece que todo mundo sabe dos detalhes. — Irritada, Ruth se enfureceu. — Tenho certeza de que o assunto já está sendo discutido até no corps.

— Provavelmente — concordou Nick, jogando a toalha sobre os ombros. — Não é um segredo, e até mesmo os segredos são discutidos no corps.— Você poderia ter me contado — gritou, irritada com a arrogância dele. — Eu lhe perguntei sobre isso na semana passada.

— Semana passada o acordo não havia sido feito.

— Mas ontem, certamente, já estava fechado, e você não me disse nada.

Ruth viu que Nick estreitava os olhos — um sinal de perigo. Quando ele falou, seu tom de voz era outro.

— Ontem nós éramos apenas um homem e uma mulher. — Ele levantou a mão para a ponta da toalha, apertando-a fortemente. — Você acha que porque nós somos amantes devo lhe dar um tratamento especial como bailarina?

— Claro que não! — Ruth arregalou os olhos, surpresa com a pergunta. Aquela ideia jamais lhe ocorrera. — Como você pode pensar uma coisa dessas?

— Ah! — Ele assentiu com um leve gesto. — Entendo. Eu devo confiar e respeitar sua integridade, enquanto a minha está sob suspeita.

— Eu nunca disse isso... — ela começou, mas Nick a cortou com um imperioso gesto com a mão.

— Vá tomar seu banho. Você só tem dez minutos. Ele saiu a passos apressados, deixando-a paralisada e de boca aberta.

Quando Ruth entrou correndo no teatro, os membros da companhia já estavam sentados no palco ou nos cantos, amontoados. Sem fôlego, ela se

sentou ao lado de Francie.

— Então? — Nick deu uma olhada rápida na direção de Ruth. — Parece que estamos todos aqui.

Ele estava em pé, no centro do palco, com as mãos nos bolsos da calça de malha cinza-clara. Seu cabelo ainda estava molhado do banho. Todos os olhos se viraram sobre Nick. Nadine estava sentada numa cadeira de madeira ligeiramente inclinada à direita, vestindo um terno soberbamente bem cortado, azul-gelo.

— A maioria de vocês parece saber pelo menos dos detalhes superficiais dos nossos planos de produzir um show para a WNT-TV — Nick olhou para todo o grupo, passando brevemente por Ruth e continuando. — Mas Nadine e eu vamos entrar em alguns detalhes específicos.

Ele olhou para Nadine, que cruzou os braços, e começou:

— A companhia fará uma apresentação de duas horas de balé, no estilo de vinhetas. Ele será gravado durante duas semanas, no próximo mês. Naturalmente, planejamos incluir muitas danças das peças do nosso repertório. Nick e eu, juntamente com Mark e Marianne — ela olhou rapidamente para os dois coreógrafos —, rascunhamos um programa sugerido. É claro que vamos trabalhar com o diretor e a equipe de televisão quanto a pagamentos adicionais e coisas do gênero. — Nadine parou por um momento, para dar mais ênfase ao que dizia. — Não é preciso lhes dizer o quanto isso é importante para a companhia e espero o melhor de cada um de vocês.

Nadine ficou em silêncio. Nick se virou para pegar um quadro que ele pendurara numa árvore cenográfica de uma cena na floresta em *A Bela Adormecida*.

— Os ensaios começam imediatamente — disse, lendo a lista dos bailarinos, o papel de cada um e os locais dos ensaios.

Era um programa bem variado, pensou Ruth, tentando não prender a respiração. De *O Quebra-nozes*, de Tchaikovsky — Francie deu um gritinho abafado quando seu nome foi chamado para interpretar a Fada da Ameixeira — até o *Rodeio*, de Mille. Obviamente, Nick queria mostrar a variedade e a universalidade do balé.

Os coreógrafos foram escolhidos, as cenas, listadas. Ruth molhou os lábios. Leah seria Aurora e Giselle, dois papéis óbvios, mas muito aguardados. Keil Lowell seria o parceiro de Leah, tanto como o Príncipe Encantado como Albrecht. Uma jovem membro do corps começou a chorar baixinho porque haviam lhe dado seu primeiro trabalho como solista.

Nick continuou a ler, sem levantar os olhos.

— Ruth, o grand pas de deux de A Rosa Escarlata e o pas de deux do segundo ato de O Corsário. Eu serei o par.

Ela soltou a respiração lentamente e sentiu a tensão em seus ombros se aliviar.

— Se o tempo permitir, também faremos uma cena do balé Carnaval.

Nick continuou a ler com sua voz melodiosa e macia, mas Ruth ouviu um pouco além. Ela podia ter chorado como a jovem bailarina do corps. Era para isso que Ruth trabalhara. Esse era o fruto de quase duas décadas de treinamento. Mas, mesmo feliz, Ruth sentia a raiva de Nick chegar até ela.

Ele não entende, pensou Ruth, frustrada com o humor volátil de Nick, ele é tão cabeça-dura que terei de lutar para conseguir me explicar. Dobrando os joelhos até seu peito, Ruth o ficou estudando cuidadosamente.

"Estranho", refletiu, mesmo com toda a sua generosidade de espírito, "Nick não confia facilmente." Ela franziu a testa. Nem ela, percebeu de repente. Havia um problema. Ruth apoiou a cabeça nos joelhos. E ela não sabia muito bem ainda como resolvê-lo.

As próximas semanas não seriam fáceis, pessoal e profissionalmente. Na vida privada, Ruth sabia que ela e Nick teriam de decidir o que desejavam um do outro e o que cada um podia dar. Ela afastou o problema, um pouco cansada.

Profissionalmente, seria uma época exigente. Nick como coreógrafo ou diretor já era difícil; mas, como parceiro, era o próprio demônio. Nick não aceitava menos do que a perfeição e nunca foi gentil ao demonstrar seu descontentamento com qualquer coisa menos do que isso. Mesmo assim, Ruth teria andado sobre brasas para dançar com Nick.

Os ensaios seriam exaustivos para todos. O tempo era curto, as expectativas, altas, e boa parte da companhia iria apresentar A Bela Adormecida todas as noites nas próximas semanas. Os temperamentos e os

músculos estariam cansados. Eles se arrastariam para casa à noite para afundar seus pés em gelo ou numa água quente. Eles amarrariam as sapatilhas um do outro e massageariam as pernas um do outro e sobreviveriam a café, nervosos. Mas eles triunfariam; eles eram bailarinos!

Ruth se levantou juntamente com os demais quando Nick terminou. Ao ver que ele já estava ocupado com Nadine, ela foi para a pequena sala de ensaios que lhe fora reservada. Ruth deixou a porta aberta. Integrantes da companhia passaram correndo pelo corredor. Havia conversa e vozes exaltadas. O som da música já fluía de uma ou outra sala pelo corredor. Stravinsky!

Ruth foi até um banco para tirar o calçado. Ela olhava para as sapatilhas distraidamente. Elas durariam mais dois ou três dias, concluiu. As sapatilhas não tinham nem uma semana de vida. Ruth se perguntou quantos pares já haviam passado por seus pés naquele ano. E quantos metros de fitas de cetim? Ela fez um laço ao redor dos tornozelos e levantou os olhos assim que Nick entrou na sala. Ele fechou a porta e eles ficaram isolados da música e das vozes.

— Vamos fazer O Corsário primeiro — disse, atravessando a sala para se sentar no banco. — Por ora, trabalharemos sem acompanhamento. Eles querem um incentivo, e eu ainda tenho de lidar com isso. — Ele tirou as calças suadas, ficando somente com uma malha que lhe cobria todo o corpo.

— Nick, eu gostaria de conversar com você.

— Você tem alguma reclamação a fazer? — Ele vestiu tornozeleiras de lã.

— Não. Nick...

— Então está satisfeita com a escolha? Vamos começar.

— Nick se levantou, e Ruth ficou imóvel, encarando-o.

— Não banque o premier danseur para cima de mim — disse ela, perigosamente.

Ele não gostou do que ela falou, examinando-a com seus olhos azuis frios.

— Eu sou o premier danseur.

— Você também é um ser humano, mas isso não vem ao caso. — Ela podia sentir a raiva que mandara controlar percorrendo seu corpo.

— E o que — perguntou Nick, num tom de voz calmo demais — vem ao caso?

— O que eu disse esta manhã não tem nada a ver com a escolha para o programa.

Ruth pôs as mãos na cintura, preparada para se jogar contra a parede que Nick erguera entre eles.

— Não? Então, talvez você deva me dizer com o que tem a ver. Eu tenho mais o que fazer.

Seus olhos se iluminaram. A raiva transbordava.

— Então vá fazer. Eu ensaiarei sozinha. — Ruth se virou, apenas para que Nick a virasse de volta.

— Eu digo quando e com quem você ensaiará. — Seus olhos brilhavam tanto quanto os dela. — Agora diga o que quer dizer para que possamos trabalhar.

— Tudo bem. — Ruth soltou com um puxão seu braço, para livrar-se da mão de Nick. — Eu não gostei de ficar às escuras quanto a esse assunto. Eu acho que deveria ter ouvido as notícias de você, diretamente. O fato de sermos amantes não tem nada a ver com isso. Nós somos parceiros de dança, parceiros profissionais. Se você pode contar para metade de companhia, por que não para mim? — Ela mal parou para respirar. — Eu não gostei do modo como fiquei sabendo das fofocas, primeiro por Leah, depois...

— Então foi Leah.

Nick interrompeu o discurso de Ruth com estas palavras calmas. Ela suspirou, frustrada. A raiva a traíra e a fizera contar a Nick algo que prometera a si mesma nunca revelar.

— Não importa — disse, mas um estalar de dedos dele a parou.

— Não seja estúpida — disse Nick, com impaciência. — Não há desculpas para uma bailarina que propositadamente aborrece outra antes de uma apresentação. Ou você vai querer me dizer que não foi intencional? — Nick esperou, observando o rosto de Ruth. Ela abriu a boca, mas fechou-

a novamente. Ela não sabia mentir muito bem, mesmo na melhor das circunstâncias. — Então não finja que não importa — concluiu.

—Tudo bem — concedeu Ruth. — Mas está feito. E inútil criar problemas agora.

Nick ficou pensativo por um momento. Ruth viu que seus olhos estavam severos, e distantes. Ela sabia muito bem que Nick era capaz de punir Leah sem compaixão alguma.

— Não — disse ele, finalmente. — Eu preciso dela neste momento. Não temos mais ninguém que interprete Aurora tão bem, mas... — Suas palavras desapareceram, e Ruth percebeu que ele estava pensando intensamente. Nick encontraria um modo de disciplinar Leah e ainda fazê-la dançar Aurora. Um tapa de pelica, pensou Ruth pesarosamente. Aquele era Davidov.

— De qualquer modo — continuou ela, chamando a atenção de Nick —, não se trata de Leah.

Nick prestou atenção em Ruth outra vez.

— Não — concordou. — Você vai me dizer do que se trata?

Mais calma, ela passou um momento tentando controlar a língua.

— Eu fiquei chateada quando ouvi esta manhã que o acordo tinha sido concluído. Eu acho que me senti excluída. Nós não conversamos direito sobre balé desde a noite em que ensaiamos juntos para A Rosa Escarlate. Eu estava com raiva naquela ocasião.

— Eu a desejava — disse Nick, simplesmente. — Era difícil.

— Para nós dois. — Ruth respirou fundo. — Eu nunca pensei que você me trataria diferente profissionalmente se nos tornássemos amantes. Eu não aguentaria pensar numa coisa dessa. Mas fiquei nervosa sobre a escolha do elenco. Sempre fico.

— Talvez eu tenha dito uma coisa estúpida.

Ruth sorriu. Uma confissão daquele tipo, vinda de Davidov, era o mais próximo de uma desculpa que ela poderia esperar.

— Talvez — concordou, irônica.

Ele franziu a testa.

— Você ainda tem problemas em respeitar os mais velhos?

— Como assim? — perguntou ela, mostrando a língua.

— Provocando. — Nick a puxou para perto e, abraçando-a, deu-lhe um beijo longo e intenso. — Agora vou lhe dizer só uma vez, para que você entenda. — Ele a afastou mas manteve as mãos sobre os ombros de Ruth. — Eu a escolhi para fazer par comigo porque escolho dançar com as melhores. Se você fosse uma bailarina menor, eu teria escolhido dançar com outra pessoa. Mas ainda assim desejaria você esta noite.

Um peso foi tirado dos ombros dela. Ruth estava satisfeita porque Nick a desejava pelo que ela era e a escolhia como parceira porque respeitava seu talento.

— Só esta noite? — murmurou, dando um passo à frente.

Nick fez um carinho em seus ombros.

— Não vamos ter muito mais do que a noite para nós durante algum tempo. — Ele a beijou de novo, com rapidez, rude, possessivo. — Agora vamos dançar.

Eles foram para o meio da sala, viraram-se para o espelho e começaram.

Capítulo 11

Os dias passaram; longos e exaustivos dias, cheios de entusiasmo e frustrações. Ruth trabalhou com Nick, enquanto ele planejava e refinava o pas de deux de O Corsário. A coreografia tinha de se adaptar à câmera, foi o que Nick disse. Se a dança seria gravada pelas lentes, deveria ser dançada para as lentes. Era uma perspectiva diferente de dançar para uma plateia. Mesmo durante o primeiro ensaio improvisado deles, Ruth percebeu que Nick fizera a lição de casa. Ele trabalhava com o diretor da televisão em ângulos e sequencias.

Os dias de Ruth estavam cheios, entre aulas e ensaios, mas as noites estavam em geral livres. Os compromissos de Nick como coreógrafo e diretor artístico o mantinham constantemente ocupado. Havia outros ensaios para acompanhar, mais coreografias para serem adaptadas, reuniões orçamentárias e encontros tarde da noite com a equipe da televisão.

Havia pouco tempo para eles nos ensaios. Ali, eles se relacionavam como bailarinos ou bailarina e coreógrafo, combinando movimentos e música. Eles brigavam e concordavam. A Rosa Escarlata lhes causava poucos problemas, embora Nick tivesse alterado alguns pequenos detalhes para combinar melhor com a nova mídia. O Corsário ocupava a maior parte do tempo deles. O papel combinava perfeitamente com Nick. Era uma válvula de escape ideal para a criatividade dele. Sua verve estimulava a competitividade de Ruth. Ela trabalhava duro.

Nick criticava os mínimos detalhes, como a posição dos dedos, elogiava o ângulo da sua cabeça e a cansava ainda mais. A vitalidade dele parecia se renovar constantemente, o que a forçava a se manter no mesmo nível que Nick ou ser deixada para trás. Às vezes, Ruth se perguntava como ele conseguia fazer tudo aquilo: as coreografias intermináveis, as incessantes reuniões!

Ele lhe dissera que teriam as noites livres um para o outro, mas até agora não havia sido possível. Pela primeira vez desde que Ruth se mudara para o apartamento, sentia-se solitária. Até onde podia se lembrar, era capaz de se satisfazer com sua própria companhia. Ruth foi até a janela e abriu as cortinas para olhar para a escuridão. E tremeu.

Uma batida na porta a assustou, e então Ruth balançou a cabeça,

frustrada. Não, não era Nick, lembrou a si mesma, atravessando a sala. Ela sabia que Nick tinha duas reuniões naquela noite. Ruth espiou pelo olho-mágico e então ficou por alguns segundos com a mão na maçaneta. Respirando fundo, abriu a porta.

— Olá, Donald.

— Ruth. — Ele sorriu. — Posso entrar?

— Claro. — Ruth deu um passo para trás para deixá-lo entrar e então fechou a porta.

Donald estava vestido casualmente com uma impecável jaqueta de couro e calça de sarja. Ruth percebeu, de repente, que fazia semanas desde que eles haviam se visto pela última vez.

— Como você está? — perguntou ela, sem saber o que dizer.

— Bem. Eu estou bem.

Ela percebeu algum desconforto na postura de Donald. Isso a deixou mais à vontade.

— Venha. Sente-se. Você gostaria de uma bebida?

— Sim, por favor. Uísque, se você tiver. — Donald foi até uma cadeira e se sentou, observando Ruth derramar o líquido. — Você não vai beber?

— Não. — Ela lhe estendeu o copo antes de ocupar um lugar no sofá. — Vou tomar apenas um chá. — Distraidamente, Ruth passou a mão sobre a cabeça de Nijinsky.

— Ouvi dizer que sua companhia está fazendo algo para a televisão. — Donald remexeu o uísque no copo e então o bebeu.

— As notícias se espalham rapidamente.

— Os novos figurinos estão sendo desenhados — comentou Donald. — As pessoas conversam.

— Eu não tinha pensado nisso. — Ela se sentou sobre as pernas. — E sua empresa está indo bem?

Levantando a cabeça, Donald olhou nos olhos de Ruth.

— Sim. Vou para Paris no final do mês.

— Mesmo? — Ela sorriu amigavelmente. — Vai ficar muito tempo?

— Umás duas semanas. Ruth... — Ele hesitou, mas então deixou o copo de lado. — Eu gostaria de pedir desculpas pelas coisas que disse da última vez que a vi.

Ela olhou nos olhos dele, calma, curiosa. Feliz, Ruth assentiu.

— Tudo bem.

Donald bufou. Ele não esperava por uma aceitação tão rápida.

— Sinto falta de sair com você. Espero que possamos jantar juntos.

— Não, Donald — respondeu ela, com a mesma tranquilidade. Ruth viu que ele não gostou.

— Ruth, eu estava chateado e com raiva. Sei que falei algumas coisas pesadas, mas...

— Não é isso, Donald.

Ele a ficou observando e então suspirou longamente.

— Entendo. Eu deveria imaginar que haveria outra pessoa.

— Eu e você nunca fomos nada além de amigos, Donald. — Não havia desculpa em seu tom de voz, nem raiva. — Não vejo motivo para mudar isso.

— Davidov? — Ele riu ao ver a expressão no rosto de Ruth.

— Sim, Davidov. Como você sabia?

— Eu enxergo bem — disse, curto. — Eu vi o modo como ele olhava para você. — Donald bebeu mais um gole de uísque. — Eu acho que vocês combinam.

Ruth teve de sorrir.

— Isso é um elogio ou um insulto? — Donald balançou a cabeça e se levantou.

— Não sei direito. — Por um momento ele ficou olhando fixamente para Ruth. Ela o encarava sem hesitar. — Adeus, Ruth.

Ela se lembrou de onde estava.

— Adeus, Donald. — E o viu atravessar a sala e bater a porta ao sair.

Depois de algum tempo, Ruth pegou o copo de Donald pela metade e o

levou para a cozinha. Jogando o uísque na pia, pensou no tempo que passaram juntos. Donald a fizera feliz, nada mais, nada menos do que isso. Era verdade que algumas mulheres eram feitas para certos homens? Seria ela uma dessas mulheres?

Outra batida afastou seus pensamentos. Ruth mordeu os lábios. A última coisa que ela queria era outra briga com Donald. Resoluta, foi até a porta e pôs um sorriso em seu rosto.

— Nick!

Ele carregava duas caixas, uma achatada e outra maior, e uma garrafa de vinho. Privet, milenkaya. — Nick pisou no capacho e conseguiu beijá-la por sobre as caixas.

— Mas era para você estar em reuniões esta noite. — Ruth fechou a porta, enquanto Nick colocava as caixas sobre a mesa de jantar.

— Eu as cancelei. — Ele deu um risinho e puxou Ruth para perto. — Eu disse que artistas eram temperamentais. — Nick se desculpou pelo beijo rápido que lhe dera na porta com um beijo prolongado. — Você tem planos para esta noite? — perguntou, no ouvido dela.

— Bem... — Ruth deixou a palavra no ar. — Acho que posso mudá-los... Com o incentivo certo. — Era tão bom ser abraçada por ele, sentir os lábios dele em sua pele...

— O que são essas caixas?

— Hummm. Isso e aquilo. — Nick a afastou. — Isso é para mais tarde — disse, apontando para a caixa maior.

— Isto é para agora. — Com um movimento exagerado, ele abriu a tampa da primeira caixa.

— Pizza!

Nick se inclinou, sentindo o aroma da pizza com os olhos fechados.

— É de se matar. Vá, pegue os pratos antes que esfrie. Ruth se virou para obedecer.

— Eu vou fazê-la suar muito no ensaio de amanhã.

— Ele pegou o vinho. — Eu preciso de um saca-rolhas.

— O que tem na outra caixa? — perguntou Ruth mexendo nos

talheres.

— Mais tarde. Estou com fome. — Quando ela voltou para a sala, as mãos cheias de pratos e taças, Nick ainda segurava o vinho, enquanto se agachava para cumprimentar Nijinsky. — Você vai ganhar o seu.

Observando-o, Ruth sentiu seu coração crescer.

— Estou feliz por você estar aqui. Nick se endireitou e sorriu.

— Por quê? — Ele pegou o saca-rolhas de suas mãos.

— Eu adoro pizza — disse-lhe Ruth, agradavelmente.

— Então eu ganho seu coração pelo seu estômago, não é? É uma velha tradição russa.

A rolha saiu com um estrondo abafado.

— Com certeza.

Ruth começou a colocar a pizza nos pratos.

— Depois você vai girar no palco como uma almôndega gordinha. — Nick sentou-se de frente para ela e serviu o vinho. — Parece que vai dar tempo de fazer Carnaval também. Você será a Colombina.

— Ah, Nick! — Ruth, com a boca cheia de pizza, esforçou-se para engolir e não dizer nada.

— Os ensaios extras a ajudarão a manter sua forma e não ficar gordinha.

— Gordinha!

— Eu não quero quebrar minhas costas quando tiver de erguê-la. — Ele sorriu, brincalhão.

— E quanto a você? — perguntou docemente Ruth. — Quem vai querer ver o Arlequim com uma pança?

— Meu metabolismo — disse-lhe Nick, convencidamente — jamais permitiria isso. — Ele devorou a pizza e se concentrou no vinho. — Eu tenho assistido a muitos filmes — disse-lhe, de repente. — Fred Astaire, Gene Kelly. Tanta graciosidade nos movimentos! Com o trabalho certo de câmera vemos tudo o que um grande bailarino sabe dar. Os ângulos são o segredo.

— Você assistiu ao Um Americano em Paris? — Ruth terminou de comer sua fatia e pegou a taça de vinho.

— Eu adoraria fazer sapateado.

— Um novo conjunto de músculos — refletiu Nick, com o olhar vago. — Seria interessante.

— No que você está pensando?

Seus olhos voltaram para os de Ruth e se focaram.

— Em um novo balé com um pouco dos movimentos tipicamente norte-americanos. Mas isso é para depois. — Ele balançou a cabeça, como se estivesse se livrando da ideia. — Então, vamos comer mais? — Nick pôs outra fatia de pizza no prato de Ruth. — Quando se comete um pecado, deve-se cometê-lo esplendorosamente.

— Outro velho costume russo? — perguntou Ruth, com um risinho.

— Mas é claro. — Nick a serviu de mais vinho. Eles terminaram de comer a pizza, dando ao gato um bom pedaço. Nick a informou sobre o progresso dos ensaios, acrescentando um pouquinho de fofoca sobre a companhia para diverti-la. Quando começou a perguntar sobre sequências de danças em filmes que não havia assistido, Ruth fez o melhor para descrevê-las.

— Você está pensando em escrever esse novo balé para a televisão? — perguntou ela, enquanto limpavam a louça. — Para um dos outros dois projetos que você concordou em produzir?

— Talvez. — Ele foi vago. — Nadine também gostaria de um documentário sobre a companhia. Estamos pensando nisso. Eu aprendi um pouco quando eles gravaram Ariel e outros balés, mas as câmeras estavam sempre muito afastadas. Ah... — Nick procurou pela palavra de significado mais próximo. — Remotas? — Satisfeito, continuou: — Dessa vez elas estarão em todos os lugares, e esse diretor sabe mais sobre dança do que os outros com quem trabalhei. Isso faz uma diferença — concluiu, sorrindo quando Ruth lhe estendeu um prato para que o enxugasse. — Eu senti sua falta.

Ruth levantou os olhos para Nick. Eles estavam juntos por várias horas durante o dia, mas ela sabia o que Nick estava querendo dizer. Havia algo de companheirismo em ficar ali, junto com ele, na cozinha.

— Eu também senti sua falta.

— Nós podemos tirar umas férias depois que isso tudo acabar, antes de os ensaios recomeçarem. Uns poucos dias. — Nick largou o prato e acariciou-lhe o cabelo. — Você iria comigo para a Califórnia?

A casa dele em Malibu, pensou Ruth, sorrindo.

— Sim.

Esquecendo a louça, ela passou o braço ao redor da cintura dele e o abraçou. Eles ficaram em silêncio por um momento, e então Nick se inclinou e a beijou na cabeça.

— Você não quer saber o que tem na outra caixa? Ruth soltou um gemido.

— Eu não consigo comer mais nada.

— Mais vinho? — murmurou ele, passando os lábios em suas têmporas.

— Não. — Ela suspirou. — Só você.

— Venha, então. — Nick a afastou e depois lhe ofereceu a mão. — Faz muito tempo.

Eles saíram da cozinha, mas os olhos de Ruth caíram sobre a caixa que ainda estava fechada.

— O que tem nela?

— Achei que você não estivesse interessada. Incapaz de conter a curiosidade, Ruth abriu a tampa.

Ela ficou imóvel, sem dizer nada.

Ali, onde ela esperava encontrar alguma massa especial ou um bolo, estava a pele macia e grossa do casaco de raposa que Ruth experimentara na loja de departamentos. Tocando-o com a ponta dos dedos, ela olhou para Nick.

— Não engorda — disse-lhe.

— Nick. — Ruth fez um gesto de rendição, balançando a cabeça.

— Combina com você. E a cor é harmônica com seus cabelos. — Ele pegou um punhado do cabelo de Ruth e deixou que ele se derramasse entre

seus dedos. — E macio. Como você.

— Nick. — Ruth pegou na mão dele. — Não posso. Ele franziu a testa.

— Eu não posso lhe dar presentes?

— Sim, eu acho que sim. — Ela suspirou baixinho, — Eu não quis dizer isso. — Nick estava sorrindo para

Ruth, dificultando ainda mais a explicação dela. — Mas um presente como esse...

— Eu lhe comprei uma pizza — argumentou, levando as mãos de Ruth até os lábios. — Você não reclamou.

— Não é a mesma coisa. — Ela deixou escapar um som baixinho de excitação quando Nick passou os lábios pelo seu pulso. — E você comeu metade dela.

— Foi prazeroso — disse ele, simplesmente. — Como também será prazeroso vê-la nesse casaco de peles.

— É caro demais.

— Ah, quer dizer que eu só posso lhe comprar presentes baratos. — Nick arregaçou a manga de sua blusa e beijou a parte de dentro do seu cotovelo.

Ruth estreitou os olhos.

— Pare de me fazer de boba.

— Você não precisa de minha ajuda para parecer uma boba. — Antes que ela pudesse responder, Nick a puxou para perto e a calou. — Você achou o casaco feio? — perguntou.

— Não, claro que não. É maravilhoso! — Com um suspiro, Ruth apoiou a cabeça no ombro dele. — Mas você não tem que me comprar nada.

— Ter? Não. — Nick deslizou a mão pelas costas dela, até a cintura. — Eu sei quando tenho que fazer uma coisa Isso eu escolhi fazer. — Ele a empurrou, sorrindo novamente. — Venha, vista-o para mim.

Ruth ficou olhando para ele. Fora uma atitude generosa, impulsiva e típica de Nikolai Davidov. Como ela poderia recusar?

— Obrigada — disse, tão séria que Nick gargalhou e a abraçou.

— Você está parecendo uma coruja de novo, muito serena e sábia. Agora, por favor, deixe-me vê-la usando isso.

Se Ruth tinha alguma dúvida, aquele "por favor" a eliminara. Ela tinha certeza de que podia contar nos dedos as vezes que Nick usara aquela expressão. Sem mais hesitação, Ruth mergulhou na caixa. Seus dedos afundaram na pele.

— É esplêndido, Nick. Esplêndido mesmo.

— Não sobre o seu roupão, milaya. — Ele balançou a cabeça quando Ruth começou a vestir o casaco. — As pessoas não usam um casaco de pele de raposa com roupão atalhado azul.

Ruth o olhou atravessado, e então desfez o laço do roupão. Ela se despiu rapidamente e vestiu o casaco de pele. Nick sentiu sua barriga ficar dura ao contemplar brevemente a nudez de Ruth. Seus cabelos escuros caíram sobre a pele clara; seus olhos brilharam, excitados.

— Eu tenho que ver como está! — Ruth se virou, pensando em correr para o espelho do quarto.

— Eu a amo.

As palavras a deixaram paralisada. Ruth se sentiu completamente perdida, como se tivesse caído no palco. Sua respiração não conseguia chegar aos pulmões. Ruth fechou os olhos. Seus dedos apertavam o casaco de pele com tanta força que chegavam a doer. Ela não conseguia soltá-los. Lentamente, Ruth se virou para olhar para Nick-

Sua garganta se fechara; por isso, quando as palavras saíram, eram roucas.

— O que você disse?

— Eu a amo. Em inglês. Eu lhe disse em russo antes. Ya tebya lyublyu.

Ruth se lembrou daquelas palavras murmuradas em seu ouvido — palavras que se misturaram em seu cérebro quando Nick fez amor com ela, quando ele a abraçara fortemente, antes de dormir. Os joelhos de Ruth começaram a tremer.

— Eu não sabia o que significavam.

— Agora você sabe.

Ela o encarou, sentindo a tremedeira se esvaindo.

— Estou com medo — sussurrou Ruth. — Eu esperei que você dissesse isso por tanto tempo que agora estou apavorada. Nick! — Ela engoliu em seco, com os olhos úmidos. — Acho que minhas pernas não vão sair do lugar.

— Você quer vir em minha direção ou fugir?

A pergunta a acalmara. Talvez ele estivesse com medo também. Ruth se moveu para a frente. Quando chegou até Nick, ela esperou até que achasse que sua voz tinha voltado ao normal.

— Como se diz isso em russo? — perguntou. — Eu quero dizer, primeiro, em russo.

— Ya tebya lyublyu.

— Ya tebya lyublyu, Nikolai. — Ela tentou pronunciar corretamente. Ruth viu um brilho de emoção nos olhos de Nick antes de se jogar contra ele. — Ya tebya lyublyu — disse, mais uma vez. — Eu amo você.

Nick a beijava nos cabelos, no rosto, nas pálpebras e, então, a tomou possessivamente. — Ona-moya — disse, quase com selvageria. — Ela é minha.

O casaco de peles caiu no chão.

Capítulo 12

Ruth sabia que jamais teve um trabalho tão duro em toda a vida. Apresentar um balé completo nunca foi fácil, mas dançar para quatro era desesperador. Sequencias curtas de combinações de passos tinham de ser repetidas várias vezes, até Ruth descobrir que era impossível manter o bom humor. Ela estava acostumada às luzes, mas os técnicos e os cinegrafistas eram outro assunto. Ruth se viu cercada por eles.

Seus músculos tiveram câimbras do começo ao fim. Seu rosto tinha de ser retocado para as tomadas de perto. O Público da televisão não gostaria de ver gotas de suor numa elegante bailarina. Era possível, com a distância de um balé no teatro, manter a ilusão de fluidez sem esforço.

Mas a câmera era implacável. Por incontáveis vezes eles repetiram o mesmo conjunto difícil de soubresauts e pirouettes. Nick parecia incansável. O trabalho com a câmera parecia fasciná-lo. Ele não demonstrava nenhuma irritação com as pequenas interrupções técnicas; Nick parava, conversando com o diretor enquanto a equipe da televisão preparava tudo novamente. Então, ele repetia os passos, com energia renovada.

Eles gravaram o que seria um bloco de três minutos por mais de duas horas. Era um trecho atlético, cheio de paixão e sentimento — o tipo de dança que era a marca registrada de Nick. Ruth girou numa pirueta tripla, sentiu uma pontada de dor e caiu. Imediatamente, Nick se agachou ao lado dela.

— Só uma câimbra — conseguiu dizer Ruth, tentando recuperar o fôlego.

— Aqui?

Pegando sua perna, Nick sentiu o nó no músculo e começou a massageá-lo.

Ruth concordava com a cabeça, embora a dor fosse aguda. Ela apoiou a testa no joelho dele e fechou os olhos.

— Dez minutos, por favor. — Ruth ouviu Nick gritar.

— Você se machucou quando caiu? — murmurou ele, massageando o músculo dela. Ruth conseguiu apenas balançar a cabeça. — É uma daquelas

câimbras fortes

— Nick disse, franzindo a testa."— Fica difícil quando não há aquecimento.

— Eu não posso fazer isso! — Ruth de repente deu um soco no palco e ergueu o rosto. — Eu simplesmente não posso fazer isso do jeito certo!

Nick estreitou os olhos.

— Que bobagem é essa?

— Não é bobagem. Eu não posso — repetiu Ruth, nervosa. — É impossível. Várias vezes, sem parar. Como posso sentir algo se as coisas não fluem? As pessoas estão em todos os lugares, até embaixo do meu nariz, justamente quando eu deveria estar me preparando para um salto.

— Ignore-os e dance — disse Nick, sem se alterar. — É preciso.

— Preciso? — retrucou. — Eu vou lhe dizer o que é preciso. É preciso suor. Eu não posso sequer suar. Se aquele homem jogar pó na minha cara mais uma vez, eu vou gritar. — Ela respirou fundo ao sentir câimbras na outra perna. Seus pés estavam mais do que doloridos. Ruth abaixou a cabeça. — Ah, Nick, eu estou muito cansada.

— E o que você vai fazer? Desistir? — Ele disse aquilo com uma voz rouca, começando a massagear-lhe a outra perna. — Eu preciso de um par, não de um bebê chorão.

— Eu não sou um bebê. — Ela levantou imediatamente a cabeça. — Nem uma máquina!

—Você é uma bailarina. — Nick sentiu o músculo dela relaxar em suas mãos. — Então dance.

Os olhos de Ruth brilharam ao perceberem o tom de voz seco de Nick.

— Obrigada pela compreensão.

Ela esticou as mãos e se pôs de pé. Suas pernas estavam quase deformadas, mas Ruth as endireitou.

— Há uma hora certa para compreensão. — Nick se levantou. — E não é agora. Temos que trabalhar. Vá e deixe o homem da maquiagem cuidar do seu rosto.

Ruth ficou olhando Nick por um momento, então se virou e saiu do

palco sem dizer uma palavra.

Quando ela se foi, Nick praguejou baixinho, depois se sentou para lidar com a dor na própria perna.

— Você é durão, Davidov.

Nick levantou a cabeça para ver Nadine se levantar de uma cadeira na plateia.

— Sim. — Ele concentrou sua atenção na perna. — Você já me disse isso uma vez.

— É assim que eu gosto. — Ela caminhou até a lateral do palco e subiu alguns degraus. — Mas ela é muito jovem. — O salto de seus sapatos produzia um eco enquanto Nadine andava no palco.

Ela se ajoelhou ao lado de Nick. Nadine pegou a perna dele e começou a massageá-la.

— Bons pés, pernas maravilhosas, ótima musicalidade. — Ela sorriu. — Ela ainda não está tão calejada como nós.

— Melhor para ela.

— E mais difícil para você, porque você a ama. — Nick olhou para Nadine com as sobrancelhas arqueadas, curioso. — Não há nada sobre os meus bailarinos que eu não saiba — acrescentou Nadine. — Geralmente, sei mesmo antes deles. Você está apaixonado por ela há muito tempo.

— E daí? — perguntou Nick.

— Bailarinos geralmente namoram bailarinas. Eles falam a mesma língua, têm os mesmos problemas. — Nadine sentou-se sobre os calcanhares. — Mas quando meu premier danseur e diretor artístico se envolve com a minha melhor bailarina, eu fico preocupada.

— Não há necessidade disso, Nadine. — Seu tom de voz era calmo, mas não dava para ignorar sua irritação.

— Romances podem pegar vários caminhos — disse ela. — Acredite-me, eu o conheço muito bem. — Nadine sorriu, um pouco triste. — Bailarinas fazem o tipo emocional, Nick. Eu não quero perder nenhum dos dois se vocês tiverem alguma desavença. Ela está destinada a ser prima ballerina assoluta.

Nick se manifestou com uma voz muito fria.

— Você está sugerindo que eu pare de ver Ruth? — Ele se pôs cuidadosamente de pé. Seus olhos a encaravam, tristíssimos.

Nadine o examinou pensativamente.

— Há quanto tempo eu o conheço, Davidov? Ele deu uma risadinha.

— Isso só nos tornaria mais velhos, Nadine.

Ela concordou com um aceno de cabeça, e então lhe estendeu a mão. Nick a ajudou a se levantar.

— Há muito tempo. Há tempo suficiente para saber muito bem o que sugerir. — Sua expressão ficou muito torta. — Eu o vi desfilar com uma multidão de mulheres ao longo dos anos.

— Spasibo.

— Não foi um elogio — respondeu Nadine. — Foi um comentário. — Ela parou novamente, muito rápido. — Bannion é diferente.

— Sim — disse Nick, simplesmente. — Ruth é diferente.

— Tenha cuidado, Davidov. Quedas podem ser perigosas para bailarinas. — Ela se virou quando os técnicos começaram a entrar no palco novamente. — Ela vai odiá-lo por um bom tempo.

— Eu terei de lidar com isso.

— Claro — concordou Nadine, sem esperar por outra coisa.

Muito reta e com boa postura, Ruth saiu das coxias. Enquanto sua maquiagem estava sendo retocada, ela tirou tudo da mente, exceto a dança que estava apresentando. Até que estivesse completa e gravada, Ruth não se permitiria sentir nada a não ser o que a personagem sentiria. Ela foi até Nick.

— Estou pronta.

Ele a olhou de cima a baixo. Nick quis perguntar se Ruth ainda sentia dor, queria lhe dizer que a amava. Mas, em vez disso, ele disse:

— Bom, então vamos recomeçar.

Quase duas horas depois, Ruth pôde tomar um banho. Seu corpo estava dormente demais para sentir dor. Seus pensamentos estavam

confusos por causa do cansaço. Só duas coisas estavam claras: ela detestara dançar para a câmera e, quando precisou de Nick, ele se afastou. Nick falou com Ruth como se ela tivesse sido preguiçosa e fraca. O fato de ter perdido o controle na frente de todo mundo já era bastante humilhante. A frieza nas palavras dele só aumentava a humilhação.

A força e a resistência sempre foram motivo de orgulho para Ruth. Foi um choque enorme ter caído no palco, abatida e machucada. Ela queria consolo, mas Nick a desprezou.

Ruth saiu do chuveiro e se enrolou numa toalha no exato momento em que Leah entrava. Ainda usando roupas comuns, a loura se inclinou na pia e sorriu.

— Oi. — Ela viu o rosto pálido e exausto de Ruth. - Dia difícil?

— Como sempre. — Ruth foi até a mochila para pegar uma blusa.

— Ouvi dizer que você teve problemas com seu número esta tarde.

Ruth teve um momento, enquanto passava a blusa pela cabeça, para recompor sua expressão.

— Nada grave — disse, calmamente, embora tivesse sido difícil atenuar as palavras. — A gravação do Corsário está terminada.

— Mal posso esperar para ver. — Leah sorriu, pegando uma escova e a passando preguiçosamente pelos cabelos louros, finos como os de um bebê. — Você parece pálida — observou, enquanto Ruth vestia sua calça jeans. — Sorte sua ter alguns dias de folga antes de começarem as gravações de A Rosa Escarlata.

Ruth fechou o zíper com um movimento brusco. — Você conhece a agenda de todo mundo.

— Eu me dou ao trabalho de saber tudo o que acontece com as pessoas da companhia.

Ruth se sentou e tirou os tênis da mochila. Ela calçou um e então lançou um olhar profundo e pensativo na direção de Leah.

— O que você quer?

— Nick — respondeu ela, instantaneamente. Seu sorriso cresceu ao ver o brilho nos olhos de Ruth. — Não como você está pensando, querida, embora seja tentador. — Ela sorriu. — Parece que ser namorada dele tem

suas vantagens.

Ruth lutou contra o desejo de jogar o outro tênis naquele sorriso. Perturbada, ela calçou o outro pé.

— O que há entre mim e Nick é pessoal e não é da conta de ninguém. — Com o sangue fervendo, Ruth se pôs de pé.

— Ah, mas tem uma ligação. — Leah se esticou para tocar no braço de Ruth quando viu que ela estava prestes a sair do vestiário.

O ataque violento surpreendeu Ruth. Ela nunca esteve tão perto de perder completa e cegamente sua calma. Ruth deixou cair sua mochila com um barulho no chão.

— O quê?

Leah se sentou na beirada da pia e cruzou as pernas.

— Eu quero ser a prima ballerina assoluta.

— E desde quando isso é novidade? — respondeu Ruth, contrariada.

— Eu sei muito bem — acrescentou Ruth, calmamente, — que para isso acontecer e eu continuar na companhia preciso ter Nick como meu par.

— Então você tem um problema. — Ruth a encarava. — Nick é meu par.

— Por enquanto — concordou Leah, tranquila. — Ele, certamente, vai se livrar de você quando se cansar de dormir com você.

— Isso é problema meu — disse Ruth, brandamente.

— Os namoros de Nick nunca duram muito tempo. Esse tempo todo, todas nós testemunhamos o fluxo e refluxo. Você se lembra daquela advogada há seis meses? Muito elegante. E teve uma modelo antes disso. Ele geralmente evita pegar alguém da companhia. Muito inconstante, nosso Nikolai.

— Meu Nikolai. — Ruth pegou a mochila novamente. — E melhor você se contentar com os pares que lhe dão.

— Ele não vai dançar por muito mais do que dois anos ainda. Ele já está coreografando na maior parte do tempo. Eu só preciso de dois anos — respondeu Leah, descaradamente.

— Dois anos! — Ruth gargalhou e pendurou a mochila nos ombros. — Eu serei prima ballerina assoluta em seis meses. — Ela deixou que toda a sua fúria comandasse suas palavras. — Depois que a apresentação for ao ar, todo o país saberá quem eu sou. Se a competição a incomoda, tente outra companhia.

— Competição! — Leah estreitou os olhos. — Você mal conseguiu completar seu primeiro trabalho. — Ela sorriu um de seus sorrisos maliciosos para Ruth. — Nick pode ser convencido a cortar suas outras duas participações ou dá-las a alguém com um pouco mais de resistência.

— Como você.

— Certamente.

— Nos seus sonhos — disse Ruth, suavemente. Então, deixando Leah de lado, saiu do vestiário.

Embora aquela saída tenha ajudado, Ruth estava nervosa. A agressão emocional a tirara do sério, e Ruth desceu correndo as escadas, esquecendo-se da dor nas pernas. Ela chegou à rua fervendo de raiva.

— Ruth. — Nick pegou-a pelo braço quando ela deixou de responder da primeira vez que ele a chamou. — Onde você está indo?

— Para casa — disse ela, ríspida.

— Ótimo. — Ele observou o rosto vermelho dela. — Eu a levo.

— Eu conheço o caminho. — Ruth se virou em direção à porta, mas Nick continuou segurando-a.

— Eu disse que a levaria.

— Muito bem. — Ela deu de ombros. — Como quiser.

— Eu geralmente faço o que quero — respondeu ele friamente, empurrando-a para fora e entrando em um táxi.

Ruth se sentou no canto, com a mochila presa no colo. Nick se encostou no banco, sem tentar conversar. Sua mente estava aparentemente ocupada com seus próprios pensamentos. A teimosia impedia que Ruth falasse.

A cena que fizera com Nick no palco estava sendo reproduzida na mente dela, seguida pela cena com Leah. A raiva de Ruth assumiu a forma

de um silêncio rochoso.

Quando o táxi estacionou em frente ao apartamento, ela saiu pelo seu lado, preparada para dar a Nick um frio adeus. Ele, contudo, desceu pelo lado da rua e, passando pela traseira do táxi, pegou o braço de Ruth. Seu toque era leve, mas decidido. Sem dizer nada, Ruth o acompanhou para dentro do edifício.

Ela sabia que estava preparando uma briga. Era preciso apenas uma provocação. A raiva estava em ebulição, prestes a explodir. Ruth destrancou a porta do apartamento. Entrando rapidamente, deixou que Nick fosse embora ou entrasse também, à sua escolha.

De seu assento no sofá, Nijinsky se levantou, arqueou as costas e desceu, sem fazer barulho. Obedientemente, deu a volta nos tornozelos de Ruth antes de se aproximar de Nick. Ela o ouviu cumprimentar baixinho o gato. Atrás de um muro de silêncio, Ruth foi para o quarto, a fim de esvaziar a mochila.

Ela se demorou naquela tarefa. Não houve nenhum barulho no outro cômodo quando Ruth guardou com cuidado suas sapatilhas na penteadeira. Meticulosamente, tirou os grampos do cabelo e deixou-os cair no chão. Com o cabelo solto, cessou sua dor de cabeça. Ela penteou o cabelo, deixando que uma escovada se seguisse a outra. O apartamento continuava em absoluto silêncio.

Por dez minutos completos Ruth se ocupou com o quarto, encontrando dezenas de tarefas sem sentido para fazer. A raiva a atingiu novamente. Concluindo que precisava de comida, Ruth amarrou os cabelos atrás com uma faixa e saiu do quarto.

Nick dormia profundamente no sofá. Ele estava deitado de costas, com Nijinsky ronronando, encolhido confortavelmente, como uma bola, sobre o peito dele. Nick respirava com regularidade. Todo o ressentimento de Ruth desapareceu.

Ele está exausto, percebeu. Os sinais estavam claros no rosto dele. Por que Ruth não percebeu aquilo antes? Porque ela estava absorvida demais com seus próprios sentimentos, pensou, sentindo-se culpada.

As covinhas de seu rosto estavam fundas. Ruth podia ver apenas sombras escuras sob os olhos de Nick. Ela suspirou. Ela podia ter chorado. Sem lágrimas, ordenou a si mesma.

Pegando um cobertor que estava sobre uma cadeira, ela o jogou sobre as pernas de Nick. Ele não se moveu. Nijinsky abriu um olho, observando-a acusadoramente, e voltou a dormir. Ruth sentou-se numa cadeira, com as pernas embaixo do corpo. Ela observou seu namorado dormindo.

Já estava escuro quando Nick acordou. Desorientado, ele apertou os olhos com os dedos. Havia um peso em seu peito. Colocando a mão sobre aquilo, Nick descobriu uma bola de pelo quente. Ele deixou escapar um longo suspiro quando Nijinsky mostrou-lhe as garras. Com um falso xingamento, Nick afastou o gato para o lado e se sentou. Um fecho de luz escapava pela porta da cozinha. Ele ficou sentado por um momento, antes de se levantar e caminhar até lá.

Ruth estava ao fogão. Com os cabelos presos atrás, Nick podia ver o perfil dela: os delicados ossos, o queixo empinado, os olhos levemente puxados. Ela estava com a boca aberta, concentrada — os lábios macios e generosos que Nick podia saborear só de olhar. Ruth tinha aquele pescoço comprido e fino típico das bailarinas clássicas. Ele sabia precisamente onde sua pele era mais sensível.

Ruth parecia ainda mais jovem sob a luz forte da cozinha, mais do que ela lhe parecera quando Nick a vira pela primeira vez — com o sol brilhando sobre a neve no estacionamento da escola de balé de Lindsay. Ruth se virou, sentindo a presença de Nick. Ela o olhou nos olhos.

Ruth umedeceu os lábios.

— Você estava agitado. Pensei que poderia ser fome. Você gosta de omeletes?

— Sim. É bom.

Ele se apoiou no batente da porta enquanto Ruth voltava a cozinhar. Uma olhada no relógio lhe revelou que eram quase 2lh. Nick dormira por menos de duas horas. Ele estava descansado como se tivesse dormido a noite toda.

— Posso ajudar?

Ruth mantinha os olhos nos ovos que estavam na frigideira.

— Você pode pegar os pratos. Está quase pronto. — Ao lado dela, na bancada, a cafeteira começou a apitar. Nick pegou pratos e copos. — Você quer mais alguma coisa? — perguntou ela, odiando o tom educado na voz

dele.

— Não. Está ótimo.

Como se fosse uma especialista, Ruth virou a primeira omelete da frigideira para o prato.

— Vá em frente e comece. Vai demorar só um minutinho. — Os ovos batidos chiaram quando ela os jogou na frigideira. — Eu levo o café.

Nick pegou o prato e foi para a sala de jantar. Ruth continuou a trabalhar, prestando toda a atenção no preparo da omelete. A cafeteira apitou mais forte. Ela tirou os ovos da frigideira. Desligando o café, Ruth levou tudo para a sala de jantar.

Nick levantou os olhos quando ela entrou.

— Está tudo certo? — Ela pôs o prato na mesa e então serviu o café nas xícaras.

— Está bom. — Ele comeu mais um bocado. Ruth evitou os olhos de Nick e pôs o bule num suporte. Sentando-se de frente para Nick, ela começou a comer.

— Eu tenho de agradecer por você ter me deixado dormir. — Nick a viu empurrar os ovos no prato. — Eu estava precisando disso. E disso.

— Você parecia muito cansado — murmurou ela. — Nunca me ocorreu que fosse difícil para você.

— Ah! — ele murmurou, divertindo-se. — Davidov é indestrutível.

Ruth ergueu os olhos ao ouvir isso.

— Eu acho que era assim que eu sempre o via. Como todas nós o vemos.

O olhar dele era firme.

— Mas você não é como todo mundo. — Nick viu lágrimas surgindo nos olhos de Ruth. Algo se revirou em seu estômago. — Você deveria comer — disse ele, bruscamente. — Foi um longo dia.

Ruth pegou sua xícara de café, lutando para se recompor. Ela fizera cenas demais para um dia.

— Eu não estou com muita fome.

Nick deu de ombros e voltou-se para sua refeição.

— Algo está queimando — disse.

Gritando, Ruth se levantou e saiu correndo para a cozinha.

Uma coluna de fumaça saía da frigideira, cuja superfície estralava com o calor. Praguejando, Ruth desligou o fogo que deixara aceso sob a panela e deu um chute de ódio no fogão.

— Cuidado — disse Nick, da porta. — Não posso ter uma parceira com os dedos do pé quebrados.

Ela deu a volta nele, querendo desabafar sua raiva em qualquer outro lugar. Mas Nick sorriu. Era como se ele tivesse tirado o dedo que sustentava a represa.

— Ah, Nick! — Ruth jogou seus braços para ele e o abraçou. — Eu fui tão má hoje. Eu dancei tão mal.

— Não — corrigiu Nick, beijando-lhe a cabeça. — Você dançou maravilhosamente, melhor do que quando estava com raiva de mim.

Ruth afastou a cabeça e olhou para Nick. Ela tinha certeza de que ele jamais mentiria sobre seu desempenho apenas para consolá-la.

— Eu não devia ter ficado brava com você. Eu estava tão ensimesmada, tão envolvida com meus próprios sentimentos, que não pensei em como era difícil para você também. Você sempre faz tudo parecer tão fácil!

— Você não gosta da câmera.

— Eu a odeio. É horrível.

— Mas valiosa.

— Eu sei disso. Eu sei. — Ela se afastou para ficar um pouco mais longe de Nick. — Eu odiei o modo como agi esta tarde, chorando na frente de todas aquelas pessoas, esbravejando com você.

— Você é uma artista. Eu já lhe disse que é normal que isso aconteça.

— Eu não gosto de escândalos. — Ruth respirou fundo. — Eu não gosto especialmente de me ver como uma pessoa egoísta, que não se importa com os sentimentos dos outros.

— Você está sendo dura demais consigo, Ruth. A mulher que eu amo não é egoísta assim.

— Eu fui, hoje. — Ela balançou a cabeça. — Eu não parei de pensar em mim mesma até que vi você dormindo, parecendo tão exausto! Eu sei que você tem trabalhado duro, não só nas nossas coreografias, mas em todos os outros ensaios que você tem de supervisionar, e as reuniões, e a agenda para o restante da temporada. Mas eu só pensei no quanto eu odiava aquelas câmeras aparecendo do nada em todos os lugares e no quanto minhas pernas doíam. — Ela suspirou, trêmula. — Eu não gosto de saber que posso ser superficial, daquele jeito que o Donald me acusou de ser.

— Ah, chega. — Nick pegou-a pelos ombros. — Nós temos que pensar em nós mesmos, em nossos corpos. Não há outro modo de sobreviver. Você é uma estúpida se acredita que isso faz de você uma pessoa pior. Nós somos diferentes dos outros, sabia? É nosso modo de ser.

— Egoísta?

— Precisa ter um nome? — Ele a sacudiu de leve e então a puxou para perto. — Egoísta, se você quiser. Dedicados. Obcecados. O que importa? Isso muda alguma coisa em você? Isso muda alguma coisa em mim? — De repente, ele a beijou.

Ruth gemeu com o beijo. Os lábios de Nick eram, ao mesmo tempo, ternos e possessivos, espalhando pequenas chamas de desejo dela. Ele a apertou ainda mais, e mais, até que seus corpos estivessem fundidos.

— Era assim que eu queria tê-la beijado quando você se sentou no palco, com raiva e machucada. — Ele a beijava por cima das palavras. — Você me odeia por que não fiz isso?

— Não. Não, mas eu também quis. — Ruth o abraçou fortemente. — Eu quis tanto que você fizesse isso!

— Você nunca teria terminado a dança se eu tivesse consolado você naquela hora. — Nick inclinou a cabeça para trás, para poder olhar para Ruth. — Eu sabia disso, porque você sabe disso. Isso faz de mim um homem egoísta e frio?

— Isso faz de você Davidov. — Ruth suspirou e sorriu para ele. — É tudo o que eu quero.

— E você é Bannion. — Nick a beijou novamente. — É tudo o que eu

quero.

— Você faz tudo parecer tão simples. É simples?

— Esta noite é simples. Ele a levantou nos braços.

Capítulo 13

Ruth se sentou na sexta fileira da plateia para assistir à gravação. Os três blocos em que ela aparecia estavam prontos. O que resultaria em nove, talvez dez minutos no ar exigiu três exaustivos dias de gravação. Ruth aprendera a dançar para a câmera e até mesmo a tolerá-la. Mas ela sabia que jamais sentiria o entusiasmo que Nick sentira. Ele a desafiara a superá-lo no pas de deux de Carnaval. Nick estivera exuberante, incredivelmente ágil com sua máscara de Arlequim e no figurino, um espírito livre, provocativo, que inspirava mais vitalidade na Colombina do que Ruth acreditava ser possível.

Nick brilhava com energia, refletiu Ruth, observando-o no palco. Mesmo quando não estava dançando.

O corps estava fazendo uma cena do Rodeio. Entre os chapéus de caubóis e tecidos de algodão, Nick estava de pé com seu terno pardo característico, apresentando os bailarinos. Se estivesse vestindo algo dourado ou prateado, as câmeras não teriam mais o que focar.

Ruth sabia que Nick havia se permitido relaxar muito pouco nas últimas semanas. Mesmo instruindo os bailarinos até o último minuto, Nick estava tão cheio de vida e energia quanto um menino. Como ele faz isso?, perguntou a si mesma.

Ela ficou pensando no que Leah lhe dissera, e se perguntou: ele pararia mesmo de dançar em dois anos? Ruth odiava pensar nisso. Nick parecia tão jovem! Para a maior parte das outras profissões ele ainda seria considerado jovem, pensou Ruth. Como diretor de arte, como coreógrafo, como compositor, Nick poderia continuar indefinidamente. Mas como danseur noble o tempo era precioso.

Claro que Nick sabia disso. Ruth assistiu quando Davidov saiu do campo de visão da câmera. Como ele se sentia com relação a tudo aquilo? Nick jamais lhe dissera. Havia muitas coisas que ele não comentara.

Ruth percebia muito bem como Nick mudava habilmente de assunto sempre que ela sondava um pouco mais sobre sua vida na Rússia. Não era simples curiosidade que a levava a perguntar. Mesmo assim, Ruth não sabia como explicar suas perguntas a ele.

Ela ficava frustrada por Nick ocultar parte da sua vida. Privacidade era

algo que Ruth valorizava muito, e respeitava nos outros. Mas, amando Nick com todo o coração, sentia necessidade de conhecê-lo completamente. E, mesmo assim, Nick continuava a ignorar as perguntas e a evitar as discussões sobre sua infância e o começo da sua carreira profissional no seu país de origem. E ele também não conversara com ela sobre seus sentimentos a respeito de talvez encerrar a carreira como bailarino.

Várias vezes, concluiu Ruth, Nick pensava nela como uma menininha. Como ela poderia convencê-lo a dividir seus problemas, assim como suas alegrias?

A música enchia o teatro; a música country norte-americana, rápida e rouca, que ditava o ritmo da dança. Nick assistia ao corps por trás do cinegrafista, com as mãos ligeiramente apoiadas na cintura. Ruth refletia, ensimesmada.

"Será que vou sempre me sentir assim", ela se perguntava. Provocada por ele, entorpecida por ele? Era assustador estar apaixonada por uma lenda. Mesmo no pouco tempo em que estavam juntos, as exigências da carreira pressionaram os dois. O balé era, ao mesmo tempo, um vínculo e uma separação. O tempo que passavam sozinhos no apartamento de Ruth era outro mundo. Eles podiam agir como um homem e uma mulher normais lá. Mas a música e os holofotes os chamavam de volta. E aqui, no mundo que consumia a maior parte de suas vidas, ele era Davidov, o mestre.

— Ele parece estar lidando bem com as coisas, como sempre. — Nadine sentou-se no banco de trás, e Ruth virou-se para ela.

A música parara. Nick estava conversando com os bailarinos, enquanto o diretor falava com algum técnico invisível pelo rádio. Ruth seguia Nick com os olhos.

— Sim, parece mesmo.

— Como um menino com um novo ferrorama. Ruth lançou um olhar de curiosidade para Nadine.

— Ferrorama?

— O entusiasmo, a alegria — explicou ela, com um gesto com as mãos. — Ele adora isso.

— Sim. — Ruth voltou a olhar para Nick. — Eu percebo isso.

— Suas interpretações foram bem. — Diante da risada de desaprovação de Ruth, Nadine acrescentou. — Ah, eu sei que foi preciso fazer alguns ajustes. É a vida.

— Você estava assistindo?

— Eu sempre assisto.

— Você nem sempre é boazinha, Nadine — disse Ruth, rindo.

— Minha querida, eu nunca sou boazinha. Não posso me dar ao luxo de ser. — A música começou de novo, e embora os olhos de Nadine estivessem no palco, ela conversava com Ruth. — Mas elas realmente foram boas, no geral. A gravação está magnífica.

— Você a viu? — Ruth prestava toda a atenção nela agora.

Nadine apenas ergueu a sobrancelha em resposta.

— O programa vai ser tudo aquilo que nós esperávamos que fosse. Posso dizer sinceramente que você e Nick juntos formam a melhor coisa que eu vi em muito tempo. Nunca pensei que ele encontraria uma parceira à altura de Lindsay. Claro que seu estilo e o dela são muito diferentes. Lindsay saltava como se fizesse parte do ar sem esforço algum, era algo quase místico. Já você enfrenta o ar, como se estivesse desafiando a gravidade.

Ruth refletiu sobre aquela descrição. Parecia fazer sentido.

— Lindsay era a mais linda bailarina que eu vi.

— Nós a perdemos porque ela deixou que sua vida pessoal interferisse — disse Nadine, sem se alterar.

— Ela não teve escolha — correu Ruth em defesa de Lindsay. — Quando o pai dela morreu e a mãe se feriu gravemente, ela teve de sair.

— Nós fazemos nossas próprias escolhas. — Nadine se virou para olhar diretamente para Ruth. — Eu não acredito em destino. Nós fazemos as coisas acontecerem.

— Lindsay fez o que ela tinha de fazer.

— O que ela escolheu fazer — corrigiu Nadine. — Todos nós escolhemos. — Ela viu que Ruth franzira a testa. — Eu sempre tive uma única prioridade na vida. Gostaria que minhas bailarinas fossem iguais, mas

sei que não é assim. Você tem o talento, a juventude e a motivação para se tornar um marco na história do balé mundial. Lindsay tinha acabado de começar a se tornar um marco quando abandonou tudo. Eu não gostaria de perder você.

— E por que você me perderia? — Ruth elaborou a pergunta, mantendo os olhos em Nadine. Ela já não prestava atenção ao que estava acontecendo no palco.

— Bailarinas podem ser muito temperamentais.

— É o que me disseram — disse Ruth, ríspida. — Mas isso não responde à minha pergunta.

— Eu preciso tanto de você quanto de Nick, Ruth, mas eu preciso mais de Nick. — Ela parou por um instante, para observar as palavras sendo absorvidas. — Se chegar a hora em que as coisas entre vocês dois... não forem mais como são, e se vocês não puderem — ou não quiserem — trabalhar juntos, terei de fazer uma escolha. A companhia não pode se dar ao luxo de perder Nick.

— Entendo. — Ruth virou-se para o palco e ficou olhando os bailarinos.

— Eu pensei muito antes de falar com você. Mas achei melhor estabelecer minha posição.

— Você conversou com Nick?

— Não. — Nadine olhou para Nick, de pé entre os técnicos. — Não com tanta franqueza. Mas conversarei com ele, claro, se for preciso. Só espero que não seja.

— Vários bailarinos na companhia se envolvem uns com os outros — comentou Ruth. — Alguns até se casam. É um hábito seu se intrometer na vida pessoal deles?

— Eu sempre soube que havia algo queimando atrás desses modos cheios de escrúpulos. — Nadine deu um sorrisinho. — Fico feliz de ver isso. — Ela ficou em silêncio por um tempo. — Contanto que nada do lado de fora interfira na companhia, não há-razão para se criar infelicidades. — Mais uma vez ela olhou diretamente para Ruth. — Mas Nick não é só mais um dos meus bailarinos. E nós duas sabemos disso.

— Eu não acho que você possa dizer que o que há entre mim e Nick esteja interferindo na companhia ou no modo como dançamos — disse Ruth, cansada.

— Não, ainda não. Eu gosto de você, Ruth, e é por isso que estou lhe falando. Agora tenho de ir arrancar à força mais alguns dólares de um patrocinador. — Nadine se levantou e, sem falar mais nada, subiu pelo corredor escuro e saiu do teatro.

No palco, Nick observava os bailarinos. Ele os via tanto individualmente quanto como um grupo. Aqui um braço não estava dobrado corretamente, ali, a posição de um pé estava perfeita. Nick avaliava o corps de perto. Havia dois bailarinos que ele pretendia promover logo a solistas. Havia uma jovem de não mais que 18 anos, que Nick observava com especial interesse. Ela tinha uma beleza etérea, de outro mundo, e muita velocidade. A menina lembrava Lindsay. Nick já a via como a Carla, em *O Quebra-nozes*, no próximo ano. Ele teria de convencer madame Maximova a trabalhar com ela individualmente.

O diretor interrompeu a gravação, e Nick se adiantou para corrigir uns detalhes menores. Eles estavam trabalhando há quase duas horas, e as luzes quentes brilharam sem piedade.

Nadine, pensou Nick quando recomeçaram, é como uma águia à caça de passarinhos quando comanda testes para o corps. Pobres crianças; será que elas tinham mesmo consciência do trabalho pesado que é a dança? Bem poucas, entre elas, iriam além do corps. Nick observava novamente a menina, que girava para os braços do parceiro. Ela iria além, concluiu. Ela competiria com Ruth dentro de dois anos.

Nick sorriu, lembrando-se dos dias de Ruth no corps. Ela era muito nova e muito retraída. Só quando dançava é que se tornava verdadeiramente segura. Já naquele tempo — sim, já naquele tempo — Nick a desejara, e isso o deixara perplexo. Nick a vira adquirir postura e se tornar uma pessoa mais aberta. Ele vira o talento dela desabrochar.

Cinco anos, pensou Nick. Cinco anos e agora, finalmente, eu a tenho. Mas ainda não era o bastante. Havia noites em que seus compromissos o mantinham ocupado até tarde, e Nick era obrigado a ir para seu próprio apartamento vazio, sabendo que Ruth dormia longe, em outra cama.

Ele se perguntava se estava mais impaciente agora porque esperara

tanto tempo por Ruth. Era uma luta diária evitar entrar de uma vez por todas em um relacionamento mais sério. Nick não pretendia nem mesmo dizer que a amava, certamente não daquele modo simples e sem emoção. Todas as vezes anteriores em que Ruth se virara e retribuía seu amor o haviam paralisado de medo. E medo era uma sensação nova, do tipo que, Nick descobriu, o incomodava.

Parte dele se chateava com a influência que Ruth tinha sobre ele. Nenhuma outra mulher jamais ocupara seus pensamentos completamente. E ainda assim Ruth mantinha parte de si mesma à margem de Nick. Isso era uma tortura, era odioso.

Nick a queria sem reservas, sem segredos. Quanto mais ficassem juntos, mais se tornaria impossível para ele deixar de pressioná-la para saber mais. Mesmo agora, com sua mente concentrada no trabalho, Nick sabia que Ruth estava sentada no teatro escuro. Ele podia sentir a presença dela.

Ela não deveria poder consumi-lo daquele modo, pensava Nick, com uma raiva repentina. Mesmo assim, ele a queria ali. Perto. As palavras que Nick dissera quando fora ao apartamento de Ruth naquela noite se tornavam mais verdadeiras à medida que o tempo passava. Ele precisava dela.

Pelo menos a seção de gravação estava terminada. Nick conversava com o diretor enquanto os bailarinos enchiam os bastidores. Eles esfriariam os corpos sob chuveiros e cuidariam de suas dores. Ruth se levantou de sua poltrona na plateia e se aproximou do palco. Os músicos estavam conversando, alongando as costas.

— Uma hora, por favor — pediu Nick para eles, recebendo um resmungo como resposta.

Os técnicos desligaram as luzes de alta voltagem e a temperatura caiu drasticamente. A equipe estava conversando sobre um restaurantezinho italiano ali perto e sobre sanduíches de almôndega. Com uma risada, Nick se recusou a se juntar à equipe. Quando ofereceu a eles iogurte na cantina da companhia, recebeu inequívoca reação de nojo.

— Então? — Ele abraçou Ruth quando ela pisou no palco. — O que você achou?

— Foi maravilhoso — respondeu, sinceramente. Ruth tentava não

pensar na conversa que tivera com Nadine quando Nick lhe deu um beijo rápido. —Aparentemente, você tem sensibilidade para a cultura norte-americana.

— Eu sempre pensei que daria um ótimo caubói. — Ele riu e pegou um dos chapéus cenográficos abandonados. Com um gesto exagerado, colocou-o na cabeça. — Agora eu preciso apenas de um revólver.

Ruth deu uma gargalhada.

— Combina com você — disse, arrumando o chapéu um pouco mais para baixo na testa dele. — Eles têm caubóis na Rússia?

— Cossacos — respondeu. — Não é bem a mesma coisa. — Nick sorriu, acariciando-lhe os braços, de cima a baixo. — Você está com fome? Temos uma hora antes de recomeçarmos.

— Sim.

Passando um braço ao redor dela, Nick jogou fora o chapéu enquanto atravessavam o palco.

— Vamos pegar alguma coisa e levar para o meu escritório. Eu quero ficar sozinho com você.

Dez minutos depois, Nick fechava a porta do escritório.

— Devemos ter música para uma refeição tão trabalhosa como esta? — Ele foi até o aparelho de som.

Ruth pôs na mesa suas tigelas de salada de fruta enquanto Nick escolhia um Rimsky-Korsakov. Depois de abaixar o volume, ele voltou até onde ela estava.

— Isto primeiro. — Nick a pegou em seus braços. Ruth ergueu a boca para ele, desejosa por um beijo. O desejo de Ruth atíçou o fogo brando dentro dele.

Com um gemido de prazer, Nick enfiou os dedos nos cabelos dela e a possuiu. A boca de Ruth era ávida, exploratória, e ela deixou que o beijo tomasse conta dela. O desejo era uma força veloz que percorria todo o seu corpo. Ruth pôs a mão por sob a camisa de Nick para sentir os movimentos dos músculos das costas dele. Nick começou a beijá-la loucamente em todo o rosto; seus lábios se buscavam.

— Beije-me — pediu Ruth, detendo a boca incansável de Nick com a

dela.

O beijo foi perturbador e tempestuoso. Era como se Nick estivesse despejando todo o seu desejo em um único encontro de seus lábios. O beijo a deixou sem fôlego, trêmula, ansiando por mais. Nick mordeu o lábio dela com os dentes até Ruth gemer com uma atordoante excitação. Então ele a puxou para mais perto, usando a língua para eliminar qualquer vestígio de sanidade. Ruth murmurava sem pensar em nada, desesperada para que Nick a tocasse.

Como se pudesse ler os pensamentos dela, ele pôs a mão em seus seios. Ruth tremeu quando o tecido áspero da camisa que Nick vestia arranhou sua pele. A outra mão ele enfiou pela abertura na cintura da calça jeans de Ruth. Seus dedos serpentearam por sobre o sexo dela, até encontrar o que queriam. Juntos, eles prenderam a respiração com o contato.

Quando o telefone na mesa começou a tocar, Nick deixou escapar um monte de xingamentos. Ele se virou para atender e puxou bruscamente o telefone do gancho.

— O que é?

Ruth bufou e se sentou. Seus joelhos tremiam.

— Não posso vê-lo agora. — Ruth já tinha ouvido aquele tom de voz curto e ríspido antes e sentiu uma pontada de pena pela pessoa do outro lado da linha.

— Não, ele vai esperar. Estou ocupado, Nadine. Ruth franziu a testa. Ninguém falava com Nadine daquele jeito. Ela suspirou e, então, levantou os olhos para Nick. Ninguém era como Davidov.

— Eu sei disso. Em vinte minutos, então. Não, vinte.

— Ele pôs o telefone no gancho com um clique. Quando voltou a olhar para Ruth, a irritação ainda estava em seus olhos. — Parece que um patrocinador quer a minha presença. — Nick xingou e enfiou as mãos nos bolsos.

— Tem horas em que essa coisa de arrecadar dinheiro me deixa louco. Ter sempre que persuadir e arrancar algum dinheiro. Era mais simples se fosse só dançar. Mas agora isso não basta. Nós temos pouco tempo, Ruth.

— Venha e coma — ela disse, querendo acalmá-lo.

— Vinte minutos é tempo de sobra.

— Não estou falando só do agora! — A raiva cresceu na voz de Nick, e Ruth se preparou para a tempestade.

— Eu quis ficar com você na noite passada e em todas as noites em que dormi sozinho. Eu preciso de mais — mais do que uns poucos momentos no dia, umas poucas noites na semana.

— Nick... — Ruth tentou, mas ele a interrompeu.

— Eu quero que você vá morar comigo. Que viva comigo.

O que quer que Ruth tivesse para dizer sobre aquilo, escapou-lhe. Nick ficou imóvel, furioso e exigente.

— Morar com você? — repetiu ela, debilmente.

— Sim. Hoje. Esta noite.

Os pensamentos de Ruth divagavam enquanto ela o encarava.

— Para o seu apartamento!

— Sim. — Impaciente, Nick a obrigou a se levantar.

— Eu não posso, eu não vou continuar a ir para casa para um quarto vazio. — Ele a agarrava firmemente nos braços. — Eu quero você comigo.

— Viver com você — repetiu Ruth, esforçando-se para entender. — Minhas coisas...

— Traga suas coisas. — Nick a sacudiu, frustrado.

— Qual é o problema?

Ruth balançou a cabeça e ergueu a mão para afastar-se.

— Você precisa me dar um tempo para pensar.

— Droga. Pensar em quê? — Nick revelou toda a extensão da sua raiva xingando em inglês.

Ruth estava confusa demais para perceber. Ela podia estar preparada para que ele a pedisse para dar um passo tão grande, mas não estava preparada para que Nick gritasse com ela.

— Eu preciso pensar — disparou. — Você está me pedindo para mudar minha vida, para abrir mão do único lar que eu já tive.

— Eu estou lhe pedindo para ter um lar comigo. — Ele apertou os dedos contra o braço de Ruth. — Eu não quero continuar passando apenas alguns momentos com você.

— Você não pode, você não quer! Eu tenho a última palavra sobre minha vida. Eu não vou ser pressionada desse modo!

— Pressionada? Droga! — Nick ficou zangado, virando-se para a janela, e então voltou para Ruth. — O que você entende de pressão? Cinco anos, cinco anos, esperei por você. Eu queria uma criança, mas tive de esperar até que a criança se tornasse uma mulher. — O inglês dele começou a iludi-lo.

Os olhos de Ruth se arregalaram.

— Você está me dizendo que sentiu... que teve sentimentos por mim desde... desde o começo e nunca me disse?

— O que eu poderia dizer? — perguntou Nick, furioso. — Você tinha 17 anos!

— Eu tinha o direito de fazer minhas próprias escolhas! — Ruth jogou o cabelo para trás e o olhou atravessado.

— Você não tinha o direito de fazer isso por mim.

— Eu lhe dei a oportunidade de escolha quando chegou a hora.

— Você deu! — ela retrucou. A indignação quase a sufocava. — Você é o diretor da companhia, Davidov, não da minha vida. Como ousa achar que pode tomar qualquer decisão por mim?!

— A minha vida também estava envolvida — ele a lembrou. Seus olhos brilhavam enquanto ele falava. — Ou você se esqueceu disso?

— Você sempre me tratou como uma criança — gritou Ruth, ignorando a pergunta. — Você nunca pensou que, entre a minha infância e a dança, eu já era madura muito antes de conhecê-lo. E agora você fica aí e me diz que manteve algo separado de mim por anos para o meu próprio bem. E você me diz para encaixotar minhas coisas e ir morar com você sem me dar tempo para pensar.

— Eu não imaginava que o convite a ofenderia tanto — disse Nick,

com frieza.

— Convite? — perguntou Ruth. — Pois pareceu mais uma ordem. Eu não vou ser mandada para ir morar com você.

— Muito bem, faça como quiser. — Nick ficou olhando fixamente para ela, longamente. — Eu tenho um compromisso.

Ruth arregalou os olhos, com a raiva renovada, quando Nick saiu.

— Eu vou tirar uns dias para mim — disse ela, impulsivamente.

Nick parou com a mão na maçaneta e se virou para Ruth.

— Os ensaios começam dentro de sete dias — disse, muito calmo. — Você vai estar de volta ou será demitida. Eu a deixo escolher.

Ele saiu sem se incomodar em fechar a porta.

Capítulo 14

Lindsay levantou Amanda e a colocou no colo, enquanto Justin brincava de carrinho no piso de madeira.

— O jantar ficará pronto em dez minutos, mocinho — ela o advertiu, colocando seu pé habilmente entre o menino e os carrinhos parados. — Vá lavar as mãos.

— Não estão sujas. — Justin inclinou a cabeça em direção a um brilhante carrinho de corrida, como se o estivesse consertando.

Lindsay estreitou os olhos enquanto Amanda gritava por liberdade.

— Worth pode não concordar — disse. Era sua arma secreta.

Justin enfiou sua Ferrari de brinquedo no bolso e se levantou. Com um muxoxo, saiu da sala.

Lindsay sorriu para ele. Justin tinha um respeito saudável pelo enfadado mordomo inglês. Ela ouvia o rangido dos tênis do seu filho enquanto ele subia as escadas. Justin podia ter usado o banheiro de baixo, mas quando ele agia como um mártir, gostava de fazer isso apropriadamente.

O que espantava Lindsay, quando ela tinha tempo para pensar nisso, era que seu filho tinha apenas quatro anos. Ele já passara da fase de ser um bebê gordinho e era magro como um cachorro de corrida. E, pensou Lindsay, não sem orgulho, ele tinha os cabelos e os olhos da mãe. Olhando em volta da sala, ela fez uma careta para o amontoado de carrinhos e prédios de brinquedo. Justin também herdara a desorganização da mãe, refletiu.

— Ele não se parece nada com você, não é? — Lindsay escondeu o rosto no pescocinho da filha e ganhou uma risadinha do bebê.

Amanda era contida, o reflexo feminino do pai. E, como Seth, era meticulosa. As bonecas estavam arrumadas como um exército no quarto da menina. Ela tinha um jeito quase cômico de empilhar os blocos de brinquedo e construir prédios. O temperamento, talvez Amanda o tivesse herdado de ambos os pais, e ela não era uma daminha quando jogava um bloco no irmão se ele invadisse seu território.

Com um último beijo, Lindsay pôs Amanda no chão e começou a arrumar a bagunça de Justin. Ela parou, com um carrinho na mão, e deu uma olhada para a filha.

— Papai não vai gostar se eu pegar isso.

— Justin é sujo. — Amanda disse isso com o desprezo típico de uma irmã. E mais: ela adorava frases de efeito.

— Não há como discordar — Lindsay comentou, pegando um carrinho na mão — E ele, com certeza, tem que aprender, porque, se o Worth passar por aqui... — Ela deixou o pensamento em suspenso, avaliando a desaprovação de quem preferia encarar. Worth ganhou. Rapidamente, ela começou a esconder as provas. — Eu vou conversar com Justin. Não precisamos contar para o papai.

— Contar o que para o papai? — perguntou Seth, na porta.

— Ah, não! — Lindsay olhou, primeiro, para o teto, depois espiou por sobre o ombro. — Escondendo as travessuras do capetinha de novo, não é?

— Eu o mandei subir para lavar as mãos. — Lindsay tirou os olhos que lhe caíam sobre os olhos e continuou ajoelhada. Amanda se aproximou para se agarrar à perna do pai. Os dois olhavam para ela com uma desaprovação tranquila. — Ah, por favor! — Lindsay riu, sentando-se sobre os calcanhares. — Nós pedimos piedade à corte.

— Bem. — Seth pôs a mão sobre a cabeça da filha.

— Qual deve ser o castigo, Amanda?

— Não pode bater na mamãe.

— Não? — Seth deu um sorrisinho malicioso para Lindsay. Aproximando-se, ele a ajudou a ficar em pé.

— Pelo bem da justiça, acho que isso será necessário.

— Seth a beijou de leve, provocativo.

— Você está aberto a um suborno? — murmurou Lindsay.

— Sempre — disse-lhe Seth, enquanto Lindsay o beijava com mais força.

Justin apareceu na porta com as mãos recém-lavadas. Ele fez uma careta para os pais e então olhou para a irmã.

— Eu achei que iríamos comer.

Uma hora depois Lindsay desceu correndo as escadas, atrasada para suas aulas de balé da noite. Vendo outro carrinho de Justin em um dos degraus, ela o pegou e o enfiou na bolsa.

— Uma vida de crimes — resmungou, abrindo bruscamente a porta da frente. — Ruth! — Surpresa, ela a ficou encarando.

— Oi. Tem um lugar para uma bailarina fugitiva e um gato ligeiramente obeso para o fim de semana?

— Ah, é claro! — Lindsay puxou Ruth por cima do capacho com um abraço apertado. Nijinsky se remexeu entre elas, jogou-se no chão e saiu correndo. Ele não gostava muito de viagens. — É ótimo ver você. Seth e as crianças vão ficar surpresos.

Depois da primeira lufada de prazer, Lindsay percebeu o desespero no abraço de Ruth. Ela a empurrou para examinar-lhe o rosto. Lindsay não teve nenhum problema em descobrir a infelicidade.

— Está tudo bem?

— Sim. — Lindsay a olhava nos olhos. — Não — admitiu Ruth. — Eu preciso de um tempo.

— Tudo bem. — Ela pegou a mochila de Ruth e fechou a porta. — Seu quarto está no mesmo lugar de sempre. Suba e dê um susto em Seth e nas crianças. Eu voltarei em algumas horas.

— Obrigada.

Lindsay saiu correndo pela porta e Ruth respirou fundo.

Dois dias depois, Ruth estava sentada no sofá, com as crianças ao lado. Ela lia em voz alta um dos livros de Justin. Nijinsky cochilava num restinho de sol no chão. Ruth já estava se sentindo em casa.

Ela deveria saber que encontraria exatamente aquilo de que precisava na Mansão Cliff. Nada de perguntas, nada de mimos. Lindsay abrira a porta e Ruth encontrara compreensão e amor.

Depois que saiu do escritório de Nick, Ruth voltou para o apartamento, colocou algumas coisas numa mochila e foi diretamente para Cliffside. Ela sequer pensou no assunto; apenas seguiu seu instinto. Agora, depois de dois dias, soube que seus instintos estavam certos. Havia dores que só a

família era capaz de curar.

— Eu acho que você deve tê-los amarrado e drogado — disse Seth, entrando na sala. — Eles não são tão quietos assim quando dormem.

Ruth riu. As duas crianças subiram no colo do pai assim que ele se sentou.

— Eles são uns anjinhos, tio Seth. — Ruth o viu abraçar as duas crianças ao mesmo tempo. — Você devia se envergonhar por destruir assim a reputação deles.

— Eles não precisam da minha ajuda para isso. — Seth acariciava os cabelos de Amanda. — Worth me contou que havia um pirulito abandonado na cama de alguém esta manhã.

— Eu ia terminar de comê-lo hoje à noite — afirmou Justin, olhando inocentemente para o pai. — Ele não o jogou fora, não é?

— Temo que sim.

— Maluco.

— Ele tinha algumas coisas para dizer sobre o estado dos lençóis — acrescentou Seth, tranquilamente.

Justin transformou sua boca — que herdara da mãe — em um biquinho.

— Eu tenho de pedir desculpas de novo?

— Acho que deveria.

— Eu quero ver. — Amanda já estava se remexendo, ansiosa.

— Eu sempre peço desculpas — disse Justin, cansado. Ruth ficou vendo-o marchar para fora da sala, com

Amanda no seu encalço.

— Você sabe, claro — disse Ruth —, que Worth os adora.

— Sim, mas ele odeia que saibam do segredo dele.

— Seth podia ouvir os tênis dos filhos batendo no chão em direção à cozinha.

— Ele sempre me deu medo. — Ruth deixou o livro de lado. — Todos

os meses que vivi com você, nunca me acostumei com ele.

— Ninguém lida com ele tão bem quanto Lindsay.

Seth se recostou no sofá e deixou sua mente relaxar.

— Ele ainda não percebeu que está sendo manipulado.

— Não há ninguém no mundo como Lindsay — disse Ruth.

— Não mesmo — concordou Seth. — Ninguém.

— Foi assustador se apaixonar por alguém tão... especial?

Ele leu a pergunta nos olhos de Ruth e soube no que ela estava pensando.

— O amor é sempre assustador se for importante. E amar alguém especial só torna as coisas mais difíceis. Lindsay me apavorava.

— Que estranho. Eu sempre pensei que você era invulnerável e destemido.

— O amor torna todos nós covardes, Ruth. — As lembranças dos primeiros meses com Lindsay, antes do casamento, voltaram a Seth. — Eu quase a perdi uma vez. Nada me deu mais medo do que isso.

— Eu os acompanho há cinco anos. — Atenta, Ruth franzia a testa. — O amor de vocês parece não ter mudado.

— Não. — Seth balançou a cabeça. — Eu a amo mais, incrivelmente mais, por isso eu tenho mais a perder.

Os dois a ouviram entrar apressadamente pela porta da frente.

— Deus me livre de mães que querem que suas filhas sejam Pavlovas depois de cinco aulas!

— Ela chegou — disse Seth, rindo.

— A sra. Fitzwalter — começou Lindsay, sem preâmbulos, irrompendo na sala — quer que Mitzie faça aulas com Janet Conner. Ela não se dá conta de que Janet está tendo aulas há dois anos e que Mitzie começou há apenas duas semanas. — Lindsay se jogou em uma poltrona, revoltada.

— Ela não se dá conta de que Janet tem talento e Mitzie tem os pés chatos. Mitzie quer ter aulas com sua melhor amiga, e a sra. Fitzwalter quer

lhes dar carona.

— Você, claro, explicou a situação diplomaticamente.

— Seth arqueou a sobrancelha.

— Eu sou a rainha da diplomacia. Worth está me ensinando. — Ela se virou para Ruth. — Mitzie está cinco quilos acima do peso e não consegue fazer a primeira posição. Janet já fica na ponta dos pés há dois meses.

— É melhor você encontrar outra pessoa para ela dar carona — sugeriu Ruth.

— Foi o que fiz — sorriu Lindsay, satisfeita consigo mesma. O sorriso desapareceu quando ela percebeu o silêncio anormal. — Onde estão as crianças?

— Pedindo desculpas — contou-lhe Seth.

— Ah, querido, de novo? — Lindsay suspirou e sorriu. Levantando-se, foi até Seth. — Oi. — Ele se inclinou e a beijou. — Você resolveu aquele problema com as vigas da construção?

— Quase — respondeu ele, puxando-a para perto para beijá-la melhor.

— Você é tão inteligente! — Lindsay se sentou no braço da poltrona de Seth.

— Claro.

— E você trabalha tanto! Trancado naquele escritório todos os dias, até aos sábados. — Ela lhe deu a mão. — Vamos todos andar na praia.

Seth começou a concordar, mas parou.

— Vá você com Ruth. As crianças precisam tirar uma soneca. E eu acho que vou me juntar a elas.

Lindsay olhou para ele, surpresa. A última coisa que Seth faria numa linda tarde de sábado seria tirar uma soneca. Mas o recado chegou até ela rapidamente, e então Lindsay se virou para Ruth sem alterar a voz.

— Sim, vamos. Eu preciso de um pouco de ar fresco depois da sra. Fitzwalter.

— Tudo bem. Eu preciso de um casaco?

— Um casaco leve.

Lindsay olhou para Seth quando Ruth foi buscar algo para se proteger do frio.

— Eu já lhe disse hoje como você é maravilhoso e como eu o adoro?

— Não que eu me lembre. — Ele levantou a mão para Lindsay. — Diga-me agora.

— Você é maravilhoso e eu o adoro. — Ela o beijou novamente antes de se levantar. — Eu devo adverti-lo de que Justin me disse ontem mesmo que ele está velho demais para tirar sonecas.

— Nós discutiremos isso.

— Diplomáticamente? — perguntou Lindsay, sorrindo para trás enquanto andava pela sala.

O ar tinha o cheiro do oceano. Ruth quase se esquecera daquele perfume forte e limpo. A praia era comprida e cheia de pedras, com ondas barulhentas. Uma folha, às vezes, caía das árvores nas margens, ou passava correndo pela areia à frente delas.

— Eu sempre amei isso daqui. — Lindsay enfiou as mãos nos bolsos fundos do casaco.

— Eu odiei quando cheguei aqui — refletiu Ruth, olhando para a faixa de areia enquanto caminhavam. — A casa, o barulho, tudo.

— É, eu sei.

Ruth lhe deu uma olhada rápida. Sim, pensou, Lindsay sabia.

— Não sei quando parei de odiar. Parece que eu simplesmente acordei um dia e descobri que era o meu lar. O tio Seth teve muita paciência.

— Ele é um homem paciente. — Lindsay deu uma gargalhada. — Às vezes, paciente demais. Eu xingo e grito e ele calmamente ganha as brigas. O jeito controlado dele pode ser frustrante, às vezes. — Ela estudava o perfil de Ruth. — Você é muito parecida com ele.

— Eu? — Ruth ficou pensando naquilo por um momento. — Eu não tenho pensado em mim mesma como uma pessoa muito controlada ultimamente.

— Ele também tem seus momentos de recaída. — Lindsay se inclinou

para pegar uma pedra e a enfiou no bolso, um hábito que não perdera.

— Lindsay, você não perguntou por que eu vim tão de repente ou por quanto tempo pretendo ficar.

— E sua casa, Ruth. Você não precisa explicar por que vem aqui.

— Eu disse ao tio Seth que não há ninguém no mundo como você.

— Disse? — Lindsay sorriu e tirou um pouco do cabelo esvoaçante que lhe caía sobre os olhos. — Este é o melhor tipo de elogio, acho.

— É o Nick — Ruth disse, subitamente.

— Sim, eu sei.

Ruth deixou escapar um longo suspiro.

— Eu o amo, Lindsay. E estou assustada.

— Eu sei como você se sente. Você está lutando contra isso, suponho.

— Sim. Ah, tem tantas coisas. — A voz de Ruth se encheu repentinamente com a tristeza da frustração. — Eu tentei arrumar tudo na minha cabeça nos últimos dias, mas nada parece fazer sentido.

— Estar apaixonada não tem muito sentido. Esta é a primeira regra. — Elas chegaram a um monte de pedras, e Lindsay se sentou.

Tinha sido bem ali, lembrou-se, que Seth e ela haviam ficado naquele dia. Lindsay estava apaixonada e assustada, porque nada fazia sentido. Ruth descera da casa com o gatinho dentro da jaqueta. Ela tinha 17 anos e medo de deixar as pessoas se aproximarem demais. Talvez Ruth ainda estivesse sendo cautelosa, pensou Lindsay, voltando a olhar para ela.

— Quer conversar sobre isso? Ruth hesitou por um momento.

— Sim, acho que quero.

— Então sente-se e conte-me tudo, desde o começo. Foi simples, depois que Ruth começou. Ela contou como eles tinham ficado juntos, de repente, depois de tantos anos de trabalho lado a lado. Ruth contou como foi surpreendente quando Nick lhe disse que a amava e da frustração de não terem tempo para ficarem juntos. Ela não deixou escapar nada: as discussões com Leah, a mudança de humor de Nick, suas próprias incertezas.

— Então, no dia em que saí, Nadine conversou comigo. Ela queria que eu soubesse que, se eu e Nick tivéssemos uma briga e não pudéssemos mais trabalhar juntos, ela teria de me demitir. Eu fiquei furiosa porque não conseguíamos manter o que tínhamos só entre nós. — Ela mirava as ondas que quebravam, se sentindo impotente.

— Antes que eu tivesse a oportunidade de me acalmar, Nick estava exigindo que eu abandonasse meu apartamento e fosse morar com ele. Isso mesmo — acrescentou, olhando de novo para Lindsay. — Exigindo. Ele estava com tanta raiva, em pé, gritando comigo sobre o que ele queria. Ele me jogou na cara que me queria há cinco anos e que jamais disse nada. Eu mal pude acreditar. Que ousadia!

Ruth ficou em silêncio, tentando conter o arroubo de raiva.

— Eu não aguento pensar que Nick estava dirigindo minha vida. Ele não estava sendo razoável, e se tornava mais russo a cada minuto. Era para eu encaixotar as minhas coisas e me mudar para a casa dele sem nem ao menos pensar. Ele nem perguntou; ele mandou, como se estivéssemos apresentando seu mais recente balé. Não, — corrigiu-se e levantou, incapaz de continuar sentada, — ele era mais humano quando estávamos no palco. Ele nunca perguntou o que eu estava sentindo. Ele simplesmente jogou isso para cima de mim logo depois da minha rápida conversa com Nadine e depois de uma cansativa semana de gravações.

Ruth perdeu as forças de uma vez e tornou a sentar-se.

— Lindsay, nunca me senti tão confusa em toda a minha vida.

Distraidamente, Lindsay brincava com a pedra em seu bolso. Ela ouvira todo o discurso de Ruth sem interrompê-la nem uma vez.

— Bem — disse, finalmente. — Eu tenho uma regra clara a respeito de não dar conselhos. — Em silêncio, ela olhou o mar. — Mas regras foram feitas para serem quebradas. O quão bem você conhece o Nick?

— Não tão bem quanto você — disse Ruth, sem pensar.

— Ele foi apaixonado por você. — As palavras saíram antes que ela percebesse o que estava dizendo. — Ah, Lindsay.

— Ah, mesmo. — Ela encarou diretamente Ruth.

— Quando eu entrei para a companhia, Nadine estava lutando para

mantê-la ativa. A chegada de Nick deu a ela o fôlego necessário, mas havia problemas internos, pressões financeiras que as pessoas de fora em geral ignoram. Eu sei que você acha que Nadine foi dura com você — ela, com certeza, foi —, mas a companhia é tudo o que ela tem. Para mim, agora, à distância, é mais fácil entender isso. Nem sempre foi assim.

— De qualquer modo — acrescentou —, a chegada de Nick foi um momento decisivo. Ele era jovem e estava sob os holofotes em um país estranho. Ele mal falava um inglês coerente. Francês, italiano e um pouco de alemão, sim, mas Nick teve de aprender inglês do zero. De todas as pessoas, você é a que melhor deveria entender como é estar num país estranho, com costumes estranhos, como é ser um estrangeiro.

— Sim — murmurou Ruth. — Sim, eu sei.

— Muito bem, então. — Lindsay passou os braços ao redor dos joelhos. — Tente imaginar um homem de vinte anos que acabou de tomar a decisão mais importante de sua vida. Ele saíra do seu país, abandonando amigos e família. Sim, Nick tem uma família — disse Lindsay, percebendo a surpresa no rosto de Ruth. — Não foi fácil para ele, e aqueles primeiros anos o tornaram muito cauteloso. Havia muitas pessoas ali ansiosas em explorá-lo — explorar a história dele, seu passado. Nick aprendeu a editar sua vida. Quando eu o conheci, ele já era Davidov, um nome com letras maiúsculas.

Lindsay ficou em silêncio algum tempo, observando as ondas crescendo além das pedras.

— Sim, eu me senti atraída por ele, muito atraída. Talvez um pouco apaixonada, durante um período. Pode ter acontecido o mesmo com ele. Nós éramos bailarinos, jovens e ambiciosos. Talvez, se meus pais não tivessem sofrido aquele acidente, e se eu tivesse ficado na companhia, algo poderia ter surgido entre nós. Não sei. Eu conheci Seth. — Lindsay sorriu, dando uma olhada para a Mansão Cliff. — O que eu sei é que, independentemente do que poderia ter acontecido entre mim e Nick, não teria sido a melhor decisão para nós dois. Não há ninguém no mundo para mim além de Seth. Agora e para sempre.

— Lindsay, eu não quis ofender. — Ruth fez um gesto de arrependimento.

— Você não ofendeu. Nós estamos todos envolvidos nisso. E é por esse

motivo que estou quebrando minha regra de não dar conselhos. — Ela parou por um momento. — Nick conversava comigo naquele tempo porque ele precisava de alguém. Havia muito poucas pessoas nas quais ele sentia que podia confiar. Nick achava que podia confiar em mim. Se ele não lhe contou algumas coisas, foi simplesmente porque se tornou um costume para ele não insistir no que deixou para trás. Nick é um homem que olha para a frente. Mas ele sente, Ruth; não pense que ele não sente.

— Eu sei disso — disse Ruth, baixinho. — Eu só queria compartilhar as coisas com ele.

— Quando ele estiver preparado, você vai — disse Lindsay, com simplicidade. — Nick transformou o balé na coisa mais importante da sua vida, sem poder escolher, à revelia. Pelo que você me contou, parece que há algo começando a mudar esse cenário. Eu imagino que ele esteja apavorado com isso.

— Sim. — Ruth se lembrou do que seu tio lhe dissera. — Eu não pensei que ele se sentia assim também.

— Quando um homem, especialmente um homem com talento para as palavras e para o palco, pede a uma mulher para viver com ele tão desajeitadamente, suponho que ele esteja se borrando de medo. — Lindsay riu um pouco e tocou a mão de Ruth. — Agora, quanto a Leah e o resto dessa coisa boba de a relação interferir na carreira de vocês, você deveria saber muito bem. Depois de cinco anos com a companhia, você deveria ser capaz de perceber a inveja quando a esfregam no seu rosto. Ruth suspirou.

— Eu sempre fui capaz de ver isso antes.

— Agora as apostas são mais altas. O amor pode camuflar as coisas. — Lindsay observou Ruth em silêncio. — E o quanto você pretende ceder a ele?

Ruth abriu a boca para falar, mas a fechou novamente.

— Não muito — admitiu. — Eu estou com medo também. Ele é um homem muito forte, Lindsay; a personalidade dele é assustadora. Eu não quero me perder. — Ruth olhava para Lindsay, curiosa. — Isso é errado?

— Não. Se você fosse fraca e se curvasse a todas as ordens dele, Nick não estaria apaixonado por você. — Ela pegou a mão de Ruth e a apertou. — Nick precisa de uma parceira, Ruth, não de uma fã.

— Às vezes ele é muito arrogante. Insuportável.

— Sim, graças a Deus! Ruth riu e a abraçou.

— Lindsay, eu precisava vir para casa.

— Você veio. — Lindsay retribuiu o abraço. — Você o ama?

— Sim. Sim, eu o amo.

— Então, faça a mala e corra atrás dele. O tempo é precioso. Ele está na Califórnia. — Ela sorriu ao ver a cara de espanto de Ruth. — Eu liguei para Nadine esta manhã. Eu já estava decidida a quebrar minhas regras.

Capítulo 15

Os pés de Nick afundavam na areia. Ele estava correndo por quase cinco quilômetros. O sol nascia lentamente, criando um brilho dourado no mar. A aurora estava no começo e o céu cinzento quando Nick começara. Ele tinha a praia toda para si. Era cedo demais até mesmo para os corredores mais entusiasmados. Nick gostava de ver a praia se transformar em ouro sob o sol, do lamento vazio das gaivotas sobre sua cabeça e do sibilar das ondas ao lado dele.

A única pressão que havia ali era a que ele mesmo colocava sobre seu corpo. Como a dança, a corrida também Pode ser um desafio solitário. E ali, também, Nick podia esquecer sua dor. Hoje, se ele corresse bem rápido e para muito longe, talvez pudesse parar de pensar em Ruth.

Como pôde ter sido tão estúpido? Nick se xingou novamente, aumentando a velocidade. Que hora! Que jeito! Ele quis dar a ela mais espaço, quis esperar até que o cenário fosse favorável. Nada saiu do modo como Nick pretendia. Ele tinha mesmo a mandado encaixotar suas coisas? O que tomara conta dele? Ansiedade, frustração, desejo. Medo. A coreografia que ele cuidadosamente criara se transformara em passos em falso.

Nick quis acalmá-la convidando-a a morar com ele, quis deixar que Ruth se acostumasse à ideia de um compromisso antes de lhe propor um casamento. Mas ele destruíra tudo com arrogância e raiva.

Depois que começou, Nick não conseguiu mais se conter. E como Ruth olhava para ele! Primeiro, surpresa, depois, furiosa. Como pôde ter sido tão desastrado? Houvera uma infinidade de mulheres em sua vida, e Nick jamais teve problemas em lhes dizer o que sentia — e o que não sentia. Em quantas línguas ele podia fazer amor? Por que, quando finalmente era importante, Nick se sentiu paralisado como um idiota afobado? E foi assim que ele agiu em cada momento da conquista de Ruth.

Conquista! Ele se repreendeu e continuou correndo, enquanto o sol se levantava no horizonte. Nick se obrigou a correr num ritmo opressor, de punição. Como ele a conquistara? Nick a possuía como um louco na primeira vez e, quando lhe disse que a amava, foi elegante? Um jovem teria demonstrado mais cuidado!

Ao longo, no mar, um cardume de golfinhos se revezava, dando saltos no ar; era um belo e bem coreografado balé aquático. Nick continuou correndo.

Ela não vai voltar, pensou Nick, mal-humorado. Então, desesperou-se. "Meu Deus, o que vou fazer? Vou me dedicar totalmente à companhia e a nada mais, como a pobre da Nadine? Foi para isso que serviram todos esses anos? Todas as vezes que eu dançar, ela estará lá, fora do meu alcance. Ruth irá para outra companhia, onde dançará com Mitchell ou Kirminov." Seu sangue ferveu ao pensar nisso.

Eu a arrastarei de volta. Nick corria, deixando que a dor tomasse conta do seu corpo. Ela é tão nova! Que direito ele tinha de obrigá-la a voltar para ele? Ele poderia fazer isso? Não é certo; um homem não deve correr atrás de uma mulher quando ela o abandona. Existe uma coisa chamada orgulho. Ele não faria isso.

Claro que eu farei, pensou, virando-se e voltando de repente para a casa. Nick não diminuiu a velocidade. Claro que faria.

Ruth estacionou em frente à casa e ficou sentada no carro alugado, deixando o motor ligado. Era uma casa de dois andares, de madeira gasta pelo vento e pelo sal, com vidraças brilhantes. Impressionante, tio Seth, pensou, admirando as linhas limpas e retas, e o uso generoso dos espaços abertos planejados por seu tio ao desenhar a casa.

Engolindo em seco, Ruth se perguntou pela centésima vez como entraria no assunto. Todas as falas cuidadosamente ensaiadas durante o voo pareciam bobas ou forçadas.

— Nick, eu acho que nós precisamos conversar — tentou, em voz alta, e então pousou a testa no volante do carro. Genial! Por que então não usar um "Oi, Nick, eu estava passando por aqui e resolvi visitá-lo"? Muito original.

"Faça o que tem de ser feito", disse Ruth para si mesma. "Suba e bata na porta, e deixe acontecer." Ruth desligou o motor e saiu do carro. Os seis degraus que levavam à porta da casa pareceram muito altos. Respirando fundo, como fizera tantas vezes antes de um jeté, das coxias, Ruth os subiu.

"Agora bata", ordenou a si mesma, parada em frente à porta, "só

levante a mão, feche os dedos e bata." Ruth levou um minuto para conseguir fazer isso. Ela esperou, a respiração presa. Nenhuma resposta. Com mais determinação, bateu novamente. E esperou.

Incapaz de suportar o suspense por mais tempo, ela pôs a mão na maçaneta e a girou. Ruth quase caiu para a frente quando a porta se abriu ao seu toque. Ela estava mais acostumada às trancas e cadeados de Manhattan.

A sala de estar aparentemente ocupava todo o primeiro andar. A parede dos fundos era quase toda de vidro, proporcionando uma visão impressionante do oceano Pacífico. Por um momento, Ruth se esqueceu de sua própria ansiedade. Ela vira outras construções desenhadas por seu tio, mas aquela era uma obra-prima.

O piso era de madeira, adornado aqui e ali por uns poucos tapetes amarelados. Não havia quadros nas paredes. O mar era a arte que bastava. Os objetos eram poucos, mas Ruth pegou um sino delicado de bronze, usado para chamar o mordomo, que a deixou incrivelmente satisfeita. Havia um bar com prateleiras suspensas, nas quais se enfileiravam copos de várias cores. O sofá era confortável e cheio de almofadas. Um lustroso piano de cauda em mogno ficava no fundo da sala, com o tampo aberto. Ruth foi até ele e pegou uma partitura.

Havia notas musicais escritas com a caligrafia meticulosa de Nick nas margens. O alfabeto russo era ininteligível para ela, mas Ruth começou a dedilhar a melodia no piano.

O novo balé? Ela escutava cuidadosamente a nova música. Com um sorriso, Ruth devolveu o papel ao seu lugar. Nick era incrível, pensou. Davidov tinha mais criatividade do que qualquer pessoa que ela conheceria.

"Mas onde está ele?", se perguntou.

Ruth se virou para olhar por toda a sala mais uma vez. Será que Nick tinha voltado para Nova York? Não sem trancar a porta e com as folhas de seu novo balé ainda sobre o piano! Ela deu uma olhada no relógio e se lembrou que ainda estava no fuso horário da Costa Leste. Calculando apressadamente a diferença de horário, Ruth viu que era cedo! Nick estaria provavelmente na cama.

Lentamente, subiu as escadas para espiar. Ela não podia subir lá. Contraíu a boca. Ela podia chamá-lo. Ruth abriu a boca, mas a fechou,

bufando, irritada. O que ela diria? Ooooooi, Nick, já é hora de levantar. Ruth levou os dedos à boca para abafar uma risada de nervoso.

Respirando fundo, pôs a mão no corrimão e começou a subir as escadas.

Nick abriu as portas duplas de vidro que levavam à sala de estar. Ele respirava com sofreguidão. O suor em sua camiseta formava um V, do pescoço à cintura. O cansaço ajudara. Nick se sentia mais aliviado. Ele subiria para tomar um banho e então passaria o dia trabalhando em seu novo balé. Seu plano de voltar para o leste e arrastar Ruth de volta com ele era uma ideia de louco.

A meio caminho do quarto, ele parou. Nick sentiu um perfume irresistível de flores do campo. Deus! Será que ele nunca conseguiria se livrar dela?

Que direito tinha Ruth de fazer isso com ele, de assombrá-lo aonde quer que ele fosse? Ela que se dane, Nick pensou, furioso. Cansei disso!

Correndo para o telefone, ele o tirou do gancho e discou o número de Ruth em Nova York. Sem a menor ideia do que diria, Nick esperou, numa fúria cega, que Ruth o atendesse. Xingando, desligou mais uma vez. Onde será que ela está? Na companhia?, pensou. Não, Nick balançou a cabeça imediatamente. Lindsay. Claro, aonde mais ela iria?

Nick pegou o telefone novamente e discou o número quando foi surpreendido por um barulho. Franzindo a testa, olhou na direção da escada Ruth descia, com o rosto também contraído.

Seus olhos se encontraram instantaneamente.

— Então você está aqui — disse ela, rezando para que suas palavras não soassem tão estúpidas quanto pareciam. — Eu estava procurando por você.

Com extremo cuidado, Nick recolocou o telefone no gancho.

— Mesmo?

Embora a reação dele estivesse longe de ser graciosa, Ruth desceu os degraus restantes.

— Mesmo. Sua porta estava destrancada. Eu espero que não se

importe por eu ter entrado.

— Não.

Ela se remexia, nervosa, concentrando todos os esforços para manter o sorriso.

— Eu percebi que você começou a trabalhar no novo balé.

— Comecei, sim. — As palavras foram ditas cuidadosamente, espaçadas. Nick não parava de olhar para Ruth.

Incapaz de suportar o olhar dele, Ruth se virou para perambular pela sala.

— Este lugar é adorável. Entendo porque você sempre vem para cá quando pode. Nós ficamos numa casa no Pacífico uma vez, no Japão.

Ruth começou a vaguear, mal sabendo o que estava dizendo, mas sentindo que era preciso preencher o vazio com palavras. Nick continuava em silêncio, olhando para as costas dela enquanto Ruth admirava o mar.

Ao perceber que seus músculos estavam dolorosamente contraídos, Nick se obrigou a relaxar. Ele não ouvira uma palavra do que Ruth dissera.

— Você veio para apreciar a paisagem? — perguntou, interrompendo-a.

Ruth estremeceu, mas se recompôs antes de se virar.

— Eu vim para ver você — disse-lhe. — Eu tenho algo a dizer.

— Muito bem. — Ele fez um gesto com a mão. — Pois então diga.

O gesto displicente de Nick a irritou.

— Ah, é o que eu pretendo. Sente-se.

Nick arqueou a sobrancelha diante daquela ordem. Depois de um momento, foi até o sofá.

— Estou me sentando.

— Você pratica a arte de ser insuportável, Davidov? Ou é um talento natural?

Nick esperou um pouco, então se recostou contra as almofadas.

— Você viajou cinco mil quilômetros para me dizer isso?

— E mais — retrucou Ruth. — Eu não pretendo ser soterrada por você, pessoal ou profissionalmente. Vamos conversar sobre a dança primeiro.

— De qualquer modo... — Nick levantou a mão, mas a abaixou em seguida. — Por favor, continue.

— Eu sou uma boa bailarina, e com ou sem você como par continuarei sendo uma boa bailarina. Na companhia você pode me dizer para dançar até que meus pés sejam amputados, e eu farei isso. Você é o diretor.

— Eu sei muito bem disso. Ruth o olhou atravessado.

— Mas só até esse ponto. Você não manda na minha vida. O que quer que eu faça ou não faça é escolha minha, e minha responsabilidade. Se eu escolher ter uma dúzia de namorados ou viver como eremita, você não tem nada o que dizer sobre o assunto.

— Tem certeza? — Ele disse aquilo com frieza, ainda acomodado no sofá, mas a fúria saltava dos olhos dele.

— Eu o conheço. — Ruth deu mais um passo na direção de Nick. — Enquanto eu for livre, até que assumo um compromisso, não é da conta de ninguém como vivo ou o que faço. Ninguém o questiona, Davidov. Você não permitiria. Bem, eu também não permitirei. — Ela pôs as mãos na cintura. — Se você acha que vou agir como uma menina boazinha e fazer minhas malas só porque você está mandando, está redondamente enganado. Eu não sou uma garotinha, e não vou acatar ordens de ninguém. Eu faço minhas próprias escolhas. — Ruth foi até ele.

— Você espera que todos sempre estejam ansiosos para fazer suas vontades — acrescentou, fora de si. — Mas é melhor você se preparar para uma surpresa. Eu não pretendo me transformar numa subalterna sua. Parceiros, Davidov, em todos os sentidos. Se você me quiser, vai ter de se casar comigo. É isso. — Ruth cruzou os braços e esperou.

Nick se endireitou lentamente no sofá e, esperando um pouco, levantou-se.

— Isso é um ultimato?

— Pode apostar que é.

— Entendo. — Ele a olhava, pensativo. — Parece que você não me dá

muitas opções. Você quer se casar em Nova York?

Ruth abriu a boca, mas, sem palavras, apenas pigarreou.

— Bem, sim... eu acho.

— Você imagina uma cerimônia reservada ou uma grande festa?

Sem a mesma impetuosidade, Ruth ficou olhando para Nick, confusa.

— Eu não sei... Eu não pensei...

— Bem, você pode decidir no avião, não é? — Nick sorria estranhamente para ela. — Devo fazer as reservas agora?

— Sim. Não — disse quando Nick se virou para pegar o telefone. Ele inclinou a cabeça e esperou. — Tudo bem, sim, vá em frente. — Ruth foi até a janela e olhou para fora. Por que, ela se perguntava, por que isso tudo parece errado?

— Ruth. — Nick esperou até que ela se virasse. — Eu disse a você que a amo, mas eu disse estas mesmas palavras para mulheres das quais sequer me lembro. As palavras não têm muito sentido.

Ela engoliu em seco e sentiu que a dor estava começando. Toda a imensidão da sala os separava.

— Não lhe mostrei, como eu queria, o que sinto. Eu sou um desastre perto de você. — Nick abriu a mão. — É uma coisa difícil para um bailarino admitir. Se eu não fosse tão desastrado, poderia lhe dizer que o que vivo não é vida sem você. Eu poderia lhe dizer que você é o sentido da minha vida, o coração, os músculos, os ossos. Eu poderia lhe dizer que só há o vazio e a dor na sua ausência. Eu poderia lhe dizer que ser seu parceiro, seu marido, seu namorado é o que eu mais quero. Mas... — Ele balançou a cabeça. — você me torna um desastrado, e tudo o que eu consigo lhe dizer é que a amo, e espero que isso baste.

—Nick! — Ruth correu até ele, e Nick a pegou nos braços antes que ela chegasse à metade da sala.

Nick a abraçou com força, sentindo-se inundado pela alegria de tê-la em seus braços novamente.

— Quando eu a vi descendo as escadas, pensei que fosse um sonho. Eu achei que estava ficando maluco.

— Eu achei que você ainda estivesse dormindo.

— Dormir? Eu acho que não durmo desde que você me deixou. — Ele a apertou. — Nunca mais — disse, determinado. — Pode me odiar, grite comigo, mas nunca mais me deixe. — Ele a colocou no chão, selando a promessa.

Ruth reagiu com o desejo e o calor que Nick pedia. Ela enfiou os dedos nos cabelos dele e o apertou, querendo se afundar na correnteza que corria entre eles. O desejo percorria todo o corpo de Ruth, um desejo rude e desesperado que a fez beijá-lo com mais vontade. Com o desejo, veio uma avalanche de sensações: o sabor de Nick, seu perfume, a textura ao mesmo tempo grossa e macia dos cabelos dele.

— Eu o amo — ela disse, movendo a boca, mas sem emitir qualquer som. — Eu o quero.

Ruth sentiu que Nick abria o zíper em suas costas e deixava que o vestido caísse no chão. Ele deixou escapar um gemido rouco quando passou a mão pelo lado do corpo dela.

— Tão pequena, lyubovnitsa, que eu tenho medo de machucá-la.

— Eu sou uma bailarina — lembrou-lhe Ruth, ansiosa para ser tocada pelas mãos dele por sob o tecido fino de sua camisa. — Forte como um touro. — Eles deitaram no sofá, seus corpos entrelaçados. — Eu estava com medo — murmurou Ruth, fechando os olhos enquanto as mãos de Nick a excitavam. — Com medo de confiar em você, de amar você, de perder você.

— Nós dois estávamos. — Nick a puxou para mais perto e a ficou abraçando. — Mas chega de sentir medo.

Ruth passou a mão por baixo da camiseta de Nick, para pousá-la no coração dele. Davidov, pensou. Por quantos anos ela reverenciara a lenda? Agora aquele homem era dela. E ela era dele. Ruth segurava o coração de Nick, para ter certeza disso. Sorrindo, ela pôs os lábios no pescoço dele e ali permaneceu.

— Davidov?

— Hummm?

— Você vai mesmo se render àquele ultimato?

Nick pôs a mão nos seios dela.

— Eu pensei nisso. Parece que não há saída. Você foi muito enfática. Eu acho que vou agradá-la.

— Ah, vai mesmo? — ela perguntou, rindo.

— Sim, mas eu não vou deixar que você tenha uma dúzia de amantes, a não ser que todos eles sejam eu.

— Nick deslizou sua boca numa viagem sedutora ao longo do queixo dela. — Eu acho que deveria mantê-la bem ocupada.

— Talvez — disse Ruth, suspirando com luxúria quando Nick começou a desabotoar-lhe a blusa.

Ele a beijou e arrebatou, continuando a desnudá-la.

— Eu serei um marido muito ciumento. Irrazoável, talvez violento. — Nick ergueu o rosto e sorriu para ela.

— Muito difícil de conviver. Ainda devo reservar aquele voo?

Ruth abriu os olhos para mirar os olhos de Nick. Ela sorriu.

— Sim. Amanhã.

Fim

Este livro foi distribuído cortesia de:



Para ter acesso próprio a leituras e ebooks ilimitados GRÁTIS hoje, visite:

<http://portugues.Free-eBooks.net>

Compartilhe este livro com todos e cada um dos seus amigos automaticamente, selecionando uma das opções abaixo:



Para mostrar o seu apreço ao autor e ajudar os outros a ter experiências de leitura agradável e encontrar informações valiosas, nós apreciaríamos se você

["postar um comentário para este livro aqui"](#) .



Informações sobre direitos autorais

Free-eBooks.net respeita a propriedade intelectual de outros. Quando os proprietários dos direitos de um livro enviam seu trabalho para Free-eBooks.net, estão nos dando permissão para distribuir esse material. Salvo disposição em contrário deste livro, essa permissão não é passada para outras pessoas. Portanto, redistribuir este livro sem a permissão do detentor dos direitos pode constituir uma violação das leis de direitos autorais. Se você acredita que seu trabalho foi usado de uma forma que constitui uma violação dos direitos de autor, por favor, siga as nossas Recomendações e Procedimentos de reclamações de Violação de Direitos Autorais como visto em nossos Termos de Serviço aqui:

<http://portugues.free-ebooks.net/tos.html>